



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA –UFSB  
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS-IHAC=  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES ÉTNICO-  
RACIAIS CAMPUS SOSÍGENES COSTA – PORTO SEGURO**

**A RECEPÇÃO ESTÉTICA DAS MULHERES NO FUNK E HIP HOP:**

**O OUVIR DE UMA ESPECTADORA**

**Regiane Soares Santos**

**Orientadora: Dra. Dodi Tavares Borges Leal**

**PORTO SEGURO-BA**

**2021**

**REGIANE SOARES SANTOS**

**A RECEPÇÃO ESTÉTICA DA MULHER NO FUNK E HIP HOP:**

**O OUVIR DE UMA ESPECTADORA**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal do Sul da Bahia, como exigência para a defesa do artefato pedagógico do Programa de Pós-Graduação em Educação Étnico Racial-PPGER/UFSB/CSC.

**Orientadora: Dra. Dodi Tavares Borges Leal**

**PORTO SEGURO-BA**

**2021**

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)  
Universidade Federal do Sul da Bahia – Sistema de Bibliotecas

S237r Santos, Regiane Soares, 1989 -  
A recepção estética das mulheres no Funk e Hip Hop: o ouvir  
de uma espectadora. / Regiane Soares Santos. – Porto Seguro,  
2021.  
114 f.

Orientadora: Dodi Tavares Borges Leal  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Sul da  
Bahia. Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações  
Étnico-Raciais. Campus Sosígenes Costa.

1. Funk. 2. Recepção. 3. Hip Hop. 4. Mulheres. 5. Música. I.  
Leal, Dodi Tavares Borges. II. Título.

CDD – 781

Elaborado por Lucas Sousa Carvalho - CRB-5/ 1883



**Universidade Federal Do Sul Da Bahia – UFSB**  
**Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação – PROPPG**  
**Programa de Pós-graduação em Ensino e Relação Étnico-Racial – PPGER**

**Ata de Qualificação de**

Aos dias 08 do mês de junho do ano de 2021, às 09h00min, na sala virtual com link de transmissão <https://meet.google.com/kxh-aqya-kcc>, reuniram-se as membras da banca examinadora composta pelas docentes Prof<sup>a</sup>. Dra. Dodi Tavares Borges Leal (presidenta da banca), Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria do Carmo Rebouças da Cruz Ferreira dos Santos (membra interna ao programa), Prof<sup>a</sup> Dra. Aline Nunes de Oliveira (membra externa ao programa), Prof<sup>a</sup>. Dra. Mariana Fernandes dos Santos (membra interna à UFSB), a fim de arguirem a mestranda **Regiane Soares Santos**, na defesa de sua dissertação cujo trabalho de pesquisa intitula-se “**A recepção estética das mulheres no funk e hip hop: o ouvir de uma espectadora**”. Aberta a sessão pela presidenta da banca, coube à candidata na forma regimental, expor o tema da sua dissertação dentro do tempo regulamentar, sendo em seguida questionada pelas membras da banca examinadora, tendo dado as explicações que foram necessárias.

As membras da banca consideraram a dissertação:

- ( ) Aprovado
- ( x ) Aprovada com modificações
- ( ) Não aprovado, devendo ser realizada nova defesa no prazo de \_\_\_\_ meses.

**Recomendações da Banca:**

A banca aprova a dissertação com modificações que estão disponíveis na gravação, nos campos teórico, metodológico e conceitual, inclusive a sistematização do produto. Concede-se à candidata o período regimental de 90 dias para a realização das revisões e modificações para o depósito final.

**Banca Examinadora:**



---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Dodi Tavares Borges Leal (UFSB)

*Presidenta da banca*



---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria do Carmo Rebouças da Cruz Ferreira dos Santos

*Membra interna do PPGER/UFSB*



---

Prof<sup>ª</sup> Dra. Aline Nunes de Oliveira

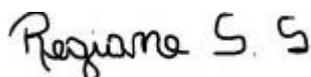
*Membra externa ao Programa*



---

Prof<sup>ª</sup> Dra. Mariana Fernandes dos Santos

*Membra externa à UFSB*



---

Regiane Soares Santos  
*Candidata*

## AGRADECIMENTOS

Nessa minha trajetória de vida, resalto que grandes transformações ocorreram dentro de mim. Por mais que a vida seja cheia de intempéries, ainda assim, reconheço o quanto tenho que aprender e agradecer!

Gratidão à Deus pela saúde, pelo conhecimento, pela força, por ter chegado até aqui.

Agradeço infinitamente a minha eterna mãe, mulher guerreira, tudo que eu sou hoje é fruto dos seus ensinamentos, apoio e muito afeto recebido.

Agradeço a minha família, amigos, colegas pelo apoio, amor e carinho por mim.

Gratidão à minha orientadora: Dodi Leal, pelas brilhantes orientações, pelos momentos de risos e por enriquecer meu conhecimento nessa minha linha de estudo.

Gratidão pela vida da Mariana Fernandes, nunca me esquecerei do quanto aprendi com você. Obrigada por tudo. Aquela frase emitida por você está desenhada em meu coração, ao me dizer “Porque você, Regi, não veio ao mundo para pouca coisa”. Gratidão!

Dedico esse meu texto a todas as mulheres!

Que a beleza, o amor e o conhecimento façam parte em cada pensamento manifestado nessa produção textual.

Que todas as mulheres sejam representadas com muito respeito, com olhar de empatia e de muita sensibilidade.

## RESUMO

Esse texto inscreve-se no interior da práxis social, tecendo o indispensável diálogo acerca da presença de mulheres negras e trans no espaço discursivo da música, especificamente o movimento cultural *Hip Hop* e *funk*. É na escuta enquanto espectadora do universo musical que essa pesquisa visa estar sensível à recepção de lugares de fala das personagens, retratando a história de vida em cada letra, bem como elucidar quem são esses corpos, que por muito tempo têm sido silenciados, marginalizados pela sociedade. Assim, esse estudo conta com o trabalho das cantoras Karol Conká e Linn da Quebrada, objetivando problematizar a cultura do patriarcado, que tem subjugado a condição de mulher no mundo por meio dos valores sociais inculcados pelo sistema hegemônico. A música passa a ser entendida aqui, como um artefato ideológico e pode contribuir para o processo pedagógico na formação de espectadores/as em racialidades e transgeneridade, cujos jogos de poder se materializam por meio das letras, podendo ratificar e desestabilizar preconceitos, discriminação, racismo, entre outros. Para embasamento teórico tem-se a presença das autoras/es: Davis (2016), Fischer (2017), Hooks (2019), Ribeiro (2019), Lugones (2019), Preciado (2014), Moira (2016), Leal (2018), Santos (2016), Mombaça (2016), Costa (2016), entre outras/os. O corpus desta pesquisa constitui por meio de letras musicais. A abordagem é de cunho qualitativa, contando com o tipo de análise descritiva, com finalidade de debruçar acerca das técnicas de hermenêutica sobre o imaginário das mulheridades na recepção musical, levando em consideração os processos de mudança de paradigma, os desafios e até mesmo reconhecer que o caminho investigativo precisa estar aberto a novas vertentes. Os resultados encontrados partiram de observações subjetivas referentes ao processo de escuta de mulheres, reconhecendo a necessidade de ouvir narrativas distintas, como também mergulhar no universo plural de significados e, sobretudo, enxergar o mundo a partir de novas formas e óticas.

**Palavras-chave:** Funk. Recepção. Hip Hop. Mulheres. Música.

## ABSTRACT

This text is inscribed within the social praxis, weaving the indispensable dialogue about the presence of black and trans women in the discursive space of music, specifically the Hip Hop and funk cultural movement. It is in listening as a spectator of the musical universe that this research aims to be sensitive to the reception of the characters' speech places, portraying the life story in each letter, as well as elucidating who these bodies are, which for a long time have been silenced, marginalized by society. Thus, this study relies on the work of singers Karol Conká and Linn da Quebrada, aiming to problematize the culture of patriarchy, which has subjugated the condition of women in the world through the social values instilled by the hegemonic system. Music starts to be understood here as an ideological artifact and can contribute to the pedagogical process in the formation of spectators in racialities and transgender, whose power games are materialized through the lyrics, which can ratify and destabilize prejudices, discrimination, racism, between others. For theoretical basis, the authors are present: Davis (2016), Fischer (2017), Hooks (2019), Ribeiro (2019), Lugones (2019), Preciado (2014), Moira (2016), Leal (2018), Santos (2016), Mombasa (2016), Costa (2016), among others. The corpus of this research constitutes through musical lyrics. The approach is qualitative, with the type of descriptive analysis, with the purpose of delving into hermeneutic techniques on the imaginary of women in musical reception, taking into account the processes of paradigm change, the challenges and even recognizing that the investigative path needs to be open to new trends. The results found came from subjective observations regarding the process of listening to women, recognizing the need to listen to different narratives, as well as delve into the plural universe of meanings and, above all, see the world from new ways and perspectives.

**Keywords:** Funk. Reception. Hip hop. Women. Song.

## SUMÁRIO

<b>1. MINHAS MARCAS, MINHAS IMPRESSÕES: RELATO DE VIDA DE UMA PESQUISADORA.....</b>	<b>7</b>
1.1 Ideias introdutórias da pesquisa.....	11
1.2 A música em sintonia com a vida: o som do Hip Hop movimentando os corpos femininos negros.....	15
<b>2. NA ESCUTA DE NOVAS NARRATIVAS: COMO OUVIR MULHERES NEGRAS?.....</b>	<b>23</b>
2.1 A interseccionalidade como o caminho de desconstrução das matrizes de opressão e violência contra mulheres.....	26
2.2 Caminhos para recepção musical: algumas proposições metodológicas do processo de escuta.....	35
<b>3. A PRESENÇA DA MULHER TRANS NAS LETRAS DE FUNK.....</b>	<b>37</b>
3.1 Uma rebeldia a cultura do cispatriarcado branco: como ouvir mulheres trans negras?.....	40
3.2 Transfeminismo e a liberdade de re (existir).....	53
3.3 O escutar da música em sintonia com os processos de constituição identitária e cultural.....	59
<b>4. PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>60</b>
4.1 Epistemologia qualitativa da estética musical.....	62
4.2 Processo de constituição da análise.....	64
<b>5. ANÁLISE E PRODUTO PEDAGÓGICO DA PESQUISA.....</b>	<b>67</b>
5.1. Playlist da quarentena: análise das letras musicais através do caminho de escuta.....	74
5.2 Artefato pedagógico: possíveis recomendações metodológicas.....	106
5.3 Protocolo radiográfico das produções.....	107
5.4 Cancelamento e processos de ódio na recepção: da espectadora individual para a coletividade do público.....	108
<b>6. CONSIDERAÇÕES INCONCLUSIVAS.....</b>	<b>110</b>
<b>7. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>112</b>

## **1. MINHAS MARCAS, MINHAS IMPRESSÕES: RELATO DE VIDA DE UMA PESQUISADORA**

Ao iniciar esse texto algumas informações sobre mim ganham força aqui, nesse pequeno espaço discursivo que reservei para falar um pouquinho da minha trajetória, porque além de ser uma pesquisadora, formada em Letras Vernáculas, Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Português, estou mestranda no programa de Pós-Graduação de Relações Étnico-raciais. Para além dessa informação acadêmica, quero apresentar um pouquinho da pessoa que sou, da minha constituição enquanto sujeito.

E será uma honra citar a escritora negra Djamila Ribeiro (2017), para a abertura dessa informação, que me ajuda a refletir acerca do meu lugar de fala. Ao aprender o quanto é relevante elucidar de onde viemos, quem nós somos, antes de falar sobre outras vidas, não podemos esquecer que somos seres humanos culturais, sociais, produzimos história e ao trazer para o cenário do diálogo outras histórias e vivências, é portanto, necessário deixar explícitas outras informações que para mim se tornará uma prática que potencializa meu espaço discursivo e que além de tudo, vejo como o respeito, por não pertencer a mesma realidade, trajetória ou experiência. Então vamos lá!...

Apresento-me com muito carinho e afeito a vocês meus leitores/as. Sou uma mulher cis, branca e heterossexual. Reconhecendo os meus privilégios por não transgredir com essas categorias, as quais são legitimadas e valorizadas pela sociedade contemporânea. Fui aluna de escola pública em toda minha educação básica, tive a oportunidade de estudar em um cursinho: Universidade para Todos pela Universidade Estadual da Bahia- UNEB, a qual realizei graduação e curso de especialização. Outra conquista importante diz respeito em compor o corpo de discente do programa de mestrado na Instituição Federal. Nasci em uma família em que ocupar espaço universitário, ainda, é uma barreira a ser vencida, entretanto, sou agradecida em contemplar duas mestras na família, eu e minha irmã historiadora.

Por mais que essa pesquisa está relacionada a minha experiência enquanto espectadora, ainda assim, eu trago as narrativas de vidas das cantoras Karol Conka e Linn da quebrada, sendo necessário o cuidado em fazer referência a outros corpos que não coincidem com minha realidade de vida, mas ajuda na compressão das questões raciais e de gênero. Para além disso, é de fundamental relevância estudar, refletir, bem como levar para sala de aula, conteúdos que podem colaborar para obter uma sociedade menos desigual e humana.

Meu signo é escorpião, sou uma pessoa observadora, curiosa, a cada dia busco reinventar-me, melhorar enquanto pessoa, estar sensível para as questões sociais, além disso busco abrilhantar minhas leituras e produções para desvendar os desafios que surgem, pesquisar temas que não tenho afinidade e seguir na prática de permitir-me sempre a troca de diálogos, e aprimorar meus conhecimentos com ideias e problematizações.

Minha família é composta por 5 irmãos, três irmãs e dois irmãos. Sou filha de uma mulher guerreira, trabalhadora, que não teve a oportunidade de estudos, pois dedicou-se a família ao longo da sua vida, seu sonho era o de cuidar do seu lar e proteger. Há exatos 10 anos faleceu de câncer de mama, sua falta tem sido dolorosa no decorrer desse tempo. Minha mãe tem sido referência para o meu prosseguimento nos estudos. Falar sobre ela é uma mistura de sentimento, as lágrimas estão presentes para trazer o consolo regado de carinho e saudade. Eu sigo, estudando e em busca de tornar-me uma pessoa e profissional aberta ao processo de desconstrução. Atualmente, moro com minha irmã caçula Michele, que é mestra em História.

Sou professora de Língua portuguesa das modalidades de Ensino Fundamental II e Ensino médio, já trabalhei em escolas municipais: Humberto de Campos e Gabriel José Pereira, nos anos de 2014 a 2016. Atuei como professora de Língua portuguesa, Redação e Literatura no colégio Estadual Armando Ribeiro Carneiro e Monte pascoal nos anos de 2017 a 2018. Essas experiências foram realizadas aqui na cidade onde moro, Eunápolis-Ba.

No ano de 2019, fui convocada para trabalhar em uma escola privada, Instituto Trancoso, com jornada de 40h, esse espaço educacional fica localizado na região de Trancoso-Ba. Essa experiência foi importante para mim, porém, não consegui permanecer neste local por muito tempo, devido ao acarretamento do problema de saúde, pois fui diagnosticada com ansiedade generalizada, que foi desenvolvendo durante meu percurso de vida, por conta disso ocorreu a demissão.

Nesse período, muitas mudanças sobrevieram-me, foram dias e meses de conquistas, inclusive a minha entrada no programa de Pós-graduação em Relações Étnico-Raciais, aconteceu, após firmar o compromisso com o Instituto. Nessa escola, lecionava as aulas de Língua portuguesa e Oficina de texto para uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental I, algumas turmas do Ensino fundamental II e Ensino Médio.

Foi um período bom e muito trabalhoso, passei a morar em outra cidade sozinha, ficando longe por um curto período de tempo da minha família. Foi um ano repleto de produtividade na escola, bem como de realização ao ter a oportunidade de participar como aluna regular no PPGER/ UFSB, com isso, conheci pessoas maravilhosas, que considero como família, desse

modo, a universidade tem sido minha segunda família, sou grata por isso e por todos os momentos que tenho vivido.

A turma de 2019 do PPGER será inesquecível, muita gente me ajudou nos meus episódios de crise de ansiedade, fui acolhida com muito amor e carinho, principalmente nas horas de tormenta e dor. A relação de amizade foi se fortalecendo ao longo do contato e vivência com pessoas queridas desse programa de ensino. Hoje cheguei até aqui, com muitas batalhas vencidas, contando com o apoio de gente sensível e humana. Foi um privilégio viver e aprender com essa comunidade maravilhosa do mestrado, deixo registrado aqui o quanto foi bom ter sentido mistura de emoções e sentimentos, pois chorei bastante, ri, desabafei, contei minha história como também escutei narrativas de vida que me impactou. Sentirei saudades de tudo que vivi nesse trajeto de estudos e as lembranças estarão guardadas dentro de mim.

Nesse instante, falarei um pouco sobre outras vivências que compõem o meu trajeto de vida. Assim, continuo esse pensamento ao afirmar que as minhas experiências nas escolas, por onde passei, foram regadas pelos atravessamentos das questões sociais, o fato de eu ser uma professora de Língua portuguesa não me condiciona a ministrar aulas restritas as teorias das linguagens. Um dos meus objetivos é alinhar o ensino de linguagens a perspectiva contextualizada e crítica, por meio de textos, poesias, músicas, filmes, entre outros recursos, que ajudassem a discutir questões de gênero e raça, sempre vi essa necessidade de tornar as minhas aulas problematizadoras.

É de praxe fazer perguntas aos alunos, procurar saber os gostos culturais, ouvi-los em todas as situações. Tenho algo comigo, a educação precisa estar pautada no afeto, precisa emocionar, transformar vidas, ouvir os meus alunos sempre foi importante para mim. O conhecimento precisa surtir efeito, precisa ser transformador, senão só é apenas mais uma informação divulgada em um espaço educacional.

Por considerar a importância do meu papel enquanto professora, sinto a responsabilidade em exercer um trabalho em que tenho contato com muitas vidas, pois a quantidade de alunos por sala, ainda é um quantitativo grande. Costumo a usar o seguinte enunciado: um médico em um consultório se não for comprometido e responsável com seu trabalho pode matar ou afetar uma vida por consulta, já o professor o estrago é bem maior, pois trata-se de coletividade. Continuo dizendo, as vidas importam, além disso, a escola tem sido um espaço violento e propício para divulgação de estereótipos, discriminação, racismo, entre outro. Já presenciei situações violentas em sala de aula, já perdi as contas de quantas vezes mudei um assunto que estava ministrando para intervir em situações problemáticas e conduzir a sala a refletir.

Ser professora é prepara-se para os desafios, percalços, as intempéries, entre outros. É enxergar a realidade e não se eximir dela, mas trabalhar as questões que conduzam aos questionamentos e que levem ao caminho sensível enquanto ser humano, olhar para o outro com panorama diverso, seguindo o caminho do respeito, da responsabilidade afetiva e de se relacionar com o outro.

Antes de eu ser professora das letras, sou humana, tenho problemas, meus alunos também enfrentam obstáculos e dificuldades, por isso, é importante o processo de escuta do outro, bem como inovar as aulas com a modalidades tecnológicas e recursos tradicionais. Algo dentro de mim pulsa com frequência, o que tem feito perceber que não exerço apenas meu papel de professora, sinto-me como amiga, que está ali para ouvir, para ajudar a refletir sobre esse mundo e as relações que são tão complexas.

Cuidar de si, deste modo, se assemelha ao trabalho dos rins, dos pulmões ou do sistema digestório. Trata-se de filtrar e expurgar o lixo. Recolher o que vem de fora, aproveitar, absorver o que nos nutre e nos faz fluxo, para, em seguida reiterar o movimento de filtrar e expurgar o resíduo. Novamente e novamente, em um movimento que é também, e sempre, de expansão e recolhimento...Até que o ritmo empregado pelo coração um dia cesse, fazendo com que todo o som pare, e tudo seja silêncio. (NUNES,2019, p. 22)

Nessa minha trajetória, tenho aprendido tanto com meus alunos, além disso, até o momento não tive a intenção de impor teorias, apresento o conhecimento e busco a troca de informações, assim, eles acrescentam, questionam, o que me faz ficar feliz, pois o caminho é guiá-los para o processo de autonomia enquanto sujeito crítico, tendo em vista que os alunos não estão ali apenas para armazenar as ideias, mas sim contribuir no processo de aprendizagem, afinal, as relações humanas, o mundo circundante, bem como o conhecimento só tem vida e força dentro da troca, da partilha, é um processo coletivo.

Realizei alguns projetos tais, como: A representação do Nordeste nas músicas de Luiz Gonzaga na escola municipal: Humberto de Campos para a turma do 9 ano. Além disso, apliquei o projeto: O cinema em sala de aula: Rasurando práticas racistas na obra fílmica: o ódio que você semeia, para a turma do 3 ano do ensino médio na escola Armando Ribeiro Carneiro.

Tive a oportunidade de ministrar algumas aulas em componentes curriculares, nas faculdades FERA e UNINTA de Porto Seguro-Ba. Foi importante obter as experiências nas áreas de Psicologia da educação; Variação linguística, a História da educação, a Linguística nos

dias de hoje e Prática pedagógica. Nesse meu trajeto, participei de evento internacional na UFES em Vitória do Espírito Santo. Uma das conquistas que me emocionou foi ver meu artigo publicado na plataforma digital *Epub*. O livro é intitulado: *Universalização transversal: currículo, gênero e raça*, o meu texto foi publicado neste livro, contando com a parceria de escrita da professora Mariana Fernandes/ IFBA, tendo como título: *Discurso de mulheres e representação social: uma análise controversa em letras de funk*.

O ensejo de pesquisar gênero surgiu, no período que estava cursando especialização, em Linguística Aplicada ao Ensino de Português, a partir daí foi aflorando essa necessidade de escrever sobre essa questão sob a égide da análise do discurso de linha francesa, o que tem colaborado para pensar em uma proposta de estudo para o mestrado, e dessa vez, aprofundando a partir da perspectiva interseccional de gênero, raça e classe.

Espero que minha pesquisa venha colaborar para discutir as questões étnico-raciais em sala de aula. Dessa forma, aproveito para posicionar-me como muita força, energia e vibração, dentro do viés antirracista, feminista, entre outros. Sou contra a transfobia, cujas todas as vidas importam. Neste estudo, desejo que a energia, a força das pessoas negras e trans estejam presentes em cada linha dessa pesquisa.

Desse modo, ressalto que cada uma dessas pessoas tem o seu valor e, sobretudo, suas existências devem ser visibilizadas e respeitadas. Portanto, desejo boa leitura e que esse texto traga novos significados, problematizações, além disso, estará aberto a rasuras, rupturas, transformações, entre outros. Avante seguimos à luta!

## **1.1 Ideias introdutórias da pesquisa**

Meu contato com a música veio intrinsecamente de uma relação social e introspectiva que se afluou no percurso da minha infância e estende-se aos dias atuais, aos poucos, comecei a notar o quanto viajava em pensamento; de repente me perdia na beleza e nas entrelinhas das letras, como também fazia reflexão do que estava escutando. Sou apaixonada pela música, entretanto não sou musicista, mas já quero externar o meu prazer em ser espectadora, apreciadora de um espaço discursivo movido pelo poder da palavra, das emoções, da transmissão de valores sociais, entre outros.

Cabe aqui, deixar nítido algo que não é recente, porém ressalta o processo de inconstância do pensamento, das pessoas, além da mensagem a ser transmitida, o que é preciso entender que tudo é transitório, cujo fixo se desfaz. Esse panorama de incongruência do

significado das coisas, do mundo, está presente no universo musical, pois no processo de escuta de uma música no que tange a sua repetição, o sentido atribuído pode ser mutável, por conseguinte ganhar uma abordagem híbrida e plural.

Compreendo a música como artefato cultural, reconhecida como um dos meios de comunicação mais difundidos, devido a sua grande circulação no contexto social, sobretudo essa incidência se dá em ambiente urbano. Para além disso, pode influenciar os sujeitos de modo que eles se apropriem da realidade que está sendo representada pelas vias sonoras. Como toda obra de arte, a música não tem a função de marcar uma situação, nem tampouco uma história.

Quero elucidar que não é o universo musical que tem a força de dar significado a nossa vida, nem muito menos trazer efeito de sentido sobre a realidade circundante, embora seja um espaço de condição produção de pensamento, precisa da participação ativa do leitor, o qual trará a existência aquilo que está sendo transmitido por meio das palavras ambíguas e plurais. Ao afirmar isso, potencializo que somos nós, quem trazemos uma gama de significados para o texto que lemos, para a música que escutamos.

Costumo ouvir o som do funk e Hip Hop em casa, essa prática é recente, pois tenho permitido me desconstruir a cada dia. Hoje já tornou um hábito prazeroso ouvi-los. É uma espécie de libertação, entender que existem outros modos de produzir cultura e conhecimento, assim acontece com a música, a qual nunca será única, é, portanto, diversa, colorida com seus tons inesgotáveis com suas performances e dinamicidade.

Na esteira desse pensamento, apresento essa pesquisa com interfaces ao contexto social e individual do ser humano. As músicas a serem estudadas ecoam a negritude, portanto, está pautada no poder da resistência, mecanismo de poder, que por sua vez, pode contribuir no processo de combate acerca da opressão, da marginalização, do racismo, entre outros. Especificamente as músicas que serão debruçadas nessa trajetória de escrita acadêmica pertencem ao movimento cultural Hip Hop e funk.

A escolha da temática que será abordada surgiu a partir da inquietação de como a imagem social da mulher vem sendo construída no universo musical, o qual se constitui de um espaço multifacetado de significação política e ideológica. Desse modo, pretendo por meio da prática de recepção, posiciona-me como espectadora da música, com vistas a problematizar a representação social da mulher negra dentro do Hip Hop interpretado pela cantora Karol Conka e funk na voz da artista Linn da Quebrada. Os objetivos traçados têm por finalidade trazer uma abordagem interseccional de gênero, raça e classe, a fim de identificar os atravessamentos identitários e as matrizes de opressões presentes nas relações sociais.

Esse estudo visa problematizar o cispatriarcado, as práticas racistas, a cisheterossexualidade compulsória, os quais têm ditado os espaços sociais, demarcando papéis, bem como a sua interferência sobre os corpos; discutir o processo de recepção da música por meio da relação racial e de gênero.

Deixo explícito, a partir das minhas vivências, que ainda existem mulheres, as quais reproduzem uma visão machista apreendida na socialização em diversos espaços sociais, colaborando para a legitimação machista e racista. Desse modo, trago algumas indagações tais, como: Com quais práticas e valores o sistema cispatriarcal está sendo desconstruído, especificamente no Funk e Hip Hop? A música pode contribuir para a efetivação da discrepância de gênero? É possível perceber a construção ideológica do corpo dentro das letras? De que forma as músicas da Linn da Quebrada podem colaborar para a identidade da mulher trans? Como a indústria cultural molda suas/seus artistas? Qual o impacto do capitalismo na reprodução da arte?

É indispensável a disputa por novas narrativas, que desmitifique estereótipo, a fim de perceber a tática da estrutura racista e subverter a representação de um corpo pejorativamente exotizado, subalternizado, compreender que cada mulher é única, constituída pela singularidade, como também é fundamental a união de todas, de modo, que é primordial colocasse no lugar da coletividade. Essa pesquisa poderá contribuir para pensar o viés ideológico e as esferas de poder perpassados pela via sonora que trazem produção de pensamento referentes a mulher negra e a mulher trans. Por conseguinte, ressalto a relevância de produções musicais que protagonizem as mulheres em diversos espaços sociais.

O percurso metodológico, dessa pesquisa, está pautado na pesquisa bibliográfica ao fazer uso de materiais teóricos, livros, letras musicais, sites de pesquisa, os quais têm contribuído para o processo de leitura e escrita. A abordagem desse estudo é de cunho qualitativa, pois submete-se às questões interpretativas sobre os dados a serem analisados. O corpus constitui-se das letras musicais como objeto de análise crítica.

Para tanto, o trajeto delimitado nessa dissertação segue as seguintes vertentes: seleção das músicas; processo de escuta, interpretação dessas letras por meio da minha prática enquanto ouvinte/ espectadora; criação da página do *instagram*: Espectadora.feminista, bem como o processo de postagem de texto reflexivo em forma comentário sobre as músicas selecionadas nesse veículo tecnológico de comunicação, e por fim, análise final e resultados esperados, dando abertura para o desfecho das ideias propostas nessa dissertação.

Essa pesquisa visa contribuir no processo pedagógico através do uso das letras musicais da Linn da quebrada e da Karol Conka, a fim de tratar das questões de gênero, raça e classe na

sala de aula. A proposta tem como função usar ferramenta disponíveis e acessíveis para inovar e discutir questões sociais. As músicas podem contribuir na prática de desconstrução de vertentes violentas e opressivas. Dessa forma, busco propor um trabalho movimentado pela sensibilidade de ouvir cantoras negras e trans, a fim de conduzir a reflexão durante o processo de escuta, tendo em vista a necessidade de questionar os estereótipos, discriminação, preconceito, entre outros.

A música é uma ferramenta potente que pode cooperar para ratificar ou desmitificar as raízes de opressão. Portanto, proponho uma metodologia de escuta com finalidade de refletir sobre as letras musicais e incentivar o processo de escrita, dentro de uma perspectiva crítica, e sobretudo, que os pensamentos produzidos durante o percurso de escuta sejam divulgados em um espaço tecnológico como o *instagram*, com intuito de corroborar para propagação de ideias interseccionais sobre a representação do feminino negro e trans na música, bem como promover o senso crítico e a sensibilidade de questionar os padrões, as violências, apontando para necessidade do protagonismo de mulheres na sociedade.

O funk e o Hip Hop podem ser agregados a proposta de ensino, sendo pertinente discutir a questão da cultura e identidade das pessoas negras, bem como questionar a criminalização divulgada pela mídia e Indústria Cultural, os quais têm contribuído como mecanismo de informação pautado na fomentação de um pensamento discriminatório e homogêneo do que seria cultura, ou até mesmo o que deve ser escutado ou valorizado.

Nessa esteira de pensamento, os nossos gostos, as nossas formas de olhar e representar o mundo estão atravessados pelos mecanismos sociais e através das esferas de poder. A cultura do aluno precisa estar presente no ambiente escolar e além disso, faz-se necessário desconstruir as visões negativas e estereotipadas sobre a cultura, identidade, subjetividade, entre outros. Portanto, a escola não pode eximir-se em discutir as questões sociais e interseccionais de gênero, raça e classe, os quais constituem-se como marcadores sociais que atravessam os sujeitos e constroem as relações sociais marcados pelas instâncias corrosivas de poder.

Quero deixar explícito que logo, após, o processo de finalização das análises das letras da cantora Karol Conka, veio o impacto da sua participação no reality show Big Brother Brasil, promovendo comportamentos e discursos contraditórios usados pela artista, resultando no seu cancelamento, que de fato designa outra questão problemática. Deixo expresso, que a participação da cantora nesse programa midiático não contempla a proposta deste estudo, entretanto, falarei de forma breve sobre a cultura do cancelamento para ampliar o diálogo dessa pesquisa.

A proposta está intrinsecamente articulada aos objetivos propostos, atentando para o tempo de pesquisa, como também a coerência da temática e foco na delimitação desse objeto de estudo, já desenhado em cada tópico dessa pesquisa. Dessa forma, em um outro momento, com cautela e tempo oportuno, pretendo repensar essa proposta, fazendo rasuras necessárias advindas no decorrer do tempo através da mudança de perspectiva e de pensamento.

Partindo do pressuposto de que o processo da pesquisa não é um caminho fechado ou concluído em sua plenitude, entretanto, está atravessado pela dinâmica da transformação em vários aspectos e precisa estar aberto a novas formas de pensar e enxergar o mundo. Sigo afirmando e fazendo a analogia do campo de pesquisa como uma areia movediça, repleta de novidades e desafios a serem desvendados.

## **1.2 A MÚSICA EM SINTONIA COM A VIDA: O SOM DO HIP HOP MOVIMENTANDO OS CORPOS FEMINOS NEGROS**

Historicamente, o movimento cultural Hip Hop surgiu em lugares segregados das grandes metrópoles dos Estados Unidos. Realizando um breve percurso, o seu advento, provavelmente, emergiu nos anos 70, do século XX. Ecoando como uma potente ferramenta de resistência dentro do subúrbio do *Bronx*, situado na cidade de Nova York. É possível delinear dentro dos atributos culturais que o significado do termo Hip hop corresponde a arte de movimentar os corpos por meio da dança, das letras musicais, com intuito de promover a liberdade de expressão, bem como apropria-se desse espaço de linguagem para divulgar narrativas que representam a comunidade negra.

Em conformidade com Sérgio José Machado Leal (2007), por mais que muitas das produções acadêmicas não afirmam de forma concreta que o DJ Afrika Bambaataa é o criador do Hip Hop, mesmo assim, ele é reconhecido, por muitas pesquisas, como a figura responsável pelo desenvolvimento dessa cultura. Esse DJ, tinha como objetivo reivindicar ações públicas estatais, a fim de reparar as desigualdades sociais e diminuir as brigas de ruas, bem como denunciar a violência policial na periferia, questionando as violências manifestadas nesse espaço.

Na esteira desse pensamento, de acordo com o texto “Hip Hop: cultura, arte e movimento no espaço da sociedade contemporânea” das autoras, Maria de Jesus Oliveira Cazé e Adriana da Silva Oliveira (2008), é perceptível reconhecer a presença de alguns elementos artísticos que compõem esse movimento cultural, são eles: o DJ, o qual é o comandante que fica na incumbência de produzir batidas e bases musicais; O MC considerado como mestre de cerimônia, responsável pelos trabalhos de transmissão de frases longas ritmadas.

Já o *Breaking*, é responsável pela expressão da dança dentro dessa cultura, além disso, é a batida de fundo repetitiva muito utilizada pelos MCs nos shows, enquanto os DJs tocam e os dançarinos movimentam seus corpos com em sintonia com o ritmo da música; além disso, conta com trabalho de Graffiti, cuja expressão encontra-se no campo das artes plásticas, especificamente na pintura de muros dentro da cidade.

Nesse período, realizava-se eventos nas ruas com a participação do DJ jamaicano Kool Herc, o DJ Grandmaster Flash, contando com os aparatos de som como recurso midiático. Estes são considerados os criadores, cuja função desse movimento era questionar aspectos como: a pobreza generalizada, a violência, o racismo e o tráfico de drogas, entre outras questões sociais. Havia, a problemática de gangues na rua, as quais atuavam como disputas violentas nas ruas, estava ligada as questões sociais de vulnerabilidade com relação ao contexto de desemprego acentuado, principalmente me bairros periféricos de Nova York.

Mediante a essa realidade, o Hip Hop promoveu desde esse período do seu advento, a luta de reivindicar as condições de vida para moradores de bairros desvalorizados, buscando pela alternativa de dignidade, de sobrevivência e enfretamento da precariedade urbana. Era, portanto, uma causa que revela a realidade cotidiana, para além disso, é um espaço de constante reflexão sobre o que vem acontecendo na vida dos jovens pobres, negros e de outras categorias de gênero.

De acordo com a pesquisadora, Maria Isabel Baldo (2015), O Hip Hop é visto como o caminho para transmissão de conhecimento, é o lugar propício para difundir a cultura por meio das ideias de Afrika Bambaataa, que criou o movimento *Zulu Nation*, que também tinha como organização batalhas simbólicas de *breaking*, objetivando combater e substituir as violências existentes nas ruas por meio dos alastramento das gangues.

[...] a capacidade de sobrevivência dos jovens é testada no cotidiano, que serve de inspiração para as crônicas que se transformam em rimas de rap ou em coreografias de break. Elas narram o lugar reservado ao corpo, e são capazes de mostrar espaços, reais e imaginários, frequentemente em conflito. [...]o Hip Hop para estes jovens não é, primeiro, uma escolha estética. Trata-se de uma questão existencial que encontra na arte as possibilidades para sua reflexão (GOMES, 2009, p. 8).

Desse modo, a criação desse movimento teve como vertente contribuir no processo da luta em seus aspectos sociais, políticos e culturais, como forma autoafirmação identitária, de existência, sobrevivência, especificamente das comunidades periféricas. Essas são algumas das características do Hip Hop em vários países, é claro que existem as diferenças culturais de

localidade, mas a essência é pensar essa cultura como um espaço de diálogo e transformação em seu meio social.

Esse movimento cultural tem se espreado até chegar ao Brasil, deixando suas raízes férteis em suas diversas localidades. O Hip hop tem sido discriminado pelo fato de representar os grupos marginalizados dentro das grandes cidades, buscando a visibilidade e protagonismo negro e periférico, além disso tem se propagado pelo Brasil afora, a partir da transposição de fronteiras geográficas e culturais.

Em conformidade com Baldo (2015), O Hip Hop no país brasileiro, vem sofrendo alteração e teve seu advento por volta dos anos 80. Como é algo cultural, o processo de transformação desse movimento é uma realidade constante. Os participantes usavam o cabelo *black power*, calça boca de sino, sapato plataforma, entre outros. Trazendo um pouco dessa prática cultural, esse movimento cultural no Brasil tenta dialogar com a questão de gênero e raça e classe. Essa necessidade está pautada na reflexão de pertencimento coletivo dentro da periferia urbana, com intuito de discutir situações de preconceitos e discriminação.

Esse movimento cultural nasceu como fio condutor de um espaço político e ideológico, movido pela expressão do pensamento subversivo. O engajamento social é o caminho que reflete as culturas locais do Hip Hop, como também está centrado na representação de grupos marginalizados na sociedade. Esse movimento cultural, também, mistura-se com o rap, abordando temáticas sociais, de cunho feministas, visando problematizar as opressões e violências contra as mulheres, sendo de fundamental relevância a visibilidade social de vozes silenciadas nas periferias, respaldada na resistência e na participação de luta coletiva.

Majoritariamente, no Brasil, o desenvolvimento do Hip Hop foi influenciado pelas Indústria Cultural, como também conta com os recursos dos meios de comunicação, tais como: televisão, internet, rádio, para divulgar e manter a circulação de seus trabalhos em espaços midiáticos. Abordarei algumas contribuições sobre as interferências e impactos que a Indústria Cultural tem ocasionado no universo da música.

Em consonância com Anamaria Brandi Curtú, (2011), em sua tese de doutorado, intitulada: Música, educação e Indústria cultural: o loteamento do espaço sonoro no espaço escolar, especificamente o capítulo: Da indústria cultural à industrialização da cultura. Para essa autora, o mercado cultural reconhece a diversidade musical dentro da lógica de um poder dominante, que legitima a padronização da música através de recursos sonoros, técnicas de reprodução e massificação condizentes ao crescimento lucrativo do espaço fonológico. O universo musical está atravessado pelas amarras de ideologias favoráveis ao capital.

Mas, dentro do mercado da indústria cultural, os produtos musicais que são apresentados como novos, não podem ser novos de fato, uma vez que para serem aceitos devem estar dentro dos padrões musicais já cristalizados nos processos de audição regredida das massas, para que permitam uma imediata recepção – recepção por reconhecimento. O novo corresponde apenas ao anúncio da novidade de mais um produto para estímulo do consumo, mas o que se espera desse novo produto, é que o ouvinte reconheça nele os tradicionais padrões musicais difundidos pela indústria cultural. (CURTÚ, 2011, p. 65-66)

A padronização do processo de condição de produção da música está atrelada a Indústria cultural, contando com os recursos imagéticos, verbais e movimentos corporais, promovidos através de clipes e *hits*, com finalidade de chamar a atenção para o consumo do produto. Dessa forma, os meios de comunicação corroboram para divulgação dos trabalhos artísticos, os quais estão perpassados pelas marcações regionais e nacionais. A música dentro da vertente da Indústria cultural possui um valor capitalista, prestando-se ao serviço de entretenimento, portanto, não se preocupa com as questões reflexivas das letras, pois a intencionalidade mercadológica é movida pela reprodução massificada da obra de arte.

Ainda nessa empreitada as autoras, Julie Caroline de Alcântara, Rafaela de Campos Coelho e Vanessa Matos dos Santos, em seu artigo intitulado: Música: entre a Indústria cultural e a Cultura da Mídia, ajudam a pensar o quanto a música torna-se um instrumento plástico, movida pelas questões de consumo desenfreado, e sobretudo, está longe de propor uma conscientização crítica.

A Indústria cultural se manifesta em muitos campos sendo sempre transmitida através da influência dos meios de comunicação que, com seus produtos midiáticos, forma um sistema padronizado. Nesse sentido, o que é considerado cultura acaba sendo banalizado pelas leis do consumo, pois afasta o indivíduo do direito de escolha. (ALCÂNTARA, COELHO, SANTOS, 2014, p. 4)

Diante desse panorama, é possível afirmar que por mais que existam letras com teor crítico analítico sobre a realidade, entretanto é preciso compreender que o universo musical de forma geral, está atrelado aos fins lucrativos, que por sua vez transforma-o como produto de venda da Indústria Cultural. Assim, o monopólio do capital utiliza tecnologia existente que proporciona o poder de venda e consumo acerca das músicas. A padronização tem como perspectiva distrair suas/seus receptoras/es, a fim de que elas/eles possam gerar lucros e assegurar progressivamente os modos de produção que beneficiarão os empresários do ramo musical.

Nessa empreitada, é possível afirmar que o universo musical sofre impactos nocivos de consumo, dentro da perspectiva da Indústria cultural, que transmuta a arte em mercadoria. Outro

ponto principal é a transformação da cultura, o que faz perder suas raízes e seu valor de criticidade. A Indústria cultural expõe o produto, o qual não estimula o pensamento crítico, pois a sua preocupação está centrada nos interesses do capital.

A lógica do mercado efetiva-se por meio da prática de persuasão, bem como do processo de venda de uma ideia, obra, a partir das técnicas, da produção e reprodução. Para satisfazer o poderio da Indústria cultural é necessário a tática de produção que se constitui de uma maquinaria econômica capitalista, a qual domina a sociedade a partir da técnica. A obra de arte se expande para atender a demanda do mundo capitalista.

As grandes empresas fonográficas possuem estruturas poderosas de poder, controle, produção, a partir dos recursos tecnológicos, expandindo a circulação das gravações musicais em vários cantos do mundo. Essa indústria é outro mecanismo da globalização, trazendo novas configurações para a cultura.

Sem dúvida, o mercado vai impondo, com maior ou menor força, aqui e ali, elementos mais ou menos maciços da cultura de massa, indispensável, como ela é ao reino do mercado, e a expansão paralela das formas de globalização econômica, financeira técnica e cultural. Essa conquista, mais ou menos eficaz segundo os lugares e as sociedades, jamais é completa, pois encontra a resistência da cultura preexistente. Constituem-se, assim formas mistas sincréticas, entre as quais, oferecida como espetáculo, uma cultura popular domesticada associando a um fundo genuíno de formas exóticas que incluem novas técnicas. (SANTOS, 2010, p. 143-144).

A música é produzida nessa cultura de massa com vistas a comercialização e para a expansão do mercado. Diante disso, preciso falar que o mundo tem passado por transformação a partir da globalização, que não só envolve uma integração mundial financeira, mas também a propagação de uma dimensão política e sociocultural. Essa perspectiva está centrada no desenvolvimento acelerado de técnicas por meio da dinâmica do poder de venda e o estímulo do consumo do produto, modificando as relações sociais e o comportamento da sociedade.

Atrelando a circunstância do contexto de pandemia, por mais que mudanças estão ocorrendo na forma como conduzir a vida, ainda assim, a Indústria cultural tem aproveitado os recursos tecnológicos para conduzir seus trabalhos e efetivar a transmissão da música por meio das plataformas digitais. Frente a necessidade do isolamento social, a música tem sido um instrumento importante nesse momento de transformações, com as alterações existentes no meio de divulgação da música, é possível perceber uma flexibilidade em adotar outras medidas plausíveis, como é o caso do crescimento das *lives* em Youtube, o que tem contribuído para divulgação do trabalho artístico em várias redes sociais.

Diferentemente da aglomeração de pessoas em *shows*, essa nova realidade que a sociedade está enfrentando, tem colaborado para a modificação do ambiente e dos processos constitutivos da prática de recepção. Dessa forma, as pessoas que estão no local, geralmente, são parentes ou amigos, as vezes pode acontecer de ter a experiência pautada no encontro consigo mesmo, por exemplo: ao assistir uma *live* sozinha/o. Diante disso, a prática de recepção se altera, subsidiada pelas novidades que surgem, trazendo novas experiências e, por fim, demonstra que o processo de apreciação da obra de arte sempre estará aberto a constantes modificações.

Diante desse cenário, ressalto que o mundo globalizado tem contribuído para o processo de mutação na sociedade por meio da disputa de poder presente no universo da música, a qual é um combustível que sofre interferência do mercado.

Entre os fatores constitutivos da globalização, em seu caráter perverso atual, encontram-se a forma como a informação é oferecida à humanidade e a emergência do dinheiro em estado puro como motor da vida econômica e social. São duas violências centrais, alicerces do sistema ideológico que justifica as ações hegemônicas e leva ao império das fabulações, a percepções fragmentadas e ao discurso único do mundo, base dos novos totalitarismos — isto é, dos globalitarismos — a que estamos assistindo. (SANTOS, 2010, p. 38).

A música enquanto um produto midiático alcança diverso tipo de público, pois está presente no cotidiano das pessoas, responsável por transmitir uma cultura global, hegemônica e além disso, estimula o consumo. “Este período dispõe de um sistema unificado de técnicas, instalado sobre um planeta informado e permitindo ações igualmente globais”. (SANTOS, 2010, p. 29). Diante dessa assertiva, percebo o quanto a globalização tem impactado o mundo em geral, e especificamente como interfere diretamente na construção da cultura, trazendo um discurso homogeneizador que enquadra a sociedade dentro de um padrão, que por sua vez normaliza e aprisiona através de concepções globais.

Para além dessas questões mercadológicas também há construção de narrativas que favorecem a centralização do ser homem, ao qual exerce de forma privilegiada seu lugar no mercado de trabalho, na família, nas relações interpessoais, entre outros, enquanto o lugar ocupado pelas mulheres encontra-se demasiadamente em posição de desprestígio.

Falar sobre a recepção estética da negritude nessa pesquisa, é, portanto, permitir que as vozes de outras mulheres sejam ouvidas, é buscar o poder de escuta, sentir a dor alheia, é reconhecer as lutas travadas, as vitórias alcançadas e seguir avante no caminho desafiador. A negritude, no entanto, tem sido desenhada à despeito dos moldes da supremacia branca que, por

sua vez, institucionaliza práticas racistas. Alguns dos reflexos dessa ideologia estão presentes na televisão, na música, no cinema, em fotografias de exposição pública, entre outros.

Esses são alguns dos veículos de comunicação que reforçam os estereótipos relacionados ao padrão de beleza, mercado de trabalho, entre outras questões. A forma de pensar a maneira de enxergar as pessoas, foi construída em torno de um imaginário uniforme, homogêneo, na maioria das vezes, reflete e reforça a construção de uma identidade fixa, marcada pelo sofrimento e inferioridade. Percebo o quanto é essencial desconstruir uma negritude forjada no panorama da superioridade racial, cujo desejo compulsório é o de dominar e escravizar, mentes e corpos. Dessa forma:

Bombardeadas por imagens que representam corpos de mulheres negras como descartáveis, as mulheres negras absorveram esse pensamento passivamente ou resistiram a ele como veemência. A cultura popular oferece exemplos incontáveis de mulheres se apropriando de e explorando “estereótipos negativos” para garantir o controle sobre a representação ou, no mínimo, colher seus lucros. Uma vez que a sexualidade da mulher negra tem sido representada pela iconografia machista e racista como livre e liberada, muitas cantoras negras, independentemente da qualidade de suas vozes, cultivaram uma imagem que sugere disponibilidade sexual e licenciosidade. Indesejável no sentido convencional, que define a beleza e a sexualidade como atraentes apenas enquanto idealizadas e inatingíveis, o corpo da mulher negra só recebe atenção quando é sinônimo de acessibilidade, disponibilidade, quando é sexualmente desviante. (HOOKS, 2019, p. 136)

Diante de vários contextos sociais a negritude feminina tem sido estigmatizada desde a época da escravidão até os dias atuais dentro do viés do imaginário de um corpo objetificado, passível de dominação pela sociedade racista. A mulher negra tem sido um instrumento a ser explorado, cuja representação está subsidiada de estereótipo, cujas imagens são divulgadas ideologicamente através de uma política de dominação, geralmente a mulher negra é referenciada ideologicamente para satisfazer os interesses da sociedade racista.

Entretanto, o processo de escuta precisa estar sensível a outros olhares e narrativas, o caminho da desconstrução é uma estrada longa e árdua. A reflexão precisa ser um dos pontos centrais no processo de constituição do ser humano. Dessa forma, coloco-me como espectadora das letras da artista Karol Conka, entendendo a relevância de suas produções para discutir algumas vertentes sobre mulheres negras.

No entanto, deixo explícito a declaração política que essa cantora tem transmitido nos espaços midiáticos, televisão e entrevistas. Uma das conquistas no percurso musical dessa artista, é poder visibilizar às lutas das mulheres negras, mostrando que elas existem e que podem

brilhar, lutar pelos seus direitos. Essa cantora narra situações de racismo em vários espaços sociais, principalmente na escola, pela sua professora, pela vizinhança, sofrendo discriminação relacionada a cor negra da pele, pelos seus traços e cabelo. Percebo o quanto o ser humano e suas vivências são marcados pela dinâmica do olhar alheio, atravessado pela visão de como somos olhados, isso classifica e define a subjetividade e comportamento.

Vale a pena ressaltar que essa pesquisa, não contará com nenhuma prática discursiva da artista fora do contexto das letras, já que o foco é ouvir mulheres negras e problematizar a mim mesma, enquanto espectadora, sendo pertinente discutir como as letras musicais selecionadas poderão contribuir para dialogar com as questões étnico-raciais?

Segundo informações divulgadas, a artista Karoline dos Santos Oliveira, conhecida como Karol Conka, declara seu engajamento nas questões sociais ao tratar da visibilidade e empoderamento feminino e ativismo negros. Algumas das características da artista: ela é rapper, produtora, cantora, modelo e compositora. A cantora conta um pouco da sua história, a qual foi marcada desde muito cedo pelas práticas de racismo e que também já foi inferiorizada, maltratada a partir de uma visão sexista, pelo fato de ser mulher.

Há muito tempo o ser humano foi ensinado de que forma deve amar, odiar, respeitar, isso perante a ótica dominante e opressiva. No entanto, é preciso desconstruir essa raiz violenta; sendo necessário reinventar, transgredir o pensamento hegemônico, ou seja, lutar contra essa visão perversa sedenta de sangue e dor. Inquieto-me e percebo o quanto é relevante redimensionar a forma de enxergar as pessoas e que a labuta seja uma metamorfose que traga vida, paz, respeito e solidariedade

## 2. NA ESCUTA DE NOVAS NARRATIVAS: COMO OUVIR MULHERES NEGRAS?

A imagem a seguir representa algumas características da cantora, ilustrando seu sorriso e brilho nos olhos. Essa foto foi divulgada em site da internet, além disso, houve publicação na página do perfil do *instagram*: **Espectadora. feminista**, a qual constitui-se como um dos processos de composição desse estudo.

## ← Publicações



espectadora.feminista



Fonte: @espectadora.feminista, ano de 2020.

Essa cantora escolheu o movimento cultural Hip Hop, a fim de trazer narrativas, que por sua vez elucidam sua trajetória de vida. Uma de suas maiores preocupações diz respeito a questão da representatividade de mulheres negras dentro do meio artístico, já que majoritariamente as músicas brasileiras fazem referência objetificada ao corpo feminino, entretanto o universo masculino passa a ser valorizado.

O Hip Hop reflete um público jovem que, na maioria das vezes, é silenciado e ignorado. Karol, conta que tem o prazer em servir a sociedade por meio da propagação de ideologias que defendem o direito das mulheres, geralmente, suas músicas trazem a problematização que causam efeito de sentido no combate à discriminação, opressão e violência. Essa artista tem sido uma das vozes a ocupar espaços que, há muito tempo, foi negado vários direitos as mulheres, no geral, o crescimento pessoal e profissional, isso dentro de uma visão cispatriarcalista.

O cispatriarcado é uma ideologia violenta e opressiva e tem deixado marcas profundas, desqualificando mulheres através de práticas que dissimulam o ódio, a inferioridade, além disso tem corroborado para menosprezar tudo que está relacionado ao universo feminino. O poderio patriarcal privilegia os homens, haja vista que viabiliza o poder deles sobre as mulheres. Dentro dessa concepção a autora bell hooks (2020), ajuda a pensar acerca de que os jovens são educados a serem superior as mulheres. É, portanto, na socialização que a supremacia masculina é imposta e aprendida culturalmente por meio dos valores relacionados a questão de ser mulher e homem.

O cispatriarcado é responsável por divulgar essas imagens que colocam a mulher em situação de subalternidade, como também organiza a vida dos sujeitos femininos em torno da dependência de um ser masculino, que é cisgênero e branco. Nessa esteira de pensamento, a filósofa Márcia Tiburi (2018), discute que o patriarcado é subsidiado pela constituição de um pensamento que é universalizado e centrado na figura do “homem branco”; a autora utiliza essa expressão como metáfora de poder, que sinaliza os papéis de uma figura autoritária, a qual impõe a produção de um pensamento homogêneo construído para moldar a sociedade e orientar a vida das mulheres em prol a manutenção e favorecimento de um poder que é masculino.

Ainda em consonância com essa estudiosa, a visão patriarcalista é proveniente de uma estrutura alicerçada em construções sociais defendidas como verdades absolutas e padrões tidos como naturais. A Produção dessa verdade está atrelada a um lugar de fala específico que seria o “falo”, o qual autoriza a figura masculina a concessão de posse discursiva, de verdade e princípios que orienta a condição de ser e estar no mundo. Essa estrutura favorece um grupo em detrimento de outros, cuja manutenção do patriarcado necessita de grupos que aceitem sem questionar, sem lutar contra essa lógica dominante que opera o poder.

A escritora bell hooks (2020, p. 145), em seu livro “e eu não sou uma mulher?” retrata acerca da existência de um “imperialismo do patriarcado”, título de um de seus capítulos, colaborando para pensar que há um “[...] poder patriarcal, o poder que homens usam para dominar as mulheres, não é apenas privilégio de homens brancos das classes alta e média, mas de todos os homens em nossa sociedade, independentemente de classe ou raça”. Essa estudiosa reflete que o patriarcado é uma estrutura que privilegia os homens pelo fato de ter um “falo”, órgão sexual masculino que é colocado como centro das relações sociais e valorizados nos espaços privados e públicos. Além disso, o patriarcado atua como uma tecnologia que exalta a figura masculina, independente das disparidades econômica e distinções racial entre homens, educando-os para serem violentos e opressores de mulheres.

A sociedade é construída a partir de uma educação e socialização patriarcalista, que por sua vez atua como ferramenta de divulgação de um pensamento sexista que interfere como raiz de violência contra as mulheres, impedindo seu crescimento em vários setores sociais. A opressão é interseccionada entre racismo e sexismo, este último tem sido deixado de lado nos debates raciais, vale ressaltar que o racismo não é única esfera de violência, ao afirmar isso, é preciso perceber que homens negros por mais que sofram com práticas racistas, podem, portanto, atuar como opressores sexistas de mulheres negras, já que fazem parte de uma estrutura de poder masculina.

A sociedade cispatriarcal permite que os homens negros ou brancos consigam status social e econômico mais alto do que o das mulheres, isso dentro de uma perspectiva sexista, eles não precisam se esforçar para conquistar esse status. Exemplo disso, no período colonial homens negros escravizados exerciam o papel de provedor e por mais que as mulheres trabalhavam para ajudá-los, somente o trabalho deles era valorizado pelo fato de ser homem.

A perspectiva patriarcalista está instaurada em todas as instâncias sociais, bell hooks (2020), contribui para discutir que no século XIX, a população negra reproduzia o comportamento patriarcal que segregava as mulheres. Elas estavam sobrecarregadas com os afazeres domésticos, além de outros tipos de trabalho fora de casa, essas mulheres viviam insatisfeitas pelo fato de trabalhar para ajudar seus companheiros com as despesas, pois eles não ganhavam o suficiente para suprir todas as necessidades básicas. Na ótica do cispatriarcado um bom homem seria aquele que fosse o protetor e prover de tudo, enquanto as mulheres ficariam em casa restrita as questões do lar.

Essa visão coloca a mulher na situação de vulnerabilidade social e econômica, impedindo o crescimento do ser feminino na sociedade. A dominação e valorização do masculino é agressiva, fruto do patriarcado, é egoísta, destila violência que imputa a divisão sexista baseada numa ótica doente que tudo que está ligado ao feminino é abominável, frágil, ideologia que enquadra a feminilidade a função de submissão, visto que inferioriza esses corpos e determina seu lugar no mundo.

Quem nunca escutou a seguinte proposição famosa, "isso é coisa de menina!", e isso, "coisa de menino!", ou seja, tudo foi construído simbolicamente a partir da carga de significação que limita as mulheres como se comportar, o seu dever dentro do lar em ser uma boa dona de casa, boa mãe, cujo falar deve ser moderado, nem tudo convém às mulheres, isso dentro de uma sociedade patriarcalista. Desse modo:

Em uma sociedade patriarcal, racista e imperialista que apoia e justifica a opressão, não é de surpreender que homens e mulheres julguem seu valor, seu poder pessoal

com base em sua habilidade de oprimir outros. [...] em uma cultura em que a violência domina a mídia (televisão, filmes, quadrinhos), é perfeitamente compreensível que jovens, homens e mulheres, glorifiquem a violência. (HOOKS, 2020, p. 171).

A opressão, a violência são algumas das nuances promovidas pelo poderio do patriarcado, e se manifesta nos distintos veículos de comunicação, seja por meio das mídias sonoras e visuais, além disso, na propagação dessa ideologia que é extremamente masculina, sendo naturalizado a transmissão do imaginário social de um feminino frágil, condicionado a prática de submissão ao homem, o qual aprende a dominar e controlar a vida da mulher. É aprendido na socialização que essa figura paterna deve ser respeitada em todos os espaços sociais. Conforme a autora explicita:

Muito da violência contra mulheres nesta cultura é promovida pelo patriarcado capitalista que incentiva homens a se verem como privilegiados, enquanto diariamente os destitui de humanidade em trabalhos desumanos e, como consequência, eles usam violência contra mulheres para resgatar o senso de poder e masculinidade que perderam. (HOOKS, 2020, p. 173).

Diante disso, afirmo que ser mulher é um ato político de constante luta contra o patriarcado, o qual estabelece o processo de dominação e subordinação que consequentemente desenha os espaços sociais, o mercado de trabalho ideal para cada gênero, indicando as atividades que são consideradas femininas ou masculinas, reflexo de uma educação sexista que promove a desigualdade de gênero pautada na diferenciação do que é apropriado ao sistema do patriarcado.

## **2.1 A interseccionalidade como o caminho de desconstrução da matriz de opressão e violência contra mulheres**

Nesse espaço reservado para construção de diálogos e problematizações, quero, portanto, sinalizar a relevância em entender a relação de gênero atravessada pelo viés da interseccionalidade a partir da concepção apresentada pela autora Carla Akotirene (2019), a fim de que não haja hierarquização das opressões, mas sim que a compreensão sobre o feminismo negro, bem como as questões inerentes às mulheres negras sejam discutidas cuidadosamente através de um panorama interligado ou conectado a tríade de gênero, raça e classe.

A interseccionalidade impede aforismos matemáticos hierarquizantes ou comparativos. Em vez de somar identidades, analisa se quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem experiências modeladas por e durante a interação das estruturas, repetidas vezes colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão, sob a forma de

identidade. Por sua vez, a identidade não pode se abster de nenhuma das suas marcações, mesmo que nem todas, contextualmente, estejam explicitadas (AKOTIRENE, 2019, p. 27)

Vejo a partir estudo da interseccionalidade a necessidade de perceber o quanto os marcadores sociais de gênero, raça e classe atravessam a sociedade e constrói as práticas sociais através de uma estrutura de poder que classifica, marginaliza, subalterniza os corpos. Os múltiplos atravessamentos identitários: mulher, negra, travesti, gorda, nordestina, entre outros, não devem ser discutidos isoladamente, estas são algumas das diversas identificações pessoais, as quais estão perpassadas pela perspectiva da interseccionalidade.

Em consonância com Akotirene (2019, p. 26), “qualquer ataque contra lésbicas e gays é uma questão de negros, porque milhares de lésbicas e gays são negros”. A opressão está marcada pelo cruzamento de violência circunscrito na construção do sujeito. A interseccionalidade amplia o panorama de opressão, discriminação e preconceito, buscando a partir da investigação teórica e prática respostas metodológicas pautadas na sensibilidade e no esforço de perceber as estruturas presentes nas relações sociais.

A cantora Karol Conka em uma de suas falas, ressalta que o racismo e o sexismo possuem características nefastas, pois a sociedade se sente ofendida em ver uma mulher negra ocupando os espaços e pelo fato também de conseguir com muita luta e dificuldade chegar a uma posição econômica elevada, de acordo com Hooks (2020, p. 169) “Mulheres negras sempre foram consideradas “muito atrevidas”. A partir dessa assertiva, afirmo que ao impedir o crescimento das mulheres negras há um fator ideológico do medo, uma vez que essa ascensão pode refletir em forma de ameaça a quem pretende sempre estar no topo da hierarquia

Diante disso, reflito que se o racismo é tão violento, ousei pensá-lo dentro de uma perspectiva que o interliga com o sistema sexista, esse liame se espraia impedindo a ascensão social, política e subjetiva das mulheres negras. Perante essa situação de opressão, convém fazer um breve panorama acerca da mulher negra no período da escravidão, bem como sua forma de tratamento era totalmente diferente dos homens negros e escravizados. Isso irá contribuir para pensar na construção das relações sociais em tempos da atualidade.

De acordo com a supracitada autora, essas mulheres negras trabalhavam arduamente no campo junto com os homens negros, realizando atividades consideradas masculinas, ou seja, elas aravam a terra, plantavam e faziam colheita. Esses tipos de práticas exigiam esforço físico, no entanto essas mesmas mulheres não eram valorizadas, já que o poder, a dominação pertencia a supremacia branca e masculina. Os homens negros sofriam com o período da escravidão, entretanto se viam em vantagem em detrimento das mulheres, eles têm lucrado pelo fato de ser

homem cis, isto é, a identificação compulsória do órgão pênis, referenciado como masculino, o qual é um traço biológico extremamente valorizado. Para elucidar essa questão, a estudiosa declara que:

Como a mulher negra não era protegida nem por lei nem pela opinião pública, ela era alvo fácil. Enquanto racismo claramente foi o mal que decretou que pessoas negras seriam escravizadas, sexismo foi o que determinou que o destino da mulher negra seria mais pesado, mais brutal do que o homem negro escravizado. (HOOKS, 2020, p. 79)

Mediante a essa discussão, percebo por meio dessa assertiva, a relevância em contextualizar a prática de opressão realizada no passado, ou seja, no período colonial, sobretudo, o quanto tem deixado suas raízes e marcas, as quais afetam e interferem diretamente no viés de masculinidade e feminilidade, ambos são artefatos de uma construção histórica e cultural que se perduram de forma atemporal, aflorando no interior das relações sociais.

Para a estudiosa Lugones (2008), O sistema moderno colonial fez uso de estratégias e práticas discursivas para colonizar os nativos, isto é: homens e mulheres. Alinhando a perspectiva de gênero o conceito de colonialidade, nessa pesquisa, é possível afirmar a extensão dessas raízes, que é responsável por controlar condutas, determinar normas institucionalizadas, delimitando a condição de ser cis homem e cis mulher .

Desse modo, em consonância com essa autora, existe um sistema colonial de gênero que está perpassado pela intersecção de gênero, raça e classe. A colonialidade está presente em vários setores da vida, inclusive atravessa as relações de gênero por meio do processo de construção das dicotomias de poder. O colonialismo conseguiu ocupar, bem como dominar os espaços, além de impor e transplantar sua cultura para outros povos. Sua grande missão era civilizar o resto do mundo, já que, a figura do colonizador, era considerado como homem civilizado, dono de uma história, pertencente ao ocidente, o que de certo modo, possuía o aval para colonizar outros espaços que eram tomados como territórios incivilizados.

O olhar do colonizador era movido pela prática incessante de dominação e exploração, as pessoas dominadas eram vistas dentro de uma ótica estereotipada e taxadas como não-humanas e sem alma. As estruturas coloniais pautavam-se na força da imposição de superioridade e domínio sobre territórios e corpos e conseqüentemente tinham a função de escravizar as mentes por intermédio de práticas de inferioridade, de submissão, de subalternidade.

O colonialismo pode ser entendido como um regime de exploração e dominação que teve sua trajetória concretizada através do seu passado histórico. O que interessa, para esse

estudo é a percepção de que a colonialidade surge a partir do período da colonização. A colonialidade continua viva nos dias atuais, atravessando lugares, pessoas, instituições, entre outros. Essa vertente está relacionada a progressão das imagens e representações negativas, as quais são compartilhadas, e tem contribuído para a identidade das pessoas negras, dentro da perspectiva da colonialidade passam a ser vistas como negativas e de forma racializada, em que o sujeito branco, cisheterossexual, cristão, entre outros, está como figura central de tudo.

O mundo do homem cis branco, dentro de uma visão colonial tem demarcado os seus lócus de enunciação, que por sua vez humilha, menospreza vidas não brancas, assim, o sujeito branco tem ocupados seus espaços na sociedade ao afirmar por meio de forma impositiva que ele é o racional, o moderno e o outro: é o irracional, o escravo, pré-moderno, entre outros.

O texto *Racismo e sexismo na cultura brasileira* da autora Lélia Gonzáles (1984), contribui para discutir a relação conflituosa entre dominador/ dominado, dentro da perspectiva do liame racismo e sexismo na cultura brasileira. O racismo é discutido através de uma realidade sintomática, a qual impacta a vida que são tidas como dominados por meio de prática de exploração, discriminação, exclusão, entre outros. Já o dominador está em um lugar de privilégios, vivendo sua vida de forma confortável, além disso, está no centro do poder.

Essa visão de subjugar o outro é uma consecutiva colonialista, a qual de acordo com Lugones (2019), constitui de um sistema taxativo que enquadra o gênero, classificando por meio da relação de poder, essa construção social vai além, pois reforça a violência a partir de práticas desumanas, que reduz a capacidade do ser humano tido como dominada/o.

O texto apresenta signos da branquitude<sup>1</sup> da mulher negra na sociedade brasileira, são eles: mulata, doméstica e mãe-preta. A mulher negra é vista como objeto de desejo, é endeusada nos carnavais, só nesse período, é esquecido a sua história, a sua representação ganha outro sentido: a mulher passa a ser admirada pela sua beleza, ela agora é a deusa do desejo, tornando-se a rainha sorridente, é aquela que desperta olhares e encanta com seu rebolado. Dentro de uma lógica crítica, o rito carnavalesco transforma o corpo da mulher negra de doméstica para “a deusa do samba”. Essa representação da mulher negra aparece de forma simbólica como aquela que é exaltada, adorada, aplaudida, aquela que a pele branca sente desejo insaciável, e que constantemente admira a sua encantadora beleza.

---

<sup>1</sup> A branquitude, de acordo com Cardoso (2010), advoga o status quo, além de ser um processo violento, é, portanto, detentor dos privilégios de uma identidade racial branca, cuja posição de poder parte da perspectiva de enxergar o outro através da prática de dominação. A branquitude violenta os corpos, exclui, subalterniza outras vidas, outros saberes. Dentro dessa lógica há um lugar confortável é atribuído para si em detrimento de outros corpos não-brancos, entre outros.

No texto que trata acerca das imagens de controle, a autora Patrícia Hill Collins (2019), descreve a divulgação estereotipadas das mulheres negras a partir da personagem Jezebel, esta é classificada como prostituta, que por sua vez revela uma sexualidade desviante, essas mulheres são representadas como “mães gostosas. Desse modo, a Jezebel é vista como aberração, assim como as outras categorias de gênero: lésbicas, bissexuais e as transexuais, elas são associadas por meio de uma perspectiva desviante diante das/os parceiras/os.

Para além dessa questão, a construção da cisheterossexualidade feminina branca é representada pelo referente de normalidade, delicada e discreta. No entanto, os corpos negros são vistos como objeto de desejo do homem colonial. Ainda a respeito do rito carnavalesco, citado a cima, a mulher negra consegue um lugar de destaque, saindo do espaço de anonimato e ressurge apenas pelas suas curvas, pelo seu corpo. Somente aqui, ela aparece com o rosto estampado nas revistas, além disso já vem sendo representado de forma estereotipada no cinema, na televisão.

Como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra. Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra. Pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica. É por aí que a culpabilidade engendrada pelo seu endeusamento se exerce com fortes cargas de agressividade. É por aí, também, que se constata que os termos mulata e doméstica são atribuições de um mesmo sujeito. A nomeação vai depender da situação em que somos vistas. (GONZALES, 1984, p. 228)

Ao fazer um giro no período da escravidão, entende-se por mucama, a escrava negra, a moça que tem a função de auxiliar nos serviços domésticos e acompanhar as pessoas da família. Mucama é a escrava de cor responsável por criar os filhos da sua patroa, que traz conforto para a mulher branca, pois a reponsabilidade da maternidade fica por conta da mucama. Além de cuidar dos afazeres, ela cria os filhos do homem branco e está disponível para as exigências impostas pelo seu senhor.

A figura da mulata e da doméstica tem forte relação com a personagem da mucama. A doméstica dialoga com a função atribuída a mucama, que é de prestar serviço ao senhor e carregar a carga de levar o fardo da família alheia e da sua nos seus lombos, isto é, carga dupla, que não é valorizada ou reconhecida. O cotidiano dessas mulheres revela justamente aquilo que é escondido no momento da diversão, da brincadeira carnavalesca. É na prática social do dia a dia que é nítido como o lugar de doméstica é imposto a essas mulheres negras ou como elas são vistas pela ótica do homem branco.

Assim a mulher é vista como não humana, mas sim como objeto, como aquela que precisa estar disponível para prestar os serviços. Trazendo um paralelo com os tempos da colonização e dias atuais, fica perceptível que: na segregação entre dominador e dominado. O lugar habitável pelo homem branco dominador é sempre o espaço confortável, saudável, local de segurança, de policiamento que vai desde o capanga, feitores até as residências, mansões, espaço em que há o reforço de policiamento de máxima segurança. Em oposição a isso, o lugar do negro: vai desde a senzala às favelas. A mucama continua sendo a doméstica, que não pode interagir com o público, seu serviço está restrito ao diálogo com outras pessoas. Será que seu destino sempre será de servir restringindo- de alcançar espaços de destaque?

Além disso, a mãe preta é aquela destinada a cuidar dos filhos do seu patrão, ela é a mãe, porque a esposa do seu senhor não exerce a função materna, apenas só gera os filhos para a mãe preta cuidar e zelar. Por isso é chamada de mãe, por cuidar dos filhos, a mãe é aquela que cuida, que acompanha as etapas de crescimento do filho.

Em consonância com Gonzales (1984), a cultura brasileira é formada pelo suor, pelo sacrifício, pelos sengue das mães-pretas. Essa cultura brasileira que fala pretuguês, que discrimina a fala dos negros. Sociedade racista que tudo que é ruim diz que é coisa de preto, tudo que é negativo está relacionada a pessoa negra. Um meio social que não aceita dizer que o país é racista, que camufla a realidade. E de repente em algum momento o negro deixa de ser marginalizado para ser a diversão e o encanto de uma terra chamada Brasil.

Em consonância com Collins (2019), as imagens de controle pelas quais as mulheres negras têm enfrentando estão ancoradas em representações negativas divulgadas no interior das práticas sociais. O pensamento feminista negro tem esse desafio de problematizar “*mammies*, matriarcas e outras imagens de controle”. Essas imagens são construídas a partir do racismo, sexismo, desigualdade social, entre outros. A objetificação do ser feminino está relacionada à propagação dessas imagens que define a mulher negra enquanto o “outro, esse é o diferente, é o oposto, o que é visto como objeto, podendo ser controlado e manipulado.

Além disso, o pensamento binário traz os estigmas da diferença, de pares oposto, isso por meio de uma lógica hierarquizada entre o ser humano. Assim, tem-se várias diferenciações: branco/negro, masculino/ feminino/ homossexual/ heterossexual, entre outros. A raiz do binarismo está respaldada em tornar o “outro” como inferior, como objeto a fim de explorá-lo e garantir o seus status de poder.

De acordo com Collins (2019), a primeira imagem de controle correspondia as mulheres negras tratadas como “*mammy*”, empregada doméstica obediente e fiel. Imagem que reflete a violência de exploração e desvalorização econômica do trabalho doméstico, como também

elucida a confinamento dessas mulheres que as restringe de ocupar outros espaços. Elas são vistas como aquelas que vão cuidar dos filhos dos seus patrões. A *mammy* ao depender desse trabalho, aceita de forma obediente, isso destaca o quanto grupos dominantes constroem imagens sobre as mulheres negras, colocando-as em lugar de subordinação.

A imagem da *mammy* é fundamental em opressões interseccionais de raça, gênero, sexualidade e classe. [...] ao ensinar às crianças negras seu lugar nas estruturas brancas de poder, as mulheres negras que internalizam a imagem da *mammy* podem se tornar canais efetivos de perpetuação da opressão de raça. Concepções a respeito da *mammy* reforçam as hierarquias raciais. [...] a *mammy* é a face pública que os brancos esperam que as mulheres negras assumam diante deles. (COLLINS, 2019, p. 141-142)

A veiculação dessa imagem está relacionada a posição de uma mulher escrava, cujo trabalho doméstico tem sido construído por meio de uma vertente racista, que explora e nega seus direitos, além disso, reforça a imagem de uma mulher generosa, amável e obediente, comprometidas com seu serviço e por mais que elas trabalhem arduamente, essas mulheres não conseguem uma ascensão econômica, uma vez que são exploradas pelo ótica do capitalismo que compra essa mão de obra barata, enxergando-a como produto.

Historicamente, as famílias brancas contam com o trabalho das “*mammys*”, elas são representadas como as mães negras e boas, as quais estão presentes nos lares de pessoas brancas, cuja construção e divulgação da imagem dessas personagens na sociedade coopera para que outros sujeitos ocupem espaços valorizados e posição de classe elevada. Isso elucida que ser uma “*mammy*” ideal e competente, revela o fato de que essas mulheres são acometidas em extensa jornada de trabalho, dificultando a relação familiar entre seus filhos e companheiro, pois passam mais tempo fora de casa para cuidar dos afazeres e dos filhos de outro lar.

A imagem de controle da matriarca negra, de acordo com Collins (2019), representa a mulher negra, mãe solteira, que está atravessada pela interseccionalidade de gênero, raça e classe, sofrendo vários tipos de violência. Essa mulher desafia o poder cispatriarcal ao serem consideradas como mulheres fortes, agressivas, assertivas, longe de serem submissas, contrariando os princípios de uma família tradicional, que tem o homem provedor e cabeça da casa.

Essas mulheres, as matriarcas, são abandonadas por seus parceiros, muitas das vezes são representadas não femininas, como mulheres de personalidade forte, destituída de vaidade, sua imagem passa ser desprezada. Além disso, ela é tida como a mãe má, mãe perigosa ou desviante do poder cispatriarcal. Essas mulheres encontram com facilidade trabalho, porém com

remuneração desqualificada, as mães matriarca são figuras fortes provedora do sustento e educação de seus filhos.

Diante de distintas imagens de controle em torno da mulher negra, tem-se a demarcação do ser feminino enquanto procriada, essa atualização da imagem provém do período da escravidão, cuja vivência dessas mulheres era representada e comparada de forma estereotipada como seres capazes de gerar filhos como os animais. Isso, para os proprietários de escravos, era significativo, já que cada criança representava uma propriedade valiosa, mais uma mão de obra.

A cultura se dá por meio do trabalho escravo da mulata, a qual é produto de exportação, a carne que é barata, que é consumida e vendida. O europeu inventou a mulata e instituiu-a enquanto objeto. A lógica da dominação visa domesticar os corpos negros, infantilizá-los, pois não tem fala própria, precisa de alguém que conte sua história. O racismo é naturalizado, lugar de negro é na miséria, na favela, ele é incapaz, é inferior a raça branca. Essas questões são a todo momento questionados nesse texto, e ainda, assim: dizem que somos todos iguais, que não existem preconceitos nem tampouco racismo. Negro é visto como preguiçoso, como bandido.

Dentro das construções na sociedade, a imagem da mulher negra, muitas das vezes, está na função de doméstica, a faxineira, a prostituta. Porém dizem que o negro é bem representado na sociedade, que são bem tratados em vários espaços sociais. Ainda há aqueles que falam de um negro que passa a ser exemplo de vida, pelo fato de ter com muito esforço uma vida estável, assim, ele passa a ser visto como homem trabalhador, entre outros.

Em paralelos com os dias de hoje o direito a fala sempre esteve nas mãos da elite brasileira (cishomem, cisbranco, cisheterossexual). Quando uma pessoa negra se levanta para questionar o racismo e sexismo, sofrem represálias, suas vozes estão condicionadas ao silêncio, pois é a única coisa que resta para a população negra. Muitas vezes ter o direito de reclamar, questionar, falar que o racismo está presente na sociedade, que além de tudo é cultural, é estrutural, tem-se um retorno negativo.

As múltiplas violências são atravessadas pelas raízes da colonialidade, a qual está presente no domínio do saber e do ser, perpassando todos os contextos sociais, as relações inscritas no corpo e a legitimação do poder, corroborando para a subalternização dos corpos. Na esteira desse pensamento trago a relevância do conhecimento produzido pela autora Stela Regina Fischer (2017), em sua dissertação: *Mulheres, performance e ativismo: a ressignificação dos discursos feministas na cena latino-americana*, que por sua vez auxilia na problematização dos discursos hegemônicos, no poder que marginalia, oprime e silencia os corpos.

A autora Fischer (2017) ao discorrer sobre a colonialidade de gênero traz o pensamento da autora Lugones (2014) em que a discussão que se instaura no campo desse pensamento dominante deve ser visto com um olhar atento às interseccionalidade de gênero, raça e classe, categorias fundamentais para problematização das nuances de opressão. Ao perceber a sutileza provocada pelos espaços de poder, faz-se necessário chamar as vozes que são silenciadas que têm sofrido inúmeras violências por esse sistema colonialista, o qual racionaliza os corpos e o saber. Por falar em silenciamento que é uma das estratégias do sistema colonial, Fischer (2017), ressalta que:

[...] no sistema colonial de poder hegemônico, a experiência do silêncio não significa emudecimento apenas. A voz anulada é a voz que não será ouvida em nenhuma circunstância e determina o lugar de exclusão política e social, em suas formas de colonialidade de poder, saber e existir”. (FISCHER, 2017, p.31).

O colonialismo deixa suas marcas de diversas formas, principalmente em querer calar a voz desse “outro” tido como invisibilizado, que tem a sua existência, sua subjetividade e identidade negada. Para essa estudiosa pensar na relação de gênero é perceber que sua existência tem sido estruturada em torno das concepções da colonialidade, que por sua vez é histórico e cultural, promovendo as desigualdades nos diversos cenários sociais.

Dessa forma, é de fundamental relevância trazer uma perspectiva decolonial, que em consonância com Lugones (2008), a decolonialidade reporta ao passado para refletir sobre as práticas de opressão e violência circunscritas no pensamento de outrora e, principalmente interfere na construção social em tempos atuais. A vertente decolonial contribui para desfazer os traumas da colonialidade, bem como reparar os prejuízos, desfazer as raízes da colonialidade.

Para Fischer (2017), é necessário ouvir atentamente os grupos que são silenciados, inferiorizados, pois dentro de uma perspectiva decolonial, que convida grupos, os quais são convidados para um debate central que mobiliza as categorias de colonialidade por meio do enfrentamento, da resistência, da não aceitação desse lugar imposto pelos grupos privilegiados.

Há muito a se pensar sobre a vertente decolonial, quais referências a esse termo, traz significações de um processo desconstruir o que está posto, resistir, entre outros. Para autora Fischer (2017), narrativas decoloniais implicam a um conjunto de símbolos repletos de sentidos, que desencadeiam as mais diversas formas de dominação e opressão, sendo necessário o resgate de uma identidade em curso, sempre em transitoriedade.

Desse modo, decolonizar o ser, o saber tem a ver com desnaturalização da cultura, da forma de olhar, representar o outro, e sobretudo, repensar constantemente pensamentos práticas,

ações, comportamentos, produções artísticas, acadêmicas que colonizam todos grupos marginalizados

A supracitada autora colabora para pensar que o feminismo precisa ser decolonial e não universal, é preciso caminhar de mãos dadas com outras mulheres, é necessário ter um olhar atento às diferenças, as realidades, lugar onde o que não é dito seja convidado ao ramo das discussões, cujas corpos e falas insurgentes estejam presentes nos movimentos sociais, na universidade, em diversas situações. Assim, a autora discute que:

[...] o legado crítico das mulheres e feministas afrodescendentes e indígenas vão de encontro aos mecanismos de invisibilização dentro dos próprios movimentos feministas. Há uma revisão do universalismo do sujeito político privilegiado das mulheres brancas atribuídos pelo feminismo hegemônico, cujas teorias não servem para identificar e atuar sobre as realidades das mulheres racializadas, de origem provenientes de territórios colonizados. Assim, o feminismo decolonial propõe um outro lugar de enunciação das mulheres, considerando raça, classe, sexualidade no reconhecimento de diversidade identitária. (FISCHER, 2017, p, 41)

O feminismo decolonial contribui para emancipação de outros corpos, os quais têm sido mutilados, fragmentado, violentado, entre outros. A autora vai adiante abrilhantando o pensamento ao tratar acerca da mulher negra, tendo em vista a necessidade do protagonismo do feminino. E por tratar dessa questão, quero ir além, ao pensar criticamente os atravessamentos de poder, de disparidades, de opressão, de controle dos corpos das mulheres, os quais são constantemente ameaçados pelo sistema hegemônico que racionaliza os corpos, pelo viés do patriarcado, pelo capitalismo, pela indústria cultural, entre outros espaços

## **2.2 Caminhos para recepção musical: Algumas proposições metodológicas do processo de escuta**

Um dos significados que atribuo à música remete a uma construção instaurada no campo social, cujos significados são construídos e desconstruídos a partir da/o receptora/o enquanto a/o ouvinte, perpassados pelos processos de mediações que elas/es recebem e como ressignificam esse espaço constituído de ideologias. Os autores a serem mencionados, logo abaixo, ajudam a entender o processo metodológico da prática de recepção da música, uma vez que, o objetivo desse estudo é realizar uma análise de letras musicais através da minha percepção enquanto espectadora. O processo de escuta em geral passa pelo viés da

transformação, modificação, isso ocorre por meio de vários elementos que interferem e condicionam a tática de apreciação das músicas.

Deixo nítido, aqui nesse espaço, que existem diversos fatores ideológicos, mercadológicos e políticos que interferem diretamente na minha prática de recepção, logo, o meu processo de escuta não é intrinsecamente único ou ingênuo, é, portanto, plural, sofre os impactos de interferência sociais e culturais. Para além disso, tem-se a presença dos recursos, os quais são utilizados na música, os instrumentos, a propaganda das letras, o ambiente em que estou ouvindo as letras, entre outras ferramentas.

Dentro do universo musical tem-se o processo da metamorfose, sendo possível afirmar que tudo se modifica a partir das concepções do olhar, bem como o processo de representação é mediado por meio das instâncias sociais da/o espectadora/e. Outro aspecto relevante da prática de recepção estética da música tem relação com a noção de intencionalidade, circunscrita no ato de realizar escolhas consideradas pertinentes aos anseios sociais. Portanto, vale ressaltar que toda seleção tem um viés ideológico e nessa gama de escolha outros elementos são excluídos, isso nunca acontece de forma ingênuo.

A minha apreciação enquanto ouvinte da música não se dá de forma isolada, como também não é algo estático, uma vez que está condicionada às interferências sociais, como também a reprodução da música. O processo de escuta ou de recepção da música está pautado em questões técnicas, envolvendo a subjetividade presente na letra, bem como a presença constante das práticas sociais, ou seja, o microcosmo, cuja tensões, problemáticas e a maneira como percebe a vida, provém de uma teia de construção de conhecimento e produção em que possui conexão com a sociedade.

Compreendi no processo de escuta de mulheres que todas as possibilidades advindas no meio do caminho são necessárias para o crescimento humano. A autora Aline Nunes em sua tese de doutorado “Performances Cassândricas: cultivando artista e obras por meio dos Feminismos como cuidado de si”, (2019), ajuda a pensar sobre a prática de escuta, a qual está atravessada de discursos e trajetória de vida, escutar mulheres é como escutar-me a mim mesma e permitir-me transformar todos os dias. Desse modo, a escuta tem o poder de ser plural, é a dinâmica atenta para si e para as pessoas. É, portanto, perceber o mundo numa perspectiva diversa.

Portanto, a música pode impactar a vida das/os ouvintes ao ponto de contribuir na reprodução ou até mesmo auxiliar na problematização acerca do que está sendo materializado pelas vias sonoras, carregada de elementos estéticos, emocionais e efeito de sentido manifestados no universo musical.

### 3 A PRESENÇA DA MULHER TRANS NAS LETRAS DE FUNK

O funk é um instrumento poderoso, marcado pela diversidade e transformação ao longo do tempo, representando outras culturas. Esse estilo musical nasceu na periferia e tem sido um espaço de representação, de luta e confronto às desigualdades. A periferia tem sido retratada pela mídia, pelo mundo circundante de forma estereotipada, vista como lugar perigoso, onde moram traficantes e bandidos, lugar marcado pela fome, pobreza, miséria. Essas são as representações que os noticiários televisivos e jornalísticos mostram.

Essas imagens negativas divulgadas, reduzem a população e o lugar apenas pelas mazelas sociais, entretanto o que a mídia não está interessada em mostrar é que esse espaço tem feito da realidade um mecanismo para produção de conhecimento e cultura. Desse modo, o funk tem sido visto de forma deturpada e marginalizada. Mais adiante, falarei sobre essa questão, convém fazer um breve levantamento histórico sobre o funk, para maior compreensão.

O texto funk no Brasil: música desintermediada na cibercultura, escrito pela estudiosa Lucin Reitenbach Viana, ajuda a pensar acerca da contextualização histórica da cultura do funk. Este representa um som cultural oriundo do Estados Unidos. Essa cultura foi derivada da *soul music*- inspirada no *Rhythm and blues* e no gospel dos EUA, entre o fim dos anos 1950 e início dos anos 1960.

De acordo com a autora Viana (2010), o funk começou a ecoar no Brasil a partir dos anos de 1970, dentro da periferia carioca, espalhando para outras localidades do Rio de Janeiro. É, portanto, no período de 1976, que a imprensa brasileira passa a ter um papel fundamental para propagação dessa cultura musical. Daí, então, a indústria fonográfica tem contribuído para a entrada do funk no mercado cultural da música, o que corrobora para a massificação do funk enquanto um produto de consumo.

As grandes gravadoras, de acordo com Viana (1988), têm desencadeado investimento no decorrer do tempo para produção de álbuns de artistas nacionais. Em seu período de consolidação, o funk começou a enfrentar o preconceito, divulgado pela mídia, a repressão da polícia na forma de enxergar as pessoas que participam como integrantes, bem como o público que apreciava esse espaço cultural.

Nessa esfera de pensamento, policiais militares visualizaram de forma estereotipada os sujeitos que compunham o funk, os integrantes eram vistos como marginais, vagabundos, pela forma de se vestir, de se comportar, bem como pela cor da pele negra estigmatizada pelo

racismo. Essa cultura representa a periferia, a qual é vista como lugar violento, cujas pessoas que residem nesse espaço são referenciadas como suspeitas e marginais.

Em meio a essa aproximação, o funk continua a enfrentar ondas de associação criminal, porém a indústria cultural se encanta novamente pelo gênero. Mesmo com toda a repercussão e barulho dos funkeiros e com os recordes de vendas de suas produções, o gênero não emplaca como sendo de primeira linha e permanece estigmatizado como subproduto cultural, no sentido de ser classificado como produção menor dentro das gravadoras (VIANA, 2010, p. 6)

O funk vem desenvolvendo-se em meio das práticas de discriminação e preconceito divulgado pela sociedade, mídia, mercado industrial da música, entre outros. Desse modo, esse gênero foi associado desde o seu aparecimento no Brasil, como um espaço criminalizado, nascido em ambientes vulneráveis e violentos. A inferiorização do funk, também, tem associação negativa por conta da recepção da mídia e da Indústria cultural, que padronizam o que é cultura, diferenciando os estilos musicais através de prática de recepção discriminatória seja por meio da estrutura: instrumentos, ritmos, letras, entre outros recursos fonográficos e tecnológicos, seja por meio das pessoas que compõem e dos espaços geográficos localizados.

Mediante a isso, são vários fatores que influenciam a estética de recepção do público, do mercado capital e midiático que trabalham com a divulgação de pensamento e significados, e que além disso, esses espaços produzem sentidos que são atribuídos juízo de valor, que por sua vez criminalizam e corroboram para perpetuar visão discriminatória de grupos economicamente vulneráveis, os quais são produtores de conhecimento e de cultura, porém, recebem o impacto do processo de estigmatização, proveniente dos espaços de um poder cisbranco e capitalista.

A mídia é um espaço de linguagem fundamental na divulgação de informação, podendo, também, ser um espaço perigoso e violento de exclusão, de marginalização, a depender das suas intenções que giram em torno do lucro. Frente a esse cenário de criminalização dessa cultura, contudo o funk ganha força para lutar e continuar existindo e tendo cuidado para não se perder em meio aos percalços advindos, mas sim manter a essência de representar as vozes da negritude.

Esse momento pode ser observado a partir de 2005, quando as redes de contatos online estavam estabelecidas dentro das plataformas de redes sociais e foi possível desenvolver trocas relacionadas à produção musical dentro delas. Não é somente a partir da disponibilidade tecnológica que essas trocas passam a existir. Elas precisam além disso, de um componente social

onde possam fecundar, cujos laços sociais estejam fortalecidos a ponto de permitir a colaboração na produção de bens culturais. (VIANA, 2010, p. 13-14)

Nesse período de desenvolvimento do funk, mudanças ocorreram e aos poucos foi necessário incorporar outros ritmos, como também enriquecer esse estilo musical por meio da mistura dos variados tipos de instrumentos. Além disso, tem sido de fundamental relevância, o uso de batidas de tambor, marcando, desse modo, a forte influência africana. O funk tem suas diferenças locais, sofrendo variação e produção de sentidos distintos, isso acontece com o de cunho carioca, paulista, entre outros.

Quando falamos em funk carioca, geralmente pretendemos falar em funk brasileiro. É óbvio que nem todo funk feito no Brasil é produzido no Rio de Janeiro ou em sua periferia, mas ele ficou assim conhecido por conta de suas origens marcadas nessa região e pela pouca repercussão do funk originário do restante do país. Atualmente, duas tendências se sobrepõem em termos de nomenclatura: chamar toda a produção brasileira de “funk” simplesmente, ou adotar o termo “funk’ carioca como denominação de uma vertente temática do funk, caracterizado pelos assuntos recorrentes da periferia carioca, independentemente de onde seja produzido. O que sobra no caso da segunda vertente, é nomeado a partir de sua localidade de origem, comumente chamado de funk do Sul, ou a partir de sua forma de produção simplificada, tratado como funk de apartamento. Outra possibilidade ainda é trata como uma atualização mais abrangente do funk ao inclui novas temáticas [...]. (VIANA, 2010, p. 15)

A produção da cultura do funk em várias localidades tem seus significados e abordagens de realidades distintas. Todo tipo de saber é sinalizado, localizado, o funk produzido pela Linn da quebrada, traz a potencialidade e a sensibilidade de transmitir uma mensagem em combate ao preconceito e ao machismo, discutindo a questão da sexualidade dentro de um panorama plural e dinâmico, representando a existência de mulheres trans na periferia.

O som produzido na periferia de São Paulo, por essa cantora, segue a perspectiva problematizadora, que contribui para discutir temáticas feministas. Esse tipo de funk, muitas vezes, é semelhante ao *rap* por ter objetivo de denunciar os problemas sociais e de gênero. Portanto, o funk da Linn da Quebrada remete a desestabilização de um sistema opressor, que reconhece e privilegia sujeitos cisbranco, cishomem, em detrimento de outras vidas. A supracitada cantora contribui para ressignificar subjetividades negadas e silenciadas. De acordo com a PL 4124/2008, o funk passou a ser considerado como cultura popular que se manifestada na sociedade. Assim, essa pesquisa entende a necessidade desse reconhecimento enquanto cultura, manifestação de pensamento.

### 3.1 Uma rebeldia a cultura do cispatriarcado: como ouvir mulheres trans negras?



espectadora.feminista



Uso o meu corpo como arma, bomba e pólvora para me defender, como ferramenta política, para colocar em xeque e aterrorizar o que está posto como norma. Estou em uma zona hostil onde o meu corpo não tem importância. Uso tudo o que é visto em mim como algo a ser combatido, a minha feminilidade, por exemplo, como ferramenta não só para me proteger, mas também para colocar em risco o próprio sistema. (QUEBRADA, 2019).

Para início desse diálogo, faço menção a epígrafe desta seção por meio da fala da cantora Linn da Quebrada, esse é o seu nome artístico, seu nome de origem é: Linna Pereira. Falarei sobre um pouco da trajetória dessa cantora, que se declara de forma empoderada e ousada enquanto *bixa transviada*, *bixa travesty*, periférica e preta. Essa artista, além de ser cantora é compositora, atriz, performer, artista multimídia, entre outros. Ela traz de forma problematizadora sua vivência, bem como as marcas da sua trajetória.

Ela utiliza a música como ferramenta para visibilizar as questões de gênero, corpo e sexualidade, remetendo-se, principalmente, à luta de transexuais, marginalizadas pela

sociedade. Em uma entrevista, Linn da quebrada, afirma que a sua trajetória faz parte de uma construção social anterior à música. Assim, o percurso da Linn teve influência religiosa, pertencendo em um momento da sua vida, ao Reino das Testemunhas de Jeová, fruto da convivência da tia, isso até aos seus respectivos 12 anos.

A cantora cresceu dentro de uma doutrinação religiosa e em uma de suas falas, ela deixa explícito que aos seus 14 anos começou a trabalhar em um salão de beleza de seu cunhado, localizado em São José do Rio Preto, sobretudo, foi justamente nesse espaço social que ela passou a conviver com outras pessoas, o que a fez descobrir outras possibilidades de existência, bem como outros modos de se relacionar. Ao completar 17 anos foi desassociada da igreja.

Entretanto, foi nesse momento de sua vida que ela sentiu de fato que estava se tornando quem gostaria de ser. Em seu aniversário de 17 anos, a cantora ousou vestir-se de roupas femininas para as pessoas presentes naquele local. Posteriormente foi expulsa da igreja por não pertencer ao padrão cisnormativo. Segundo Linn (2019) quando a pessoa é desassociada ninguém pode manter o contato com essa pessoa, pois segue aquele discurso “uma maçã podre pode contaminar todas as outras”. Linn ressalta que cresceu nesse espaço com os sentimentos de culpa e medo, aprendendo a rejeitar todos os seus desejos e vontades tidas como errôneas. Constantemente, ela se olhava no espelho e quando refletia acerca do que estava sendo refletido, não se sentia realizada.

Essa artista traz para suas músicas diálogos sobre a relação de gênero, que ressaltam o lugar de fala das mulheres trans. De acordo com essa cantora: “Não uso a música para ser cantora, utilizo minha música para ser ouvida, como ferramenta de diálogo.” (QUEBRADA, 2019).

As letras musicais podem ajudar a pensar na relação de poder manifestada nesse espaço discursivo, tendo em vista que o ser humano é fruto do meio em que está inserido, portanto, as/os compositoras/es elucidam bem essa questão ao explicitar em entrevistas que a fonte de inspiração está amalgamada ao contexto do qual faz parte, cujas vivências são combustíveis de práticas discursivas.

Linn da Quebrada usa a música como forma de luta e resistência para si mesma, lutando contra o cispatriarcado, cisbranquitude e de tudo aquilo que define e padroniza a identidade da mulher. Para essa cantora, o funk tem sido um combustível para expressar de forma direta as nuances da violência, a opressão, a luta por desfrutar de diversas formas sobre o seu próprio corpo.

Nessa esteira de pensamento, as letras, dessa cantora, refletem não só o genocídio da população trans, mas os caminhos de protagonismo da transgeneridade. A artista deixa explícito a sua inquietação com relação ao atravessamento de questões ligadas ao corpo, retratando as

questões de gênero em suas músicas, além disso, as letras compostas por ela, traz reflexão sobre o seu próprio corpo. Outra questão que ela deixa nítida é que a música, a arte contribui para o processo de cura. Ela considera uma mulher, cujo corpo está em trânsito, em desconstrução.

Nas suas falas, é interessante a forma como ela canta e se apropria, ressignificando as palavras “viada”, “bicha”, “afeminada”, entre outras. Esses termos são vistos de forma positiva e empoderada pela Linn da Quebrada, isso é um combustível que a mantém viva dentro do seu próprio corpo. Revela a importância de assumir desejos e vontades.

As letras da Linn contribuem para repensar e reinventar narrativas relacionadas ao ideal de feminilidade, pois coopera para a construção de um novo imaginário. Conforme ela elucida: "*Mas, se liga macho, presta muita atenção / Senta e observa a sua destruição / Que eu sou uma bixa loka preta favelada / Quicando eu vou passar e ninguém mais vai dar risada.*" (Quebrada, 2019).

Assim, boa parte da sua letra questiona a ideologia de escrever narrativas em torno da dependência do macho, assim, ela subverte essa questão ao cantar músicas que enaltecem o feminino, pois questiona as letras que, demasiadamente, a mulher está habituada em referenciar ao homem na música, raramente tem se vozes femininas voltadas para si mesmas.

Para essa cantora, as suas letras constituem-se de um ato político e de amor, produzindo novas estruturas, novas concepções. As suas músicas estão carregadas da valorização do feminino nos corpos, visto que a estrutura hegemônica reprime tudo que está ligado ao feminino, desclassificando, inferiorizando, em contrapartida, ela traz as marcas da feminilidade atravessada pelas diversas possibilidades de ser mulher e das distintas formas de ser e estar no mundo.

Uma das perguntas que me faço, será que o público está preparado para ouvir mulheres trans negras? No livro gênero, raça e classe de Ângela Davis, um dos trechos que auxilia para pensar acerca dessa problemática diz respeito a uma ex escrava, uma mulher negra, Sojourner Truth, a qual reivindicava por seus direitos na luta contra o racismo, sexismo, questionando o poder da supremacia masculina que colabora para o silenciamento das mulheres em distintos espaços sociais. Assim, ela afirmava com ousadia que:

Sei que vocês sentem comichões e vontade de vaiar quando vêem uma mulher de cor se levantar e falar a respeito de coisas e dos direitos das mulheres. Nós fomos tão rebaixadas que ninguém pensou que iríamos nos levantar novamente; mas já fomos pisadas por tempo demais; vamos nos reerguer, e agora eu estou aqui. (DAVIS, 2016, p. 74-75).

Desde muito tempo, as mulheres têm sido impedidas de ter o direito a fala, ou seja, não era permitido o posicionamento delas, essa questão não ficou no passado, é uma discussão atemporal, pois as mulheres têm sido vistas de forma perigosa, fonte do desejo, do pecado, pelo fato de ser mulher. Essa disparidade se estende de forma interseccional, gênero, raça e classe. Assim, a mulher ao ser negra e de uma classe econômica desprivilegiada sofre os impactos violentos da opressão, da marginalização, da subalternidade ao se enquadrar nesse panorama de interseccionalidade.

Mediante a isso, toda forma de discriminação, subalternização vem de uma ideologia dominante, cuja sociedade escravocrata foi fundamentada na ótica do racismo, como forma de desumanizar a população negra, a da hierarquização de gênero, raça e classe. É de fundamental importância a luta das mulheres negras pela emancipação do povo negro no combate ao racismo, desigualdade de gênero e desigualdade social.

Linn da Quebrada, discute sobre a questão da feminilidade, a qual precisa ser pautada no ato de assumir o próprio corpo, tomando consciência de resistir contra o sistema de opressão. Dessa forma, o feminismo extremamente relevante, demarcando diversas possibilidades de se manifestar e que além disso e desfrutar o corpo, cada um desde que se permita poderá vivenciar experiências diferentes.

A cantora segue problematizando ao afirmar que existe a proibição de corpos femininos, e isso ela expressa com autoridade e potência na música “enviadecer”, sempre por meio de um ato de coragem, especificamente em corpos designados de “cishomem” ao nascer. O processo de *cisgenerificação compulsória* (LEAL, 2018), arregimenta a genitalização do gênero e a programação cultural cisnormativa de designação e de controle Assim, a Linn (2019) ressalta que é necessário ter força para deixar o feminino sobressair, deixar sua potência.

Outra declaração potente dela é propagar a ideia de que foi criado um feminismo, o qual é elaborado, programado, mostrando o feminismo frágil, delicado, posicionamento submisso, por isso, ela questiona esses valores impostos e defende a feminilidade por meio de um viés anti-machista, exaltando um feminino para todos os corpos. A música para ela, principalmente a escolha do funk, tem sido o caminho desenhado pela prática da linguagem descolada, repleta de informalidade, cujas letras podem influenciar ou até mesmo contribuir na desprogramação dos desejos cisnormativos, interferindo na forma de como a gente olha as pessoas e como os nossos desejos são moldados.

Para Linn, a importância de trazer um repertório destoante da musicalidade cisbranca da Indústria cultural, tem a ver com a necessidade de problematizar a visão do amor, a qual vem sendo domesticada. Desse modo, ela utiliza o funk como ferramenta de desejo, a fim de discutir

que o corpo dela também pode ser desejado e amado, pois para as pessoas trans o amor é um ato político. A transgeneridade contribui na interferência da lógica dos padrões cisnormativos a respeito da condição de ser e estar no mundo. Desse modo, a autora ajuda a pensar a questão da transgeneridade, que:

Na versão “transexual” das transgeneridades, a ficção patológica de disforia de gênero assenta-se não apenas na ideia do descontentamento do sujeito com o próprio corpo mas, sobretudo, na de que é necessário algum tipo de modificação corporal (genital, dos seios, hormonização etc.) para categorizar alguém como trans. Daí nasce não apenas a noção equivocada de que nós, travestis, não somos trans mas, principalmente, a necessidade de controle biológico das diferenças entre os corpos trans no sentido de se legitimar quem é mais trans do que quem – obviamente num paradigma cisnormativo. (LEAL, 2018, p.30)

A questão da transgeneridade vai além das questões biológicas e dos procedimentos cirúrgicos, é, sobretudo, uma desobediência de gênero, que foge dos padrões, das normas de gênero e sexualidade. É comum, dentro da vertente da cisnormatividade, a aparição do pensamento taxativo e classificatório acerca das pessoas trans e travesti, diferenciando-as e colocando-as em nichos. Essa prática de enquadrar os corpos a um lugar comparativo contribui para a efetivação de estereótipo, distinguindo quem é trans e quem é travesti, ou seja, é a maneira de perguntar: quem é mais ou menos feminino?

Na esteira desse pensamento, Linn narra que conforme ia percebendo, cada peça que usava, cada coisa que mudava no seu corpo, na forma de se relacionar, de se vestir, de se apresentar, mudava também os olhares de quem a olhava, isso foi corroborando para deixá-la mais forte e conectá-la a outras pessoas.

Logo abaixo, tem se um texto da cantora publicado no livro *Antologia trans*, deixo para reflexão.

*Em obra inacabada, espelho e martelo transcendental, processo coletivo e vivo, ouço nossas vozes escritas gritando: VIVA!*

*Não laudo. Que fere, que fura, que multa, que mata, mulata, mutila.*

*Palavra que salva*

*Escrita que cura*

*És cura. Luta. Defende com unhas e dentes suas próprias vidas. Suas próprias dúvidas. Sem dúvidas.*

*Fêmeas ou não, sem firmas e de todas as formas. Inflamam em carne viva.*

*Na pele. No pelo. Nos dedos. O cheiro. No rabo. Do ralo. O gosto. Do medo.  
 No beijo. Saliva nos lábios. Nos grandes, pequenos e médios.  
 E engolem seco o doce do próprio veneno. Lambendo do beijo, até a última gota, o antídoto.  
 Enfrentam padrões. Desafiando padrões. Arrebatam portões. Corpo a corpo.  
 Rascunho. Rabisco de nós. Desatadas. Escrevem de mãos dadas.  
 Atentas e fortes. Com ou sem cortes.  
 Trava línguas. Abre mentes. Transborda. Atravessa. A traveca.  
 Aqui onde eram todas uma, em singularidade múltipla, me vejo, reconheço, me encanto,  
 encontro, me perco, me berro, me borro, me melo, me lavo, me leve, me livre, me love, me luta.  
 E então, percebo, acabo de não morrer.*

(QUEBRADA, ANTOLOGIA Trans, 2017, p. 15)

Um dos meus questionamentos dentro da esfera musical parte da seguinte pergunta: *como ouvir mulher negras trans?* Diante do cenário histórico, percebo o quanto as mulheres negras e trans têm lutado para ocupar determinados espaços que outrora não cabia a elas, bem como persistem na labuta em confrontar os pensamentos hegemônicos. Insisto com a indagação de quem é a voz que é ouvida? Procuro responder esses importantes questionamentos ao refletir sobre o texto de Djamila Ribeiro (2017), cuja leitura provocadora, traz a inquietação de como as mulheres negras e principalmente as trans são violentamente invisibilizadas pelas práticas de racismo e cispatriarcado.

É pela necessidade de obter voz na sociedade, buscar seu direito de fala, que essas mulheres têm buscado escrever suas próprias narrativas e não mais aceitar que suas histórias sejam contadas pelo homem branco, cisgênero e cristão. É um desafio desestabilizar essas verdades que, há muito tempo, foram produzidas por um grupo específico que sempre esteve no poder.

Para a supracitada autora a construção da identidade está fundamentada no interior do poder, como também tem base colonialista que legitima e deslegitima os papéis sociais da mulher. Por falar em lugar de fala, é possível entender que todas as vozes se materializam no discurso e por pensar nisso;

[...] o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social”. Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de locus social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência. (RIBEIRO, 2017, p. 37)

Quando penso em manifestação do ato da voz, entendo dentro da perspectiva do discurso, que não se trata de um processo de comunicação, nem tampouco de uma emissão de amontoado de palavras, mas sim um mecanismo que evoca poder e controle, desumanização, como também de práticas de exploração e dominação alheia. O discurso perpetua a hierarquização, cuja ideologia propagada por meio dele, pode, portanto, ser agressiva ao ponto de que vidas sejam subalternizadas.

Nessa empreitada Jota Mombaça (2016), contribui para pensar acerca da operacionalização do poder que não está apenas situado nos espaços textuais, discursivos, mas sim está presentificada na teia social, no mundo circundante. O modelo de pensamento colonial está enraizado por meio de prática de manutenção de violências, que por sua vez visa neutralizar ou invisibilizar os conflitos.

Nomear a norma é o primeiro passo rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência, porque a norma é o que não se nomeia, e nisso consiste seu privilégio. A não-marcação é o que garante às posições privilegiadas (normativas) seu princípio de não questionamento, isto é: seu conforto ontológico, sua habilidade de perceber a si como norma e ao mundo como espelho. [...] Nomear a norma é devolver essa interpelação e obrigar o normal a confrontar-se consigo próprio, expor os regimes que o sustentam, bagunçar a lógica de seu privilégio, intensificar suas crises e desmontar sua ontologia dominante e controladora. (MOMBAÇA, 2016, p.11).

Pensando dentro da lógica que o dispositivo de poder eleva a violência e conforme assertiva desse autor, é perceptível que a violência deve ser entendida por meio de um panorama macro, ela tem múltiplas facetas, sua raiz germina, cresce, reproduz, suas formas também podem mudar de cor, de formato, conforme vai se espalhando e evolui de acordo com o tempo, espaço, está presente nos corpos, na teia social, nas formas de enxergar, perceber o mundo e as pessoas.

Trazer para o campo do debate práticas de subterfúgios imbricadas dentro da norma, expondo-a por meio do combate, confronto, problematizando os privilégios, as formas de controle e dominação, faz-se relevante para desmistificar as posições de poder. Além disso, é indispensável refletir sobre o lugar de fala, o qual revela quem são essas pessoas, porque há diferença com relação de onde fala, qual a sua história? Além do intercruzamento de gênero, raça e classe. Assim:

O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas. A teoria do ponto de vista feminista e lugar de fala nos faz refutar uma visão universal de mulher e de negritude, e outras identidades, assim como faz com que homens brancos, que se pensam universais, se racializem, entendam o que significa ser branco como metáfora do poder. (RIBEIRO, 2017, 40).

Diante dessa assertiva, penso o quanto é indispensável o deslocamento do pensamento que normatiza as mulheres negras a partir das lentes opressoras do colonizador que as confinam a serem subalternas. Nesse ínterim, a busca pela emancipação de novos lugares de fala de cunho contra hegemônico, que por sua vez possibilita a visibilidade das mulheres negras e trans.

Para a escritora Djamilia Ribeiro (2017, 49) “[...] vozes dissonantes têm conseguido produzir ruídos e rachaduras na narrativa hegemônica, o que, muitas vezes, desonestamente, faz com essas vozes sejam acusadas de agressivas justamente por lutarem contra a violência do silêncio imposto”. A voz transfeminina negra sofre com a opressão, com o silenciamento e a invisibilidade, com o genocídio, entre outros. A fala dessas mulheres guerreiras impacta e incomoda os que estão no poder, os quais querem desfrutar do poder em todo o contexto social.

A voz colonialista nunca precisou reivindicar seu direito de fala nem mesmo de lutar por serem considerados como humanos. O direito à voz, é uma questão política e social, sobretudo, tem relação com a própria existência no mundo. “O não ouvir é a tendência a permanecer num lugar cômodo e confortável daquele que se intitula poder falar sobre os Outros, enquanto esses Outros permanecem silenciados”. (RIBEIRO, 2017, p. 44). Diante disso, o ato de ouvir confronta a verdade divulgada pelo sistema colonialista, o silenciamento enuncia, por mais que não haja indícios de fala, posicionamento sobre alguma ideia, todavia, o fato de permanecer calada/o, traz as marcas da violência que é devastadora e instaura-se sobre o corpo, o qual é um, espaço de linguagem. Daí, faço a seguinte pergunta, quais corpos tem legitimidade de fala e conseguem ser ouvidos sem muito esforço?

Percebo o quanto o viés colonialista configura os corpos ao determiná-lo por meio de uma concepção racista que se refere a esses corpos: como erótico, exótico e racista. O corpo negro enuncia a opressão, a violência como também o processo de luta e resistência, denunciando prática de racismo.

[...] a regulação e emancipação do corpo negro diz respeito a processos, vivências e saberes produzidos coletivamente. Isso não significa que estamos descartando o/a negro/a enquanto identidade pessoal, subjetividade, desejo e individualidade. Há aqui o entendimento de que assim como “somos um corpo no mundo”, somos sujeitos históricos e corpóreos no mundo. A identidade se

constrói de forma coletiva, por mais que se anuncie individual. (GOMES, 2017, p. 95).

A discussão instaurada sobre o corpo tem sido alvo de pesquisa, pois é necessário entender que o corpo fala quer seja por meio da busca por processo emancipatório, quer seja pelo mecanismo de opressão. Além disso as relações que permeiam o corpo são construídas no coletivo, assim como a identidade, a cultura, portanto, o corpo é um espaço discursivo que agrega vários “eus”, por mais que o ser humano tenha sua individualidade, é, sobretudo, fruto do meio social.

Pêdra Costa (2016), ressalta que só por meio da ponte com a ancestralidade, a história dos povos precisa ser lembrada, isso constitui-se de um ato de resistência. A história contada dentro do viés do colonizador precisa ser rasurada, fissurado, fraturado, não deve mais ser um protótipo a ser seguido, portanto, as identidades precisam ser negociadas, o aprender, a convivência com o conflito, com a contingência faz parte desse “ eu” corporificado, complexo, sendo relevante sobreviver aos ataques, e com todo vigor seguir no combate.

Em diálogo com essas ideias, lembro daquilo que a Grada Kilomba disse que “ o poder é branco”, e por isso ela faz questão de ocupar outros espaços de mostrar a sua força em lutar pela sua própria vida, não aceitando o que foi imposto, mas sim, recontar, criar outras narrativas contra hegemônicas. Desse modo, as mulheres trans seguem lutando para obter seus direitos e lugar de fala em vários espaços sociais.

Nesse ínterim, a representação é um marcador sócio histórico que pode reforçar papéis de subordinação, bem como desestabilizar estigmas e estereótipos. Ao longo da acuidade histórica a imagem da mulher negra tem sido depreciada em diversos contextos sociais, ressaltando o pensamento dominante. O imaginário da sociedade hegemônica está pautado em uma identidade fixa e imutável, entretanto é preciso romper com essa visão retrógrada e pensar na relevância de compositoras e intérpretes femininas que contribuam na apropriação da afirmação identitária da mulher afro-brasileira, com intuito de propiciar a emancipação dos corpos.

Os estereótipos construídos, em torno da representação, evidenciam os traços fenótipos da negritude de forma depreciada, pois a mulher negra aprende desde cedo por meio do sistema racista, que a cor da sua pele é escura demais, o nariz largo, cabelos crespos é ruim, lábios enormes. O padrão de beleza impõe o domínio sobre o corpo negro e trans, exercendo o poder contra essas vidas e inferiorizando-as, através de um discurso malicioso de que precisa enquadrar-se no modelo para ser aceita socialmente; visto que é enfatizado pela sociedade a

necessidade de alisar o cabelo, procurar procedimento estético para afinar o nariz, entre outros, os quais são alguns dos fatores repassados pela cisbranquitude.

A representação identitária da mulher trans tem sido construída em torno de uma visão que culturalmente tem base estereotipada, desse modo, a autora afirma que:

Somos censuradas pelo “Cistema- Hetero- Branco-Normativo” desde sempre. Existimos desde que o mundo é mundo e sempre nos esconderam, nos proibiram e nos deslegitimam. [...] o corpo trans é satirizado, caricaturado, fetichizado, zootificado, desqualificado, causa desconforto, sexualizado, não é privado e nem humano. Nossa identidade é vista como falsa, uma farsa, rivisível e menor. Sofremos com chacotas, xingamentos e apontamentos”. (CARVALHO, 2018, p. 202).

Dentro dessa vertente, a estudiosa questiona o fato de uma mulher trans ter seus direitos e lugares negados, excluídos. Entretanto, outra inquietação começa a pulsar dentro do interior de Renata Carvalho (2018), ao salientar que a história contada e recontada tem escondido essas vidas, seja por meio dos veículos de comunicação: jornais, filmes, livros, peças teatrais, na música, entre outros. Mediante a isso, onde estão estas pessoas?

Elas existem, o fato de tentar inviabilizá-las, silenciá-las só coloca em cheque a questão de que a opressão é interseccional, está ligada a vários aspectos sociais e culturais e além disso atravessa a corporeidade. Seguindo adiante nessa empreitada, quando recorrer a outros espaços de comunicação, de representação, passo a perceber o quanto o universo musical é atravessado pelas questões corpóreas, podendo ou não estar associada à dança.

Percebo quando escuto música a relação indissociável entre música e corpo, a ideia que sobrevém a mim tem a ver com o dinâmica, movimento, a própria vida presente nesse espaço. A performance vocal emite não apenas sons, mas sim expressa um conjunto complexo de conteúdo textual subsidiado de significado acerca do corpo, o qual pode afetar e ser afetado.

A construção da imagem em torno do homem e da mulher é percebida de forma cultural. Desse modo, a representação da mulher negra e da mulher trans em diversos espaços, especificamente no que se refere à música, tem contribuído para a manutenção de desigualdade de gênero manifestada nesse ambiente, haja vista o aprisionamento dos corpos negros e trans, os quais têm passado pelo processo hipersexualizado, reforçado a partir de imagens de controle propagada em torno das mulheres, que coopera para ratifica o racismo e o cispatriarcado. Sobre as pessoas trans, a autora Renata Carvalho, traz o seu relato, a seguir:

Aos 35 anos me descubro travesti tornando-me transfeminista, aliás 35 anos é a expectativa média de vida de uma pessoa trans no Brasil, país responsável por 40% das mortes de pessoas trans em todo o mundo nos últimos 10 anos.

Nossa presença não é aceita, nos querem bem longe. Precisamos é de representatividade, e isso significa ter nossos corpos Trans presentes, como corpos sujeitos e não mais como objetos. E estamos questionando essa exclusão inclusive dentro das artes. Essa transfobia estrutural que só escala atores- atrizes cisgêneros-as para interpretarem personagens Trans. Essa forma errônea que nos retratam e tratam nossa identidade. (CARVALHO, 2018, p. 203).

Com base nessa assertiva, a representatividade é indispensável, a existência das pessoas trans precisam ser legitimadas, e sobretudo, a prática da representação precisa articular em prol ao combate da colonialidade. Que essas mulheres ocupem vários espaços, rompendo com as barreiras expostas que enquadram a fatores de marginalização e exclusão.

Para além disso, percebo que a violência imposta pela supremacia cismasculina branca tem o poder de interferir nos modos de representação cultural, a partir de uma perspectiva limitante de pirâmide social que é construída por meio de dois grupos ambivalentes, um que está no topo, isto é, o grupo dominante (cishomens) que oprime o grupo subordinado (mulheres). Dessa forma, associando essa ideia ao contexto da música em geral, é comum encontrar um construto social baseado em manter o status quo que prioriza os valores colonialistas.

Dentro da perspectiva foucaultiana, a constituição de ser e estar no mundo, tem base com o atravessamento social divulgado por meio do aparelho ideológico do Estado, Sociedade, Igreja e Escola, os quais são responsáveis pela doutrina, punição dos corpos dóceis, privando os desejos, práticas sexuais, sempre por meio dos seus interesses de domínio alheio.

Na esteira desse pensamento, quero problematizar alguns dos dogmas que contribuem para a desigualdade de gênero, violência sexual, discriminação, entre outros. Para ampliar o horizonte sobre essa questão é que essa pesquisa contará com a produção teórica intitulada *Movimento contrassexual* do Paul Preciado. O texto deste estudioso traz um tom irônico e potente, com intuito de romper, deslocar os discursos que excluem, marginalizam, subalterniza o ser humano.

De forma provocadora, o autor apresenta de forma crítica nova configuração sobre o corpo para que possa ser desfrutado por meio de diversas experiências, sem repressão de um sistema que normatiza as relações. Assim, é preciso desnaturalizar as noções tradicionais de sexo e de gênero em que é costumeiro defender as dicotomias centralizadas.

Para além disso, é questionada a cultura ciscentrada, cujo pensamento inerente ao corpo reflete, majoritariamente, a destinação da reprodução sexual e do prazer genital tendo como centro o órgão sexual cismasculino. Diante disso, é necessário refletir acerca da sensibilidade

do prazer que precisa ser deslocada do panorama pautado no pênis (já que o pênis pode ser um órgão sexual masculino de um homem cis ou pode ser um órgão genital feminino de uma mulher trans). Ao subverter as lógicas cispatriarcais, outras áreas do corpo podem ser exploradas e valorizadas.

Dessa forma, em consonância com a autora Dodi Leal (2018), é de fundamental relevância rasurar, assumir-se enquanto corpo, não enquanto genital, é preciso reinventar-se, pois a masculinidade se dá de forma tóxica, cultuando a genitalização do gênero. Desse modo, o cispatriarcado propaga a sua violência e opressão a partir da perspectiva cisgênero, pautada no viés do masculino, isto é, a partir de um pênis macho, enquanto o pênis feminino é desvalorizado e violentado permanentemente.

O cispatriarcado endossa e exalta a genitália, colocando-a como fator determinante para identificar as pessoas e classificá-las por meio da perspectiva excludente, preconceituosa e discriminatória. Desse modo, dentro a noção de cispatriarcado, é preciso que as pessoas tenham vagina e pênis cisgêneros, para que sejam legitimadas enquanto pessoas. A cisgenerificação compulsória ensina que o correto, o ideal é ser cis, aniquilando outros corpos, outras existências.

Ao questionar o cispatriarcado, é pertinente entender que o ser humano é um ser político e encontra-se numa posição instável, cuja identidade está sempre em movimento, além de estar sob o efeito da renegociação identitária. Desse modo, é indispensável romper com o cispatriarcado, com a cisgeneridade e com as práticas hegemônicas do corpo, reinventar os modelos de contratos normativos.

O sistema sexo/ gênero é um sistema de escritura. O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados. A cisgeneridade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reinstruir através de operações constantes de repetição e de recitação dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais. (PRECIADO, 2014, p. 26).

A desconstrução da ordem sexual instituída como “natureza humana” é chamada por este teórico como contrassexual, os corpos resistem e refutam a sujeição, à dominação, a naturalização das práticas sexuais e a relação de gênero. O lugar de fala desse corpo é aquele que identifica com a imagem que vê sobre si, é um processo de libertação e aceitação de quem deseja ser.

[...] durante os últimos dois séculos, a identidade homossexual se constitui graças aos deslocamentos, às interrupções e às perversões dos eixos mecânicos performativos de repetição que produzem a identidade heterossexual, revelando o caráter construído e protético dos sexos. Mesmo porque a heterossexualidade é uma tecnologia social e não uma origem natural fundadora. (PRECIADO, 2014, p. 30)

O manifesto dialoga com a perspectiva de transformação tecnológica acerca dos corpos hipersexualizados, marginalizado, a fim de desnaturalizar e desmistificar as verdades tradicionais sobre sexo e gênero. As transgeneridades são estigmatizadas como anormais, ou abjetas dentro do padrão considerado como normal e natural.

No texto “você é um *ciborgue*” um encontro com Donna Haraway, trata acerca da discussão da relação entre corpo e máquina. A era do *ciborgue* é um tempo marcado pela tecnologia, cujo “nós” está conectado em rede, sendo indissociável o ser humano da esfera tecnológica. Esse meio influencia as relações sociais da vida em geral com os recursos oferecidos pela rede de tecnologia. Neste contexto, a subjetividade é transformada, bem como o mundo circundante.

O *ciborgue* marca a dimensão de tempo e espaço, ou seja, é o “aqui e o agora”, refere ao contexto contemporâneo. O corpo é visto como máquina de alta performance. Falar sobre *ciborgue* é entender que o ser humano está conectado em rede, utilizando as ferramentas disponíveis. Com essas mudanças na vida cotidiana, de acordo com Donna Haraway, há uma mistura do que seria considerado natural e artificial, pois trata-se de um hibridismo que molda a sociedade.

No texto *Manifesto ciborgue* tem-se a problematização da ideia de natural, pautada pela dicotomia: homem-mulher, homossexual-heterossexual, entre outros. Esse panorama não dá conta de explicar a metamorfose, o quanto ela é real e modifica a vida. O natural aqui, se dissipa no ar, é como uma correnteza que leva essa ideia ultrapassada para longe do seio social. Esse natural imposto é violento, é excludente. Ao questionar essa visão retrógrada, a autora declara que:

[...] foi dito às mulheres que elas são “naturalmente” fracas, submissas, extremamente emocionais e incapazes de pensamento abstrato. [...] por outro lado, se as mulheres (e os homens) não são naturais, mas construídos, tal como um ciborgue, então, dados os instrumentos adequados, todos nós podemos ser reconstruídos. Tudo pode ser escolhido, desde lavar os pratos até legislar sobre a Constituição. Pressupostos básicos como, por exemplo, decidir se é natural ter uma sociedade baseada na violência e na dominação de um grupo sobre outro tornam-se repentinamente questionados. Talvez os humanos estejam biologicamente destinados a fazer guerras e a poluir o ambiente. Talvez não. (KUNZRU, 2009, p. 25).

O panorama explícito pelo manifesto *ciborgue* contribui para questionar o pensamento cartesiano, a ideologia dominante e homogênea. Tudo é maleável, mutável em todas as esferas sociais. Diante disso, ressalto que tudo está em constante movimento e transformação, o ser humano está em construção nesses circuitos que interligam as relações sociais, às quais pertencem ao universo tecnológico.

### **3.2 Transfeminismo e a liberdade de re (existir)**

Ao pensar na perspectiva de um feminismo que dialogue com outras lutas, conflitos e outras negociações de identidade e subjetividade, nasce, então, o transfeminismo que, em consonância com Fischer (2017), é, portanto:

[...] movimento ainda em processo, entrecruza as ideias postas anteriormente sobre empoderamento, o pensamento decolonial, o uso erótico, das corporeidades e das sexualidades resultando em ressignificações dos discursos feministas na atualidade. Cada vez mais coletivos feministas aderem às práticas de “desobediência de gênero. (FISCHER, 2017, p.97).

Quero seguir ressaltando o quanto o protagonismo das mulheres trans é de fundamental relevância, assim como seu espaço de luta é político, é indispensável e precisa ser fortalecido. O lugar de fala dessas mulheres precisa ser enunciado e potencializado. O transfeminismo abre o caminho para se pensar em outras identidades, as quais em jogo, elucidando o quanto são afetadas pelas práticas de colonialismo, e que por sua vez atravessa as dimensões de corporeidade, sexualidade, entre outros.

Dessa forma, essa nova vertente feminista, de acordo com a produção da mencionada autora, ajuda a pensar em um olhar decolonial que vem trazendo uma nova configuração da representação de gênero, a fim de rasurar, romper com o determinismo heteronormativo, por meio de posicionamento e até mesmo prática subversiva e transgressora.

Para a autora Lanz (2016), a pessoa que se identifica ou define como transgênera passa por um processo de não se identifica com o gênero atribuído no ato do nascimento, nessa mudança há vestígios de um “não-ser”, um “eu” que não se sente bem com o seu próprio corpo. No entanto, esse não é o seu maior conflito, mas sim que a sua existência seja reconhecida legitimada enquanto pessoa que se identificou com a identidade diferente dos constructos

socialmente e historicamente determinado de feminilidade e masculinidade, portanto é um desafio apresentar publicamente como uma pessoa transgênera.

Essa estudiosa traz para o campo do debate o quanto pessoas trans são invisibilizadas e classificadas dentro de uma não-categoria de gênero, que por sua vez é institucionalmente abominável pelo fato de esquivar-se dos moldes da cultura patriarcalista. Um fator preocupante que tem crescido é a transfobia que é manifestada pelas diversas nuances de violências, tais como: segregação, intolerância, discriminação, entre outras. A rua, a sociedade, a política, os meios de comunicação e entre outros sérios fatores denunciam o perigo, ameaça a essas vidas, vítimas pelas mentes colonizadoras, bem como do sistema patriarcal. Assim, a transfobia é:

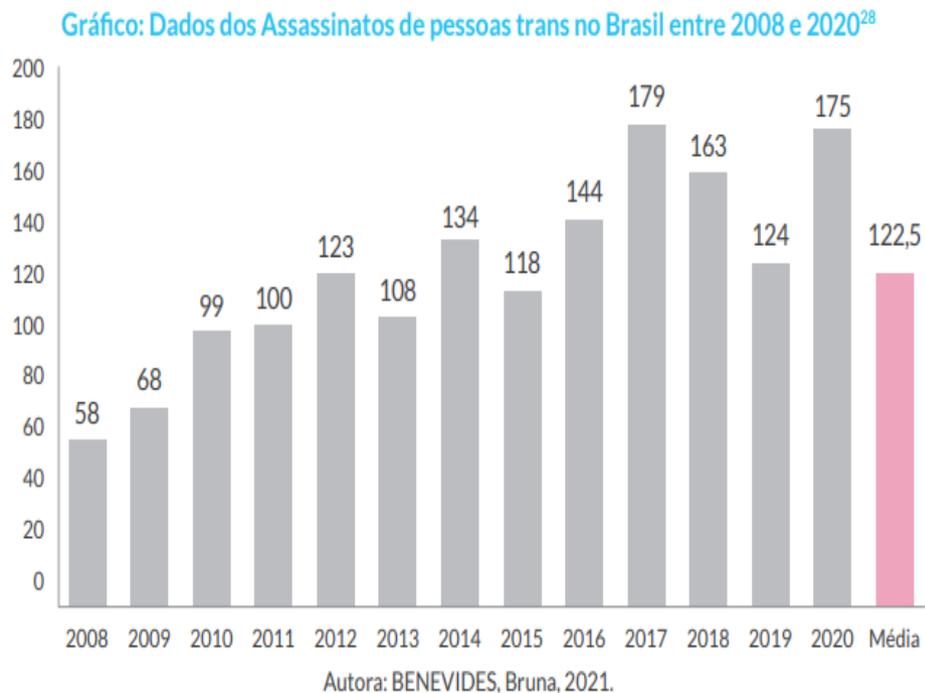
[...] totalmente arraigada e amplamente transmitida de geração em geração numa sociedade machista como a nossa, a transfobia vai crescer muito com o aumento da visibilidade trans. Essa maior exposição pública deve ser precedida por leis e políticas públicas que resgatem e protejam os direitos das pessoas transgêneras, assim como da (re)educação da população para o respeito à diferença e à diversidade de gênero. Essa tarefa de esclarecimento do público deve ser um dos principais eixos do ativismo transgênero no Brasil. A invisibilidade da população transgênera cria, ao mesmo tempo, obstáculos insuperáveis para que sejam documentadas a intolerância, a discriminação, a marginalização e a exclusão em que vivem as pessoas trans. A vergonha é a única característica que a baixa visibilidade social deixa à mostra, demonstrando o poder de pressão e a opressão do dispositivo binário de gênero com relação ao cumprimento das suas normas de conduta. Apenas um percentual muito pequeno de pessoas tem sido capaz de assumir publicamente as suas identidades transgêneras, vencendo a vergonha e o medo do estigma e das consequentes represálias sociais. (LANZ, 2016, p. 215).

Essas vidas têm seus direitos negados, cujo o exercício de liberdade deveria ser pleno, já que é assegurado pela Constituição Brasileira, porém para essas pessoas a dificuldade, a interdição é uma realidade constante que escapa do papel, bem como o direito de cidadania é extremamente desigual pelas instituições, gestões governamentais e outras esferas de poder.

Mediante a esse sistema opressor a Pêdra Costa (2018), a qual ressalta que diante de cada realidade e circunstâncias da vida, é preciso entender ao nosso redor está em constante movimento, tudo se transforma, a nossa memória está fadada ao apagamento de certos acontecimentos discursivos, bem como vivências, indo adiante a isso, a nossa memória também se modifica, se altera, neles refletimos quem estamos sendo, o que carregamos dentro de nós, as feridas, as dores, o afeto recebido e até mesmo aquilo que nos foi negado.

Reconstruir a memória, alterar aquilo que foi construído por meio de uma ótica colonial, metamorfosear, rasurar as realidades hegemônicas que foram impostas, unir forças e combater o poder colonialista que só tem contribuído para disseminar atrocidades a diferentes seres humanos.

Desse modo, Costa (2018), ajuda a pensar que a teoria tem que refletir a vida, a vida precisa fazer parte dela, é como a teoria e a prática devem andar como mão dupla. Nessa empreitada, essa estudiosa fala de suas vivências e relata o quanto as mulheres trans são excluídas, como também o índice de assassinato dessas guerreiras tem-se acentuado, conforme ilustra o gráfico abaixo:



Esses dados apontam o alto índice de assassinatos de pessoas trans no Brasil, diante disso, o Brasil segue à frente no ranking mundial de assassinatos de pessoas trans no mundo, conforme dados internacionais da ONG Transgender Europe (TGEU).

Nos três últimos anos 2017 e 2018, percebe-se o quantitativo elevado de mortes confirmadas. O ano de 2019 apresenta um número menor de casos, sendo cerca de 121 assassinatos de pessoas trans e 3 Homens Trans. Essas informações foram retiradas do dossiê: “Assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019”, realizado pela Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais). A redução no número de mortes pode estar relacionada a um ambiente menos propício a notificações de casos.

O Brasil tem cerca de 209 milhões de habitantes e uma taxa de 30,5 homicídios a cada 100 mil habitantes, a segunda maior da América do Sul, perdendo apenas da Venezuela, com 56,8. Enquanto os Estados Unidos, com população estimada em 327 milhões e terceiro do mundo em mortes de pessoas Trans, apresenta taxa de 4,88 para cada 100 mil habitantes. O que explicita o cenário de violência que nos encontramos, onde temos cerca de 6 vezes mais mortes de pessoas trans no Brasil em relação aos Estados Unidos, que tem uma

população 50% maior que a nossa. (BENEVIDES E NOGUEIRA, p 22, 2020)

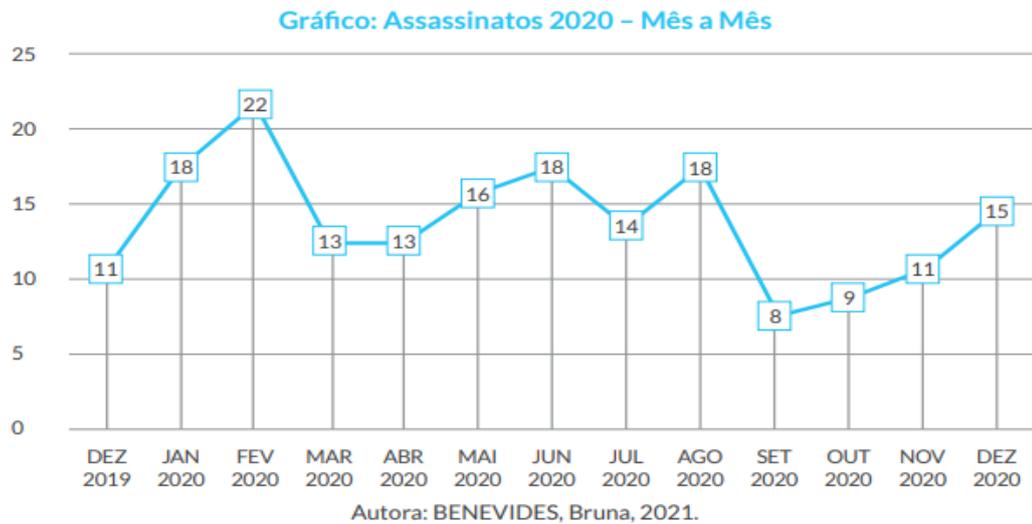
Esse cenário genocida ressalta a falta de respeito, empatia, bem como o descumprimento de uns dos direitos fundamentais que todo ser humano precisa ter, que é o direito à vida. Drasticamente, essas vidas têm tido seus dias contados, marcados pelo ódio, intolerância e desumanidade de um mundo cada vez mais violento contra pessoas trans. Infelizmente essa situação é tão agravante que não é comum a comoção, o lamento ou até mesmo a reflexão acerca dessa realidade absurda e sanguinária.

Dandara teve seu nome atribuído à rua no Bairro Bom Jardim, em Fortaleza/Ceará, provavelmente a primeira rua do país a ter o nome de uma travesti. A ideia de nomear a rua, no trecho onde ela foi agredida e violentada até a morte, é um protesto contra a intolerância transfóbica. O bairro que a viu crescer também foi o bairro que a matou. É um alerta e lembrete para que não esqueçamos da brutalidade com que a sociedade e as instituições brasileiras vitimam pessoas trans diariamente. Mais que comemorar, sigamos alertas! (BENEVIDES, 2020 para a ANTRA)

Mediante as agressões, múltiplas violências e genocídio contra a população trans, de acordo com informações divulgadas na Antra (2020), estima-se que ocorreram 175 assassinato de mulheres transexuais, nos dados apresentados não constam homicídio de homens trans. No entanto, o cenário sangrento vem aumentando no decorrer do tempo, tendo como fator determinante a transgressão de gênero, que causa repulsa, ódio e intolerância por parte de pessoas conservadoras e moralistas.

De acordo com informações coletadas pelo: Dossiê dos ASSASSINATOS e da violência contra TRAVESTIS e TRANSEXUAIS brasileiras em 2020, os dados apresentados aqui, trazem mapeamento datados de 2008 a 2020 teve o percentual de 122,5 assassinatos por ano. O ano de 2020 está com 43,5% acima da média de assassinatos em números absolutos. Além disso, houve, neste último ano, o aumento de 201% de assassinato com relação a 2008.

Em plena pandemia proveniente do covid-19, este ano de 2020 os casos tiveram aumento significativo de acordo com a publicação nos boletins bimestrais ao longo de 2020. Abaixo, ilustra os respectivos meses marcados pela extrema violência contra pessoas trans no ano vigente.



Dados entre 2008 e 2016 foram publicados pelo Grupo Gay da Bahia (GGB)

Logo abaixo, a autora Pêdra Costa, deixa seus questionamentos com base em suas vivências e percepção acerca da realidade, assim, ela declara que:

Para nós, montras já nascemos sabendo da sina de nossas vidas: violências. Vivemos isso todos os dias. No meu caso, ao pensar sobre traumas a partir das violências (eu vejo e respeito às individualidades e singularidades de cada pessoa), nunca imaginei uma vida sem violência. [...] não existia tempo para os traumas, mas para transformar trauma em resistência, luta e vida. Não havia tempo para os traumas se instaurarem e se fixarem porque todos os dias havia pelo menos uma violência a mais, uma conhecida ou uma nova. Eu falo sobre tudo, desde um xingamento até tentativas de assassinatos, passando pelas violências simbólicas, sexuais e físicas. (COSTA, 2018, p 140-141).

Diante desta problemática agravante a luta está pautada na força de querer sobreviver e resistir contra esse sistema nefasto que induz a morte de muitas vidas, que mata sonhos e projetos. Resistir é continuar sendo forte, porque de acordo com a supracitada estudiosa, a violência ganha várias facetas e potencializa-se, sendo necessário resistir, vestir-se para guerra por meio de uma rede de conexão, de apoio que não se prenda apenas a teoria, mas que essa batalha esteja articulada à vida, que tenha efeitos que mexam com as estruturas, trazendo mudanças e valorizando a vida a partir das diferenças, singularidades de cada mulher.

Em consonância com as teóricas Dodi Leal e André Rosa (2020), dentro de uma perspectiva decolonial, a qual contribui para mergulhar no passado colonialista para subverter práticas violetas, com intuito reinventar os corpos, ser aquilo que que deseja ser, permanecer constantemente na linha de frente, caminhando de mãos dadas com rebeldia, a desobediência de gênero. Essas estudiosas trazem importantes contribuições para pensar uma arte decolonial:

Reescrevemos, assim, as nossas narrativas e as histórias dos corpos em performance em contextos diversificados, por meio do contágio com formas de conhecimentos plurais – e não mais somente sob o jugo de uma história linear e oficial das artes e dos corpos, dada pela cisgeneridade compulsória – nas relações que esses arquivos e repertórios possibilitam naquelas/es que o acessam e no próprio ato de inventariar as práticas artísticas. (LEAL; ROSA, 2020, p. 20).

Mediante a essa assertiva, quebrando com os paradigmas da normatização da cisgeneridade por meio de dispositivos decoloniais, os quais rompem, rasuram, fraturam a limitação dos corpos, do saber, do ser. É preciso questionar a cisgeneridade compulsória, bem como a visão doentia, retrógrada que impõe a padronização, a homogeneização das vidas. A transgeneridade contribui para pensar o quanto o ser humano deve ser visto sob uma ótica plural, diversa, aberta a transmutação, a transição, entre outros. Desse modo, as autoras afirmam que:

O percurso das transgeneridades em performance é o de reposicionamento das lutas por reconhecimento e melhorias sociais, visando subjetividades flexíveis afrontadas nas suas potências sexuais, raciais, de deficiências corporais, de classes sociais, etárias etc., e nos seus direitos e modos de existir. (LEAL; ROSA, 2020, p. 21).

A transgeneridade é uma das muitas formas de reconfiguração do "eu", o "ser". Nesse ínterim, é de fundamental relevância a perspectiva decolonial, a qual contribui para deslocar a epistemologia hegemônica, esta pode ser entendida como atemporal, já que a sua proliferação provém desde a era colonial até a atual conjuntura brasileira. A perspectiva colonialista está presente no cotidiano das pessoas por meio dos jogos de poder que se inscrevem no corpo, nas leis, do mundo em geral.

Para a estudiosa María Lugones (2019), o feminismo decolonial contribui para perceber o mundo com um olhar atento às questões de violência, discrepância de gênero, buscando novos rumos dentro da concepção da diferença, bem como lutar contra a vertente colonialista. Não basta só enxergar com outro par de olhos essa degradação em humilhar, explorar o outro, mas sim posicionar na luta ativa contra esse sistema que foi construído socialmente por meio de um prisma de superioridade. A lógica da colonialidade vem fortalecida da pretensão de controlar e enganar a existência de outras pessoas consideradas diferentes ou fora do padrão.

### 3.3 O escutar da música em sintonia com os processos de construção identitária e cultural

Enquanto espectadora da música, percebo que as letras colaboram para a construção pedagógica de duas vertentes estéticas relevantes: a identidade e a cultura. Esta e aquela não serão vistas de forma homogênea em decorrência do seu caráter transitório, inacabado, visto que, o tempo e o espaço são marcados pelas transformações sociais. Para tanto, tratarei a questão da identidade em conformidade com os Estudos Culturais, entendendo-a como transformação em curso, que segundo Hall (2011, p.12), “uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades”. A identidade é vista em sua pluralidade, pois o ser humano desempenha diversos papéis sociais em diferentes momentos e lugares.

Logo, a ideia de um mundo descentralizado, fragmentado vem contribuindo para contestar a visão de algo unificado, estabilizado, de imutabilidade. A música pode cooperar para o processo de construção/ desconstrução de identidades. Acerca da questão identitária, Hall, ajuda a pensá-la pelo viés da pluralidade, ao afirmar que:

O que denominamos "nossas identidades" poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos "viver", como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente. Isto, de todo modo, é o que significa dizer que devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas. Elas são o resultado de um processo de identificação que permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles). (HALL, 1997, p. 26-27).

A noção de identidade com base no exposto compreende a dinâmica, a transitoriedade, a contingência. Embora essa discussão tenha caráter complexo, é composta pelo processo de identificação, pois o ser humano adota múltiplos papéis sociais na interação e no ambiente onde mantém contato. Ao tratar sobre identidade, a qual é construída e desconstruída por diversas situações, assim a música contribui para o processo de configuração de novas identidades ou até mesmo a sua unificação.

Para além dessa questão, dentro do universo musical, não só a identidade se encontra em jogo, como também a cultura, desse modo, parafraseando a concepção do estudioso Hall (1997), a cultura é um mecanismo de prática social, que por sua vez é “regulada” e “governada”.

Essa forma de regulação tem estrita relação com os meios de comunicação, exemplo disso: o rádio e a TV, isso acarreta no gerenciamento de novas culturas.

A cultura molda o ser humano como também é responsável por governar condutas, ações sociais e culturais construídas por uma gama de significado, sempre a partir dos jogos da linguagem, do sistema taxativo de normas, classificação das pessoas, dos objetos, entre outros.

Por bem ou por mal, a cultura é agora um dos elementos mais dinâmicos — e mais imprevisíveis — da mudança histórica no novo milênio. Não deve nos surpreender, então, que as lutas pelo poder sejam, crescentemente, simbólicas e discursivas, ao invés de tomar, simplesmente, uma forma física e compulsiva, e que as próprias políticas assumam progressivamente a feição de uma "política cultural". (HALL, 1997, p. 20).

A partir dessa assertiva, reforço a necessidade de não adotar uma concepção simplista de que tudo seja delimitado como cultura, já que convém entendê-la sob o prisma de que toda práxis sociais é constituída em torno da multiplicidade de significados acarretados por uma perspectiva cultural. Assim, é possível pensar a cultura enquanto um produto da linguagem, pois é atravessada e interpelada pelas questões linguísticas, como também pelos jogos de poder e por incontáveis sentidos presentes na teia cultural.

As nossas condutas e ações estão movidas por meio dos significados culturais e reguladas pelo mundo globalizado, isto é: mídia, capitalismo, tecnologia, Indústria cultural, entre outros. Outra questão a ser levada em consideração diz respeito ao entendimento da cultura a partir de uma vertente mutável, sempre passível de transformação.

No campo musical, a temática acerca do universo feminino tem sido alvo de interesse para muitas/os compositoras/es. A representação da mulher nesse espaço midiático, tem sido cantada de diversas formas, seja pela divulgação de facetas cristalizadas, que endossam o discurso referente à forma como o homem percebe a mulher e como a referência sob a ótica patriarcalista, que por sua vez vende a visão da mulher enquanto produto do mercado musical, mostrando a objetificação do corpo feminino.

#### **4 PERCURSO METODOLÓGICO**

O percurso metodológico deste estudo debruça sobre a pesquisa qualitativa dentro da perspectiva da autora Marília Velardi (2018), que por sua vez constitui-se de uma abordagem que não tem pretensão de quantificar os dados, mas sim escolher um trajeto que permita a inferência, a interpretação.

Mediante a essa exposição acerca da vertente qualitativa é imprescindível que esse tipo de abordagem precisa ser visto com um olhar cauteloso, detalhista e para além disso, faz-se necessário entender o quanto esse processo é complexo, permitindo uma abertura ampla, dinâmica, influenciada por diversos fatores sociais, econômico, entre outros.

Nessa esteira de pensamento, essa autora contribui para pensar o campo de estudo da hermenêutica, isto é, a prática de interpretar o texto a partir do cuidado de ter o contato com a multiplicidade de sentidos que a palavra carrega, o texto em geral abarca os mistérios que só terão existência quando a/o pesquisadora/e mergulha em sua profundidade e capacidade de trazer sentido, como também reconhecer a ponte de conexão dos mais variados conhecimentos.

Ainda em consonância com Velardi (2018), a escolha dos métodos que fogem do tradicional pode causar impacto na academia, já que existem modelos prontos que ensinam como fazer pesquisa e o que deve ser considerado científico. Ao trazer para o cenário essa discussão, a supracitada teórica ressalta os confrontos que existem no campo acadêmico; além disso, é importante que hajam materiais metodológicos nas bibliotecas como também deve ser totalmente aceitável que a/o pesquisadora/o crie sua própria metodologia e que isso não seja motivo de desqualificação ou desaprovação do texto científico.

Em conformidade com Velardi (2018, p. 48), “é preciso nos darmos conta de que método é, antes de tudo, forma de pensamento”. Deixo expresso que esse texto trará as marcas da minha subjetividade, desse modo essa dissertação grita e anseia em ser obra, minha criação, a qual sempre estará aberta as rasuras necessárias.

Busco propor uma metodologia de escuta tanto para mim enquanto espectadora da música, quanto para as/os professoras/es que visam um trabalho pedagógico com a música e para os ouvintes que amam escutá-la em distintos espaços sociais em diferentes plataformas digitais. A escuta deve estar regada de cuidado de si, a fim de mergulhar na imensidão do íntimo do ser, permitindo conhecer-se a si mesmo para a acessar novos significados.

Apresento com esse tipo de trajetória metodológica, a seleção de 18 músicas com letras variadas a partir dos trabalhos das artistas Linn da quebra (funk) e Karol Conka (Hip Hop), a fim de contribuir no processo de desconstrução de narrativa hegemônicas.

Para a construção dessa produção foi de suma importância escolher um período para ouvir as letras, então pensei em ouvir a música pela manhã, pelo fato de ser o período em que a minha mente está apta e pronta para escutar com calma, é, portanto, mais proveitoso. Escolhi

o horário das 9:00 hs, para realização da primeira escuta, já a segunda aconteceu por volta das 17:00hs, após essa única repetição, esse foi o padrão escolhido para o cumprimento de todo o processo de escuta. Após isso, comecei a escrever o texto em forma de pensamento crítico, embasado nas ideias e percepções teóricas que surgiam naquele momento, a partir das minhas interpretações que serão decorridas nos próximos tópicos.

#### **4.1 Epistemologia qualitativa da estética musical**

O processo de escuta da música seguiu alguns requisitos de organização, a fim de que a pesquisa seguisse um caráter criterioso e comprometido com a seriedade do campo de estudo, dessa forma, faz-se necessário ter um olhar minucioso, além de seguir certos protocolos de seleção, informações sobre a letra, produção, composição, entre outros. Depois da seleção das músicas, foi preciso delimitar a plataforma para realizar o processo de escuta da música, o aplicativo escolhido foi o *spotify*, este por sua vez, só permite a divulgação em formato áudio, é como se fosse uma espécie de MP3, já que não pretendo analisar vídeo e, além disso já é habitual ouvir as músicas por meio desse recurso tecnológico.

Deixo explícito que a técnica de escuta das músicas contou com o uso do meu celular *smartfone* juntamente com o uso de fone de ouvido, enquanto o volume esteve numa altura razoável para escuta atenta, a fim de que não houvesse interrupção ou nada que atrapalhasse esse meu processo de escuta, mesmo que algum imprevisto pudesse surgir, minha responsabilidade de ouvinte e de pesquisadora seria tratada de forma coerente e com muita dedicação.

Faz-se necessário descrever o planejamento da prática de ouvir as músicas selecionadas, sendo relevante a determinação de tempo, bem como o detalhamento de como se deu o encaminhamento desse processo. Aproveitando esse tempo de pandemia do covid-19, de quarentena, tenho feito desse momento crítico e incerto, reflexões, portanto, tenho buscado aproveitar o máximo possível desse tempo para destinar a prática de leitura, produção, e sobretudo, ouvir com muito carinho e dedicação o repertório de 18 letras musicais.

Dessa forma, precisei usar o tempo de 18 dias para o processo de constituição de escuta, a cada dia ouvirei uma música, sendo necessário pelo menos uma repetição da letra selecionada, no dia a reservado, a fim deixar-me envolvida com a música e estar atenta aos detalhes que não foram captados na primeira escuta. Dessa forma, problematizarei como as músicas selecionadas

poderão interferir na construção da minha subjetividade, no meu modo de enxergar a vida, de interpretar o mundo? Não restringindo apenas minha visão, refletirei, também, como o protagonismo das mulheres negras e trans impactará outras pessoas?

Adianto que para mim tem sido desafiador esse percurso de estudo, cheio de surpresa, antes e durante o processo de análise. Voltando ao que referenciei como desafio, ressalto que nesse momento de incerteza, a única noção de certeza que tenho está pautada na construção de vários “eus” que vem me tecendo e entrelaçando-me.

Por conseguinte, afirmo que minha construção subjetiva é complexa, movida por uma teia que tem base plural, isso é maravilhoso de dizer. Quero deixar expresso por meio dessas linhas escritas que um novo tom surgiu, novidades, impressões através da minha recepção, embasada na minha experiência.

Quero arriscar em dizer que a mesma pessoa que escreve esse texto teórico, também, está passível ao processo de mudança, de ressignificação. Aquilo que não foi captado nessa primeira parte deste estudo pode vir com mais vigor, potência, pode florescer por meio da minha experiência. Venho elucidar a necessidade de enegrecer a minha escrita a partir da construção de postagem de reflexões e comentários por meio das minhas impressões, particularidades subjetivas, já que eu serei simultaneamente a pessoa pesquisadora e aquela que me avalio durante e após esse processo, pois a reflexão sobre nós mesmo deve ser constante, sempre em trânsito.

Em tempo de quarentena, de isolamento social, venho acompanhando os acontecimentos desastrosos, que trazem mudanças em tempo sincrônico (isto é, em dias atuais, no cenário real), a nossa forma de gerenciar a vida. Mediante aos absurdos e ataques à ciência, a qual vem sendo desvalorizada, como também estamos presenciando diversos cortes de programas, bolsas de estudos científicos como consequência de uma gestão governamental que se sente ameaçada ou pelo fato de querer barrar, impedir o progresso da ciência.

Entretanto, diante dessas afrontas, percebo a formação discursiva de que Foucault (1992), deixou marcado em seu discurso, em sua obra, e trago para esse diálogo a seguinte assertiva de que: “conhecimento é poder”, assim, o saber é uma arma, é uma ferramenta poderosa que causa espanto, medo, legitima e deslegitima conhecimento.

Ao dedicar um tempinho sobre o conhecimento reflito que vários saberes têm sido desvalorizados, tendo em vista que histórias foram contadas por meio de uma ótica hegemônica, excludente provenientes do processo violento de colonização, entre outros. No entanto, ressalto que é de extrema relevância redimensionar os olhares, a fim de que outras narrativas surjam, ganhem vida, que a produção de conhecimento seja pluriversal, reflexiva, dinâmica e mutável.

## 4.2 Processo de constituição da análise

As músicas selecionadas passaram por um percurso de análise descritiva analítica do texto, constituindo por meio de um processo detalhista da leitura ancorada através da inferência e interpretação sobre os dados.

Escolhi essa forma para avaliar as letras, pois vejo o quanto é indispensável uma leitura crítica das informações, do conhecimento transmitido. No processo de escuta das músicas foi realizado a produção textual com base no conhecimento que possuo sobre as questões étnico-raciais e o que essas letras trouxeram para o campo da discussão.

Nesse ínterim, a intenção de ouvir as músicas com um panorama analítico descritivo, tem relação dialógica com o contexto no qual vivemos, cuja reprodução em massa das letras musicais promovidas pela Indústria cultural está subsidiada em um pensamento daquilo que será mais rentável, pouco importando com o conhecimento que será partilhado e publicado.

A produção da reflexão foi construída através de textos curtos para postagem na rede social *instagram*. O corpus deste estudo compõe-se a partir de um trabalho com narrativa musical. Além disso, foi criada a página no *instagram*: **Espectadora. Feminista**, para divulgação de pensamento, comentário e reflexão das músicas dessas artistas. O objetivo é aproveitar esse veículo informação, a fim de propagar conhecimentos que versam as relações étnico-raciais e as questões de gênero. A seguir, trago a imagem do perfil do *instagram* dessa pesquisa.

# espectadora.feminista ▾ ☰



34 Publicaç... 80 Seguidor... 0 Seguindo

## O som da resistência

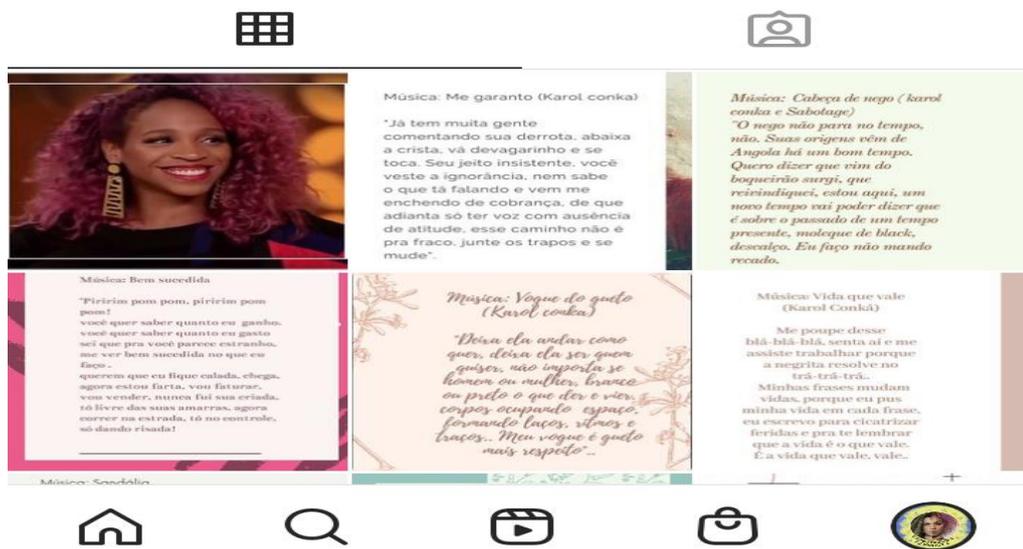
Espectadora do espaço musical

Pesquisadora e professora.

Cantinho reservado para diálogos, afeto e desconstrução.

Como ouvir mulheres negras e trans?

Editar perfil



Fonte: instagram: @espectadora.feminista, 2020

A proposta desta página é fortalecer o diálogo, fortificar as problematizações relacionadas a uma visão interseccional de gênero, raça e classe. Sendo pertinente falar sobre mulheres trans e negras no funk e Hip hop. Nesse íterim é de suma relevância pensar a música como um artefato ideológico, a qual está perpassada pelas relações de poder. Externo aqui, meu ensejo de deixar ecoar as vozes da resistência. Coloco-me como espectadora das letras das músicas da Linn da quebrada e Karol Conka.

As divulgações das minhas reflexões referentes às letras de funk, bem como a cultura do Hip Hop, contribuíram para valorizar o trabalho dessas mulheres negras e trans. A escolha desse recurso digital se deu pelo fato de ser um espaço muito acessado em tempo atual, nesse cenário e por ter uma configuração interessante para divulgação do conhecimento.

O *instagram* permite reflexões não muito longas para divulgação, é importante porque não impede de que as pessoas leem, pois devido ao fato de não exigir escrita grande, que por sua vez requer um tempo maior, esse formato de página está sendo usada constantemente por diversas pessoas, principalmente agora em tempos de pandemia vários profissionais fazem *lives*, trazem diversas informações de divulgação de trabalho, entre outros.

No caso do objetivo da criação dessa página tem a ver com a divulgação de textos curtos e imagens, se for necessário até a publicação de vídeos curtos, visto que há delimitação restrita na publicação desse último recurso. O *instagram* nesse período que estamos vivendo, tem crescido entre as demais redes sociais, tais como: *facebook*, *whatsapp* e *instagram*, principalmente esses dois últimos estão sendo muito usados para divulgar as informações, plataformas virtuais que estão sendo bem úteis nesse contexto vigente.

Esta página tem como intenção, fazer deste espaço um ambiente interativo, visto que esse recurso virtual permite a troca de saberes, bem como traz a presença de *link* e *deslink*, posicionamento importantes que podem trazer para esse cenário de discussão, diálogos que não só se encerram nas minhas impressões ou reflexões.

Pensei na construção e divulgação do conhecimento em seu sentido macro, já que o saber precisa ser compartilhado, só tem sentido na construção coletiva, logo penso na ampliação das informações, impressões subjetivas, pensamentos que estão sendo construídos ou até mesmo desconstruídos no interior dessas relações sociais.

Entretanto, venho explicitar que não obtive o retorno que queria, a divulgação da página foi feita nas minhas redes sociais: *instagram*, *facebook* e *whatsapp*. A quantidade de seguidores foi de 80 usuários. A página não teve muitas curtidas, nem tampouco comentário dos seguidores. Logo não houve troca de conhecimento, isso é problemático, já que esse tema relacionado à questão étnico-racial precisa ser discutido em diversos contextos, uma vez que a violência e opressão contra mulheres tem se acentuado na sociedade vigente.

Vejo que a representação feminina, na música brasileira, especificamente na cultura de funk e no movimento cultural Hip Hop, pode corroborar para um estudo que dialogue com a interseção entre gênero e raça. Em consonância com Bhabha (2005), o sistema colonial se dá no interior dos jogos de poder, bem como a representação do sujeito é marcada por meio de estereótipo, que afeta a alteridade do ser humano, ao transformar em um “eu” colonizado, cujo processo de opressão se fortalece por meio da limitação da autonomia alheia, discurso de violência para efetivar a prática de subalternização.

A representação da mulher negra na sociedade tem sido estigmatizada pela ideologia machista e racista, o que se tornou corriqueiro a falta de representatividade dessas

personalidades como protagonistas. A imagem transmitida em múltiplos espaços sociais, tais como: a televisão, o cinema, a música, constituem-se de percepções estruturadas com base no olhar de fora, narrativas contadas pela voz masculina. Vejo a música como uma obra de arte que pode ter o poder de alcançar e tocar as pessoas ou alienando-as ou conduzindo a reflexão. Por conseguinte, as letras musicais podem ser uma ferramenta pedagógica para problematizar e desmascarar as múltiplas violências.

## **5. ANÁLISE E PRODUTO PEDAGÓGICO DA PESQUISA**

A prática de ouvir música atravessa os corpos, está mergulhada na riqueza de significados atribuídos a vida, as pessoas, a realidade circundante. Vivemos em um mundo musicalizado, é comum escutar música em casa, no ônibus, na ida à escola, no intervalo escolar, no avião, ao fazer exercício físico, entre outros espaços sociais.

Ainda mais em tempo de quarentena a música pode cooperar no processo de reflexão, bem como tirar um tempinho para conhecer o trabalho que protagoniza, cantoras negras e trans. Aprender e aprender deve ser uma prática constante, reinventar a vida da melhor forma possível, reeducar o olhar para enxergar o outro por meio de um olhar afetuoso, moldado pelo respeito e amor ao ser humano, combater toda e qualquer forma de violência e opressão.

Nessa minha quarentena selecionei algumas letras, dessa forma, as apresentações da lista musical estarão presentes no próximo tópico, bem como a descrição de composição dessas músicas. O processo de escuta, juntamente com a postagem do comentário reflexão na página Espectadora. Feminista, teve início dia 01 de Agosto e teve seu final dia 18 de Agosto de 2020. Após esse término foi dada a continuidade ao processo de escrita dessa dissertação.

Os trechos das letras serão refletidos por meio do meu processo de escuta e como vou me posicionar. Divulgarei aqui em forma de comentário reflexivo a minha visão sobre as músicas selecionadas.

Deixarei aqui os planos de aulas que serão utilizados futuramente em sala de aula por meio de oficina de leitura e produção textual pautadas nas questões raciais e de gênero, a fim de promover um ensino que contemple as questões étnicas-raciais.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

**Temática:** O som do Hip Hop nos convida para dançar e ressignificar o pensamento

**Público –alvo:** 3ª série do Ensino médio. Rede de ensino: pública

**Hora/aula:** 2 aulas

**Objetivo geral:** Reconhecer a importância da cultura do Hip Hop e o protagonismo de mulheres na música

**Objetivos específicos:** Discutir sobre a história do Hip Hop a partir dos seus desdobramentos sociais, políticos e históricos;

Levar para sala de aula músicas da artista Karol Conka que valorizam a figura do feminino;

Problematizar a ideologia do patriarcado e suas múltiplas violências sobre os corpos femininos negros

**Conteúdo programático:** Interfaces entre cultura do Hip Hop, identidade e formação de imaginário social antirracista e anti-machista, caminhos para o ensino étnico racial nas aulas de Língua Portuguesa.

**Metodologia:** Aula expositiva dialogada com uso de recursos: textos impressos, imagens, slide para apresentação de conteúdo e caixinha de som para exposição das músicas: Vogue do gueto e bate a poeira da cantora Karol Conka. Momento de discussão da temática a partir do auxílio de textos e análises das letras musicais.

**Referências:**

<https://www.stoodi.com.br/blog/historia/nascimento-do-hip-hop/>

<https://teatrolocitane.com.br/historia-do-hip-hop/>

<https://www.letras.mus.br/blog/historia-hip-hop-no-brasil/>

<https://www.politize.com.br/o-que-e-machismo/>

<https://www.justificando.com/2019/03/28/a-importancia-do-feminismo-na-desconstrucao-da-estrutura-de-poder-patriarcal-e-sexista/>

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

**Temática:** Não venha com definições abjetas sobre os corpos feminino negro, o poder aqui não é branco nem tampouco masculino.

**Público –alvo:** 3ª série do Ensino médio. Rede de ensino: pública

**Hora/aula:** 2 aulas

**Objetivo geral:** Dialogar de forma crítica acerca das questões de gênero e raça e classe

**Objetivos específicos:** Problematizar o patriarcado, sexismo e machismo na cultura brasileira;

Discutir e combater o racismo estrutural

Ouvir mulheres negras dentro do espaço musical;

**Conteúdo programático:** Estudo pautado na perspectiva do feminismo negro

**Metodologia:** Aula expositiva e dialogada com os alunos. Uso de materiais: textos impressos, músicas: sandália e Kaça da cantora Karol conka.

**Referências:**

<http://www.justificando.com/2019/05/23/mulheres-raca-e-classe-o-que-angela-davis-nos-tem-a-dizer-sobre-direito/>

<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/5179>

### SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3

**Temática:** Produzindo narrativas sobre mulheres através do processo de escuta de música em sala de aula

**Público –alvo:** 3ª série do Ensino médio. Rede de ensino: pública

**Hora/aula:** 4 aulas

**Objetivo geral:** Dialogar sobre as temáticas trabalhadas dentro das questões étnico-raciais, a fim de produzir material reflexivo

**Objetivos específicos:** Ouvir músicas para realizar o processo de escrita;

Praticar a escrita e reescrita de textos reflexivos

**Conteúdo programático:** Oficina de textos, elaboração textual, socialização e reescrita

**Metodologia:** Após o processo de escuta das letras, os alunos realizarão produção textual. Essas aulas serão destinadas aos processos constitutivos de textos reflexivos acerca das letras com apoio de revisão linguístico-textual, além disso haverá socialização em forma de roda de conversa em sala de aula.

**Referências:**

<https://bibliomundi.com/blog/7-dicas-para-melhorar-sua-escrita/>

HILGERT, J. G. "Esboço de uma fundamentação teórica para o estudo das atividades de formulação textual " In. BASILIO, M. (org.). Gramática do Português Falado, vol. 3, as abordagens (no prelo).

KOCH, I. G. V. & TRAVAGLIA, L. C. Texto e Coerência. São Paulo: Cortez, 1989.

KOCH, I. G. V. & TRAVAGLIA, L. C. A Coerência Textual. São Paulo: Contexto, 1990.

KOCH, I. G. V. & SOUZA e SILVA, M. C. P. " Atividades de composição textual: a elocução formal". In: KATO, M. A. (org.). Gramática do Português Falado, vol. IV (no prelo)

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4

**Temática:** Reeducando nossos olhares e pensamentos através da escuta de mulheres trans no funk

**Público –alvo:** 3ª série do Ensino médio. Rede de ensino: pública

**Hora/aula:** 2 aulas

**Objetivo geral:** Problematizar o cispatriarcado e a cisheterossexualidade compulsória

**Objetivos específicos:** Falar sobre o movimento cultural funk e sua importância, preconceitos e estereótipos;

Dialogar sobre as músicas da Linn da quebrada no funk;

Questionar a normatização de gênero nos corpos negros trans.

**Conteúdo programático:** Estudo voltado para questões de gênero e questionamentos das matrizes de opressão contra os corpos femininos trans e negros.

**Metodologia:** Aula expositiva e dialogada. Escuta das músicas: oração, blasfêmia da cantora Linn da quebra na versão funk. Discussão das letras socializadas em roda de conversa. Logo após será realizado o processo de escrita em forma de textos reflexivos sobre as músicas, acompanhado pela prática de reescrita.

**Referências:**

<https://www.politize.com.br/funk-no-brasil-e-polemicas/>

<https://www.diadamusica.com.br/linndaquebrada>

<https://www.papodecinema.com.br/artistas/linn-da-quebrada/>

<https://saopaulosao.com.br/%E2%80%98%E2%80%99/%E2%80%98%E2%80%99/nossas-pessoas/2711-batemos-um-papo-reto-com-a-mc-linn-da-quebrada.html>

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA 5

**Temática:** Enegrecendo a produção textual através da voz feminina negra e trans no funk

**Público –alvo:** 3ª série do Ensino médio. Rede de ensino: pública

**Hora/aula:** 2 aulas

**Objetivo geral:** Trabalhar as letras da cantora Linn da quebrada

**Objetivos específicos:** Escutar as músicas e produzir textos

**Conteúdo programático:** Ensino dialogado com a vertente interseccional em combate as violências

**Metodologia:** Trabalho contextualizado dentro da temática de gênero, raça e classe, articulado com teoria, diálogo, música e produção de pensamento sobre as temáticas. Aulas reservadas para incentivar a escrita e reescrita dentro da lógica do pensamento plural, contra hegemônico.

**Referências:**

<https://www.diadamusica.com.br/linndaquebrada>

<https://www.papodecinema.com.br/artistas/linn-da-quebrada/>

<https://saopaulosao.com.br/%E2%80%98%E2%80%99/%E2%80%98%E2%80%99/n-ossas-pessoas/2711-batemos-um-papo-reto-com-a-mc-linn-da-quebrada.html>

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA 6

**Temática:** A escrita movimentada no feminismo plural para além dos muros da escola

**Público –alvo:** 3ª série do Ensino médio. Rede de ensino: pública

**Hora/aula:** 2 aulas

**Objetivo geral:** Construção da página coletiva dos alunos no Instagram, com intuito de divulgar os textos reflexivos produzidos a partir das letras de Funk e Hip Hop

**Objetivos específicos:** Finalizar o processo de escrita e reescrita;

Divulgar a proposta da página com alunos e professores;

Postar o conteúdo na rede Instagram;

Socializar sobre essa experiência

**Conteúdo programático:** Na luta por uma Educação antirracista e anti-machista

**Metodologia:** Aulas voltadas para criação de textos, reescritas e postagem do material e socialização na rede social Instagram.

**Referências:**

<https://bibliomundi.com/blog/7-dicas-para-melhorar-sua-escrita/>

HILGERT, J. G. "Esboço de uma fundamentação teórica para o estudo das atividades de formulação textual " In. BASILIO, M. (org.). Gramática do Português Falado, vol. 3, as abordagens (no prelo).

KOCH, I. G. V. & TRAVAGLIA, L. C. Texto e Coerência. São Paulo: Cortez, 1989.

KOCH, I. G. V. & TRAVAGLIA, L. C. A Coerência Textual. São Paulo: Contexto, 1990.

KOCH, I. G. V. & SOUZA e SILVA, M. C. P. " Atividades de composição textual: a elocução formal". In: KATO, M. A. (org.). Gramática do Português Falado, vol. IV (no prelo)

## 5.1 Playlist de quarentena: análise das letras musicais através do processo de escuta

Figura: análise 1



Fonte: instagram: @espectadora.feminista. Ano 2020.

**@espectadora.feminista:** A música mulher é uma canção da obra audiovisual (blasFêmea). Essa letra questiona os padrões de feminilidades construídos dentro da sociedade. Retrata de forma potente a diversidade do feminino, a valorização de mulheridades. A Linn traz para o campo da música a questão de gênero através de uma perspectiva plural, além disso, enaltece a feminilidade das mulheres trans.

**@espectadora. feminista:** Nessa letra a questão de ser mulher parte de um corpo específico, o corpo travesti, periférico. Dentro da estrutura da música não há presença de refrão, o que difere da maioria dos estilos musicais, assim, essa cantora vai subvertendo por meio de uma narrativa não linear, pois ela rompe com as estruturas da escrita da letra e as camadas sociais.

**@espectadora. feminista:** A música mulher é uma canção da obra audiovisual (blasFêmea). Essa letra questiona os padrões de feminilidade construídos dentro da sociedade. Retrata de forma potente a diversidade do feminino, a valorização de mulheridades. A Linn traz

para o campo da música a questão de gênero através de uma perspectiva plural, além disso, enaltece a feminilidade das mulheres trans. Nessa letra a questão de ser mulher parte de um corpo específico, o corpo travesti, periférico. Dentro da estrutura dessa música não há presença de refrão, o que difere da maioria dos estilos musicais, assim, essa cantora vai subvertendo por meio de uma narrativa não linear, pois ela rompe com as estruturas da escrita da letra e as camadas sociais.

**@espectadora. feminista:** Os versos problematizam a cultura do patriarcado, este de acordo com a filósofa Marcia Tiburi (2018), é constituído por meio de uma visão fixa, um pensamento pronto, que dita valores e normas, isso a partir de uma visão que sustenta o machismo, o qual traz a desvalorização do feminino, ressaltando a supremacia do homem em vários setores na sociedade. O cispatriarcado estrutura e organiza a sociedade através de uma visão violenta que dita papéis, as relações, as subjetividades dos sujeitos, identidades, entre outros.

**@espectadora. feminista:** Nos versos “ *Não é homem nem mulher /é uma trava feminina / ela é diva da sarjeta, o seu corpo é uma ocupação/*”. Nessas frases é possível perceber a crítica às categorias binárias que dita o que é ser homem e mulher. A desnaturalização dos corpos, os quais estão presentes nessa letra, reforçando a pluralidade de identidade e das distintas formas de feminilidade. Essa letra ajuda a pensar o que é ser mulher? O que entendemos por feminino?

**@espectadora. feminista:** Na música “mulher”, o feminino tem o poder necessário para impactar vidas, quebrando com o paradigma de um feminino preterido, inferiorizado e desqualificado. A força da feminilidade está regada de afeto e resistência. Nessa letra as mulheres trans existem e resistem. A vida dessas guerreiras é aplaudida e celebrada.

*“Então eu, eu/ Bato palmas para as travestis que lutam para existir/ E a cada dia conquistar o seu direito de viver e brilhar/ viver brilhar e arrasar/ O medo aqui não faz parte dos eu vil vocabulário/ Ela é tão singular/ só se contenta com plurais/ Ela não quer pau/ Ela quer paz”*. (Quebrada, 2017).

**@espectadora. feminista:** A Linn ajuda a pensar em corpos que não estejam suscetíveis a satisfazer os desejos ou fetiches compulsórios dos homens. A mulher, nesse espaço discursivo, luta pelo seu espaço, pelo seu corpo, questiona padrões, se relaciona com quem quiser. Dessa forma, essa letra potencializa o feminino para todos os corpos.

No momento do meu processo de escuta, foi comum perceber o quanto o ser humano é constituído por meio de partículas individuais e sociais. O que somos hoje tem estrita relação com nossa interação e contato com o mundo, tudo é aprendido, tudo está em constante movimento. Ainda bem, que a vida é volátil, que tudo se transforme por meio de panoramas e

relações afetivas e respeitadas. Ao escutar a música da Linn, tenho refletido o quanto sou uma pessoa indefinida, em constante processo, quando olho para mim, vejo a necessidade de aprender a ter um olhar acolhedor e respeitador, buscando a não reprodução do pensamento e prática discriminatória.

Minha visão sobre feminilidade não se enquadra numa perspectiva fixa e imutável, ainda bem, que a vertente de enxergar e entender as pessoas enquanto seres plurais tem sido fundamental para mim. Antes de ingressar à faculdade, a minha visão sobre ser mulher no mundo era de cunho binária, isso porque aprendemos a reverenciar e aceitar aquilo que nos é imposto como certo e errado.

Nesses meus anos de estudos, muita coisa tem mudado, isso é fantástico, a mulher que tenho me tornado hoje, faz parte de um processo contínuo de desconstrução, sou um mosaico das coisas que leio, das músicas que escuto, dos filmes que assisto, como também das relações que têm construído na universidade e fora desse espaço. A música da Linn, tem contribuído de forma significativa para refletir com muito cuidado sobre o outro, problematizar a cisheterossexualidade compulsória que oprime e aprisiona os corpos.

Quero externar uma preocupação minha, acredito que a transformação precisa começar dentro de nós, cumprindo esse desafio sempre que for possível, pois não é uma arena delimitada, é, portanto, uma areia movediça e inacabada. É preciso contemplar a nossa subjetiva, nossa identidade dentro de um panorama reflexivo, entendendo os processos que nos forma ou deforma. Além disso, é preciso estar disponível para ser moldado por outras formas de pensar, aceitar as mudanças sobre nós e sobre o outro.

Olhar para o outro de forma estereotipada e com argumento moralista, é fácil, bem como culpar, julgar, discriminar, odiar, inferiorizar, são práticas altamente reproduzíveis por conta das estruturas que fortalecem essas questões. Sim, é preciso problematizar, mas não esqueçamos de olhar para nós e ver essa mudança acontecer dentro da gente. Quanto mais eu leio, escuto música, bem como meu contato com pessoas diferentes em vários aspectos e com sexualidade distinta da minha, têm sido de fundamental relevância para mim. Sou grata pelas oportunidades de aprender a pensar diferente de antes, pois tudo é construído e desconstruído nas interações sociais. Além disso, percebo que devo aprender mais, ter cuidado com minhas palavras, pois estas podem curar, ferir ou matar outras vidas.

A emoção em ouvir músicas da Linn tem sido extraordinária, é fato que as letras são bem fortes, mas têm contribuído para minha reflexão. Essa letra com o forte nome “Mulher” ecoa, impacta dentro de mim como fonte de afeto, de resistência, contribui para pensar na importância de praticar o respeito. Sim! É necessário acolher umas as outras, apoiar e lutar contra esse

sistema que desune, segrega, isso é feito intencionalmente, pois como diz o ditado: “a união faz a força”. É disso que precisamos enquanto mulheres, desaprender o cispatriarcado e lutarmos umas pelas outras. Sigamos no caminho da desconstrução, da potencialização dos corpos femininos.

**Figura: análise 2**



Fonte: instagram: @espectadora.feminista. Ano 2020.

**@espectadora. feminista:** Nessas frases, é revelada uma crítica a imposição do padrão do corpo, direcionado aos traços físicos, a aparência, entre outros. Nesse pequeno recorte de letra, é elucidado o quanto a sociedade não está preparada para ouvir pessoas trans, pois sempre tentam ofuscar o brilho e calar a voz.

**@espectadora. feminista:** Porém, essa mesma mulher, não abaixa a cabeça, ela enfrenta a violência com posicionamentos, além disso se arruma para arrasar com o seu corpo, com a escolha da roupa, maquiagem, cabelo, entre outros, que de acordo com ela: “está pronta para ser aplaudida”.

**@espectadora. feminista:** Nessa letra, ecoa a subversão e a transgressão de gênero em cada frase da música. Assim como as outras letras, esta revela um pouco da vivência da cantora Linn da Quebrada. Na estrofe acima, revela o incômodo e rebeldia sobre a construção de gênero. A cantora não se encaixava nos padrões normativos de cis homem e cis mulher. Em busca de ser quem ela deseja, ergueu sua voz e tem lutado contra as normas em diversas instâncias: relação familiar (pai e mãe), sendo contra a divulgação de um ensino pautado na exclusão, na discriminação, preconceito, entre outros. Essa luta, também, está relacionada ao Estado (governo), o qual é construído por meio de uma soberania máxima de poder.

**@espectadora. feminista:** Na estrofe: “ *Ela sempre desejou ter uma vida tão promissora/ Desobedeceu seu pai, sua mãe, o estado, a professora/ Ela jogou tudo pro alto e deu a cara para bater*”. (QUEBRADA, 2017)

**@espectadora. feminista:** Esse mesmo Estado dentro de uma perspectiva foucaultiana, é construído através da esfera do biopoder (poder que controla os corpos e decide quem morre e quem vive, ou seja as vidas que são matáveis: pessoas negras, trans, homossexuais, entre outras. É preciso ter uma visão crítica acerca dessas questões, sendo de fundamental relevância a luta contra os diversos tipos de violências presentes na relação de poder circunscritos nas instituições: família, igreja, Estado e sociedade.

**@espectadora. feminista:** Dessa forma, é necessário o confronto, o posicionamento contra a normatização de gênero, construída de forma política e ideológica, pautada nas intenções e finalidades de valorizar um grupo em detrimento de outro. Desse modo, é preciso pensar nas diferenças com outros olhos e desconstruir olhares estereotipados.

Diante dos padrões, das imposições, dos espaços de poder instaurados nas questões de feminilidade, é preciso trilhar o caminho do autocuidado, é fundamental procurar o caminho da cura, da libertação das amarras de caminhos tóxicos e altamente destrutivos. Eu, enquanto cis mulher, sei o que é ouvir comentários e imposições de padrões de beleza relacionados a forma do corpo, da forma de vestir e de relacionar-me na sociedade.

Essa letra da Linn, traz os padrões opressivos fortemente marcados, principalmente pelo fato de transgredir o universo cisgênero. Ser mulher no mundo é buscar a sua própria essência, a autonomia, a independência de construções estereotipadas e violentas. Vejo que o feminino continua sendo potente, pois sobreviver nesse mundo opressivo, é caminhar progressivamente na busca de reinventar-se, assim como a busca por novas formas de existência, é, sobretudo, caminhos árduos, dolorosos e necessário para a essência do feminino diverso, marcado pela transformação, pela inconstância de ser.

Que a trajetória do feminino seja repleta de caminhos abertos para a novidade, acompanhado por novas formas de amar e de viver. A vida não deve ser definida, não mais! É preciso colocar um basta nessas raízes que subjuga os corpos femininos. Fundamental ser feliz da maneira que deseja ser. Continua a dizer que ser mulher é adquirir a força, o poder que todas nós, mulheres, temos, ou despertar essas qualidades anestesiadas dentro do nosso interior.

Que o feminino transcenda em sua múltipla maneira de existir, que seja luz, que seja potencializado em sua essência e energia, que encontre o caminho do amor, da paz interior. Que as mulheres possam ter suas autoestimas saradas, restituídas, livre para escolher, para ser quem deseja ser. A feminilidade no mundo pode e deve ser rasurada, fraturada, repensada, reinventada, que a perspectiva híbrida, plural, dinâmica, diversa, seja respeitada e valorizada.

O termo “mulher” nunca foi artigo definido, sempre foi indestrutível, indesvendável, é um corpo transitório, cheio de beleza, nunca determinado. Por isso, a luta deve ser pela diversidade, pelo respeito, além disso, o padrão de beleza deve ser refutado, problematizado, invisibilizado. É necessário dar o basta em tudo que enquadra as pessoas e as obrigam a seguir como se fosse um manual, ensinado como o certo, chega disso! O feminino tem suas cores, formas!

O poder de um feminino ousado e transgressor incomoda, causa estranhamento, entretanto, isso mostra o florescimento de seres que não foram programados de acordo com o arquétipo imposto pela perspectiva cispatriarcalista, cisnormativa, cisheterossexual, entre outros. Na forma de viver e conduzir a vida é preciso falar sobre aquilo que nos foi negado, e, sobretudo é preciso empregar a proposição negativa, NÃO! Sempre que dor necessário.

Visões prontas e definidas é barco furado, que reaprendamos a viver, que nada nos seja tirado, nenhum direito, nada, nada!

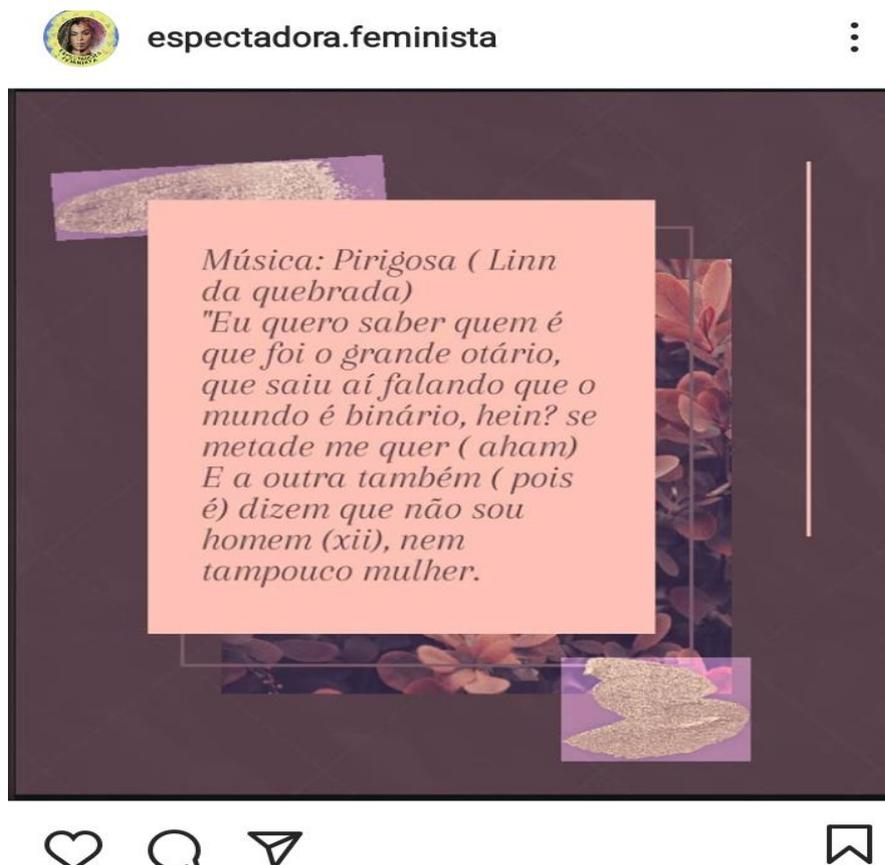
O problema está em não ser quem almeja ser, em não respeitar as escolhas alheias, em querer impor modos de vidas padronizados e homogêneos. Que os caminhos das mulheres sejam regados de conquistas, de determinação, de força para não desistir dos sonhos, da vida! Enquanto tivermos vida, a luta não para, é um percurso contínuo e coletivo. A curva mais bonita da mulher é aquela que abre um leque de possibilidades, de oportunidade, de múltiplas formas.

Não faz vergonha sinalizar que os gostos, pensamentos, bem como a forma de olhar o mundo e de relacionar sejam distintos. Não é horrendo ter acesso a diversos tipos de roupas, de maquiagem, engordar, emagrecer, ter o corpo malhado ou não. Assim como os demais traços, a escolha de manter ou ter o cabelo diferente do natural, também, é questão de ser, é uma das maneiras de identificar com a imagem que é transmitida no espelho de ser conivente com o reflexo que está sendo projetado.

Tudo isso é construído socialmente. Tudo que a gente pensa que é nosso, que faz parte da nossa singularidade, é, pois, um processo social que molda a nossa particularidade. Somos seres individuais, com nossas bagagens, sonhos, dores, afetos atravessados pelas instâncias sociais. Aquilo que acreditamos ser intrinsecamente nosso, pode ser construído e desconstruído. Por isso, e por tantas outras coisas, digo a vocês, mulheres, saiba que o cabelo é seu, o corpo, a vida, siga, conduza com muito amor e carinho, escolha viver do jeito que lhe agrada, que traga satisfação, emoção, descanso e cuidado.

A existência do feminino diverso aponta para entender que a beleza é um processo construído por meio de panoramas e imagens, os quais podem e devem ser alterados, modificados, desconstruídos sempre que for necessário. A noção de beleza só fará sentido se externar ou expressar o amor de dentro para fora, se de fato coincidir com um mundo consciente e coerente com novas maneiras de ser e de existir.

**Figura: análise 3**



Fonte: instagram: @espectadora.feminista. Ano 2020.

**@espectadora.feminista:** Essa letra traz uma abordagem sobre a identidade de gênero, ao qual não está relacionada ao viés biológico, mas sim, está perpassada pelo social e cultural. É relevante entender que não existe uma identidade fixa, definida, estática. Entendo a questão

da identidade a partir das discussões dos Estudos Culturais, que ajudam a discutir a identidade como um processo transitório, maleável, mutável, que contribui para pensar o sujeito e sua complexidade dentro de um panorama plural e diverso.

Permitir-se repensar-se. As transformações não são individuais, elas se dão em relação, em processos de transformação recíprocos. Perceber, desde o princípio, que todas/os nós fomos cisgenerificadas/os compulsoriamente ao nascer. Usando a desculpa do órgão genital como constitutivo do gênero, que é da ordem subjetiva e social, nossos corpos aprenderam a ser homem e a ser mulher não somente dentro do quadro estereotipado/arquetípico do feminino e do masculino. Isso é parte do problema. O que é preciso dizer é que nossos corpos aprenderam a ser homem ou a ser mulher, numa perspectiva cisnormativa, porque tinham que ser. O problema também está aí. Felizmente alguns corpos desaprendem a ser cis-homem e outros alguns corpos desaprendem a ser cis-mulher. (LEAL, 2018, p. 35)

**@espectadora.feminista:** Além disso, essa letra questiona as categorias binárias: cispatriciais de ser homem/mulher, trazendo para o campo musical a discussão de que existem outras categorias de ser no mundo. Problematizando o cisbinarismo, que exclui outras possibilidades de existência. A personagem dessa música expressa com muita força e resistência a labuta da mulher trans e de outros sujeitos que não se identificam com as categorias impostas como naturais.

A lógica normativa, binária é egoísta, violenta, movida pela força de um poder que emana a dominação, a exploração, é sempre uma relação de interesses coniventes com perspectivas de vida ambivalentes: bem e mal, homem e mulher, feio e bonito. O mundo passa ser generalizado, formatado em protótipos, visto em lentes embaçadas e acostumadas a ver o outro de forma inferiorizadas, minimizadas, reduzidas, a partir das categorias excludentes, movidas pelos pares opostos.

Aqui, escuto com muita sensibilidade, outras vozes insurgentes, que rebelam contra o cispatriarcado que é uma das raízes ostensivas contra todos os corpos, principalmente, o feminino. Ao escutar essa música, veio à tona o poema da Tatiana Nascimento que tem como título: **Apocalipse Queer ou Cuíer A.P. (ou oriki de Shiva)**, deixo esse momento convidativo tomar conta e expressar a força da existência contra hegemônica:

*nós vamos destruir tudo  
que você ama e  
tudo que c chama "amor" vamos destruir  
porque c chama "amor"*

*à pátria" o que é  
racismo c*

chama "amor a  
 deus" o que é  
 fundamentalismo c chama "amor  
 pela família" o  
 que é sexismo homofóbico y c chama transfobia de "amor à natureza" c chama de "amor pela  
 segurança" o  
 que é militarismo y o capitalismo  
 c chama de "amor pelo trabalho"  
 o que c chama de "amor à humanidade"  
 é especismo, y esse seu "amor pela Palavra"  
 na real é apenas um caso histórico de má-tradução — que  
 conveniente, chamar deus de "ele", mas se  
 liga: nós somos seu apocalipse  
 cuér. y o que  
 c chama de  
 "amor pela liberdade", "pela justiça", toda  
 essa sua ideia de "civilização"  
 é  
 assassinato,  
 é genocídio, quer matar tudo que ri, que goza, que dança,  
 quer matar a gente.  
 mas a gente vinga  
 que nem semente  
 daninha:  
 a gente sobre vive!  
 tá vendo? já começou!  
 sente a pulsação  
 vibrando o chão: é a batida do nosso coração!  
 porque a gente,  
 que você amaldiçoa em  
 nome do  
 seu  
 amor doentio  
 normativo, segregador, a gente que é amante, a gente é que vive y espalhar  
 amor.

Tatiana Nascimento

Esse pensamento reflexivo dessa poeta e cantora, transcende a força, a determinação  
 carregada de produção de conhecimento, marcado pelos múltiplos sentidos sobre a constituição  
 de subjetividade de cada pessoa. A diversidade, a diferença grita, convida para o diálogo, a  
 distinção efetividade pela pluralidade chama para o campo do embate, do confronto, do lugar  
 das negociações, atentando para seguir o caminho da problematização. O amor, as relações  
 sociais, a identidade, a subjetividade são espaços transitórios, movidos pelos jogos de poder,  
 assim como remete a busca pela liberdade de expressar a vida e o pensamento.

O campo de confronto, do embate é de fundamental relevância para a discussão de realidade de vidas que são negadas, silenciadas e marginalizadas. Esse poema dialoga com a letra “Pirigosa” da Linn da quebrada incentivar o questionamento de matrizes de opressão presentificadas e divulgadas pelos campos de poder: Igreja, Estado, escola e relações sociais.

Essa violência tem nomes bem específicos, isto é, o cispatricado, a cisheterossexualidade, a cisbranquitude, entre outros, os quais estão subsidiados em discursos fortificados no interior do âmbito social. Questionar os espaços de poder cisbranco, hegemônico, cisheterossexual, é, portanto, revestir-se para uma luta diária e extremamente importante, pois vidas estão morrendo, estão tendo sua subjetividade e identidade saqueadas, vendidas, negociadas, exploradas, dominadas, entre outras.

Diante disso, a ideia de Apocalipse Queer remete a noção da não correspondência de gênero, bem como refuta as concepções binárias de masculinidade/feminilidade embutidas como modelo ideal. Outras inscrições de sujeitos, outras fontes de leitura, outros modos de vida que se apresentam ao mundo.

A identidade é fluída, abrindo margem para perceber o processo de identificações múltiplas, que ultrapassam e extrapolam as possibilidades de configuração universalizada de forma cisgênera homem/mulher na contemporaneidade.

**Música: Tomara/ Linn da quebrada ft Davi Sabbag.**

**Figura: análise 4**



Fonte: instagram: @espectadora.feminista. Ano 2020.

**@espectadora. feminista:** Essa letra: TOMARA, além de falar sobre amor, traz a relação corpórea nas letras, discutindo sobre os corpos pretos, trans, entre outros. Estas vidas sempre foram distanciadas do amor conjugal e das demais relações sociais. Desse modo, nessa letra a seguinte estrofe elucida que:

*“ Tomara/ que a tristeza te convença que a saudade não compensa/ E o verdadeiro amor de quem se ama tece a mesma antiga trama/ Tomara que no rala e rola tenha muito mais que só entra e sai”* (QUEBRADA, 2017)

**@espectadora. feminista:** a letra também fala de amor, retratando a saudade, a solidão tão presente nos corpos. O amor elucidado é aquele que faz o bem, que é acompanhado de afeto, carinho e conexão. Essa letra faz referência ao amor, o qual ultrapassa a visão restrita das práticas sexuais, é, portanto, uma relação de companheirismo e viver intensamente.

Além disso, a cantora utiliza ditos populares, trocadilhos em suas músicas, tais como: *“ troquei os pés pelas mãos x troquei os paus pelas mãos/ “ Aqui o buraco é mais embaixo aqui o buraco não é para macho”*.

**@espectadora. feminista:** A mulher, nessa música, é aquela cheia de determinação, que não aceita o lugar de subalternidade em nenhuma relação humana. Essa mulher sabe muito bem que as interferências sociais moldam o nosso comportamento, nossa maneira de ser e estar no mundo.

No momento de escuta dessa letra, veio-me à tona a noção das relações afetivas que são marcadas pelas esferas sociais e relações de poder. Toda pessoa tem sua forma de pensar, de se relacionar, produzimos sentido e referenciando o outro a partir da nossa leitura e experiência de mundo. Somos produtores de significados, tudo se aprende e pode ser desconstruído, assim, nossa maneira de comportar na sociedade revela um pouco daquilo que temos aprendido durante o percurso.

Somos seres dotados de experiências e muitas delas são reproduzidas sem conscientização. Por isso, é necessário, repensar, refletir sobre nossos atos, comportamentos e falas, pois estamos perpassados por estruturas que nos conduzem às práticas violentas. Em todas as situações devemos fazer uma autoanálise sobre a gente. As relações amorosas, muitas das vezes, é domesticada, bem como a visão sobre o amor, dentro da perspectiva de encontrar alguém por meio de perfis idealizados ou até mesmo que o outro suporte tudo, isso é perigoso, pois devemos refletir sobre as relações tóxicas que estamos imersos ou nós mesmos estamos praticando com a pessoa parceira.

Portanto, devemos enxergar o outro através da perspectiva de reflexão, acredito que o caminho seja esse, para melhorarmos enquanto pessoa e procurar manter a saúde mental e emocional em tempos controversos, difíceis e com panoramas violentos e opressivos.

**Figura: análise 5**



Fonte: instagram: @espectadora.feminista. Ano 2020.

**@espectadora. feminista:** A letra da música inicia com indagação, provocação de forma sarcástica, questionando práticas de silenciamento relacionado as pessoas trans. Tentam calar a voz dessas mulheres, além disso a sociedade apresenta a falta de interesse de ouvir e compreender o outro, isso é uma realidade cotidiana. Ainda que haja falta de amor e respeito às diferenças, é necessário prosseguir desconstruindo os preconceitos, estereótipos, entre outros. “ Já tava na cara!! Que tava para ser extinto/ Que não adiantava nada/ Bancar o machão/ Se valendo de pinto/”. (QUEBRADA, 2016)

**@espectadora. feminista:** Nessas estrofes tem-se a problematização de que para ser homem não ter a ver com a relação de apenas ter um órgão masculino . Encher o peito e dizer que é o “machão” pelo fato de ter um pênis por ser cisgênero compulsório, isso diz respeito a uma visão retrógrada que tem contribuído para efetivação de práticas machistas que induzem

fazer o que quiser com o corpo feminino. A cisgeneridade é responsável por homogeneizar e criar padrões binários de existência.

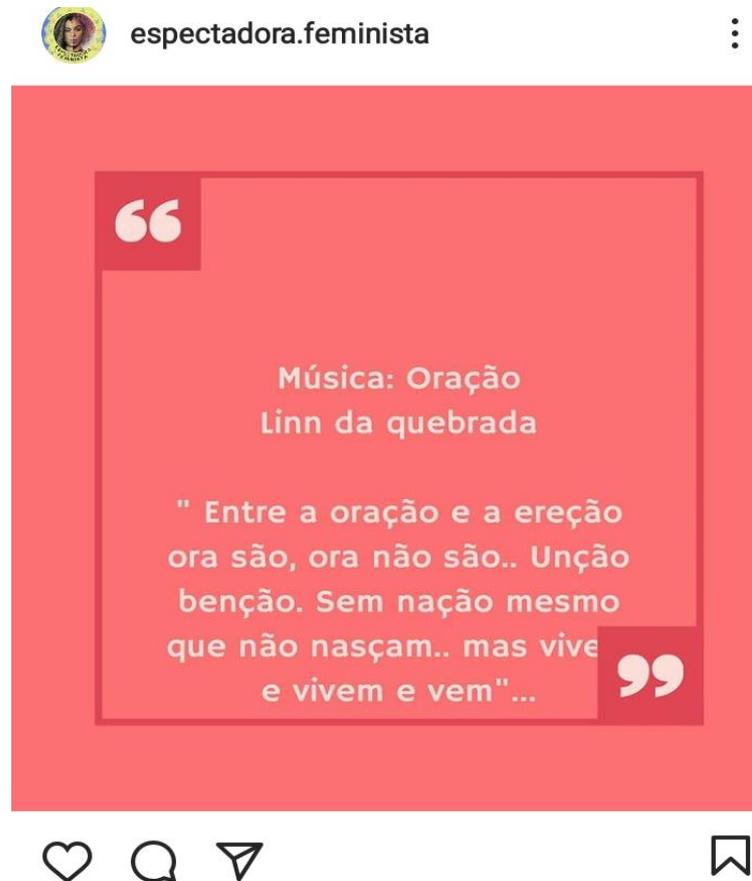
A cisgeneridade solicita tacitamente o acordo social de que um homem é um homem e uma mulher é uma mulher. Ou seja, a naturalização na qual se encontra a cisgeneridade, que toma como artifício o órgão genital como único definidor de gênero, não só não permite a constituição de gênero para além desta lógica como parametriza a leitura de todos os corpos vivos instaurando tal acordo tácito da verdade sobre o gênero (LEAL, 2018, p. 39).

**@espectadora. feminista:** A questão de ser homem tem a ver com posicionamento, comportamento. Ser homem e ser mulher são construções sociais. Nessa letra é elucidado a necessidade das mulheres trans erguerem as mãos em subversão as construções de opressão ao corpo feminino. Portanto, nessa música há problematização sobre o corpo, sobre a relação humana, além de chamar à atenção para dialogar com as diferenças, enxergar o outro com par de olhos da pluralidade, respeito e afeto.

Nesse meu processo de escuta pude ter a sensibilidade de ter o desconforto em pensar acerca da problemática de não respeitar pessoas não binárias, bem como o comportamento violento e agressivo, que desumaniza essas vidas. Um dos nossos direitos é o poder de fala, mas convém, questionar quem sempre teve o monopólio de discursar sobre o outro e não querer ouvir? Isso, não vem de agora, é uma realidade colonialista de superioridade e de dominação de quem pode impor pensamentos e modos de gerenciar a vida.

A prática de não deixar o outro falar, é tendencioso, traz as marcas do passado histórico que reflete nos dias de hoje. O outrora repente e reforça uma perspectiva de discursos hegemônicos e opressivos. Na contramão dessa ideia, essa letra contribui para questionar a prática de subalternização e silenciamento das mulheres trans. Para além disso, a Linn, ajuda a potencializar a luta contra esse sistema violento e impositivo, por meio das letras musicais, revolucionando esse universo construído em prol dos processos de constituição de privilégios de grupos tidos como superiores que afeta e explora outros grupos desprivilegiados.

Figura: análise 6



Fonte: instagram: @espectadora.feminista. Ano 2020.

**@espectadora. feminista:** Nessa letra há o diálogo entre o sagrado e profano. O próprio título da música: oração, traz um viés questionador, em que aquilo que é considerado sagrado contribui para eliminar outros sujeitos e vivências que não se enquadram na ótica sacramental. Um sagrado que traz a união das mulheres. Nessa letra, outras vidas têm a legitimidade de existência, nesse espaço discursivo as mulheres trans e outros sujeitos têm a liberdade para amar e ser amadas/os. A ideia de amor transmitida nessa letra rompe com o padrão que, geralmente, é divulgado como correto, certo, entre outros, aqui, outras formas de amor são legitimadas.

**@espectadora. feminista:** A oração nessa letra revela um ato sagrado perpassado por um amor plural, diverso. O amor nesse espaço discursivo parte de um clamor, uma oração que fale de amor, respeita as pessoas homossexuais, pessoas transgêneras, entre outras. É um hino de celebração de amor, de resistência a cisnorma, a cisgeneridade, a qual determina posicionamento, comportamento, determina a maneira de ser e atuar em sociedade.

**@espectadora.feminista:** A cisnorma e cisgeneridade é um padrão imposto e dificilmente é questionado. Mas nessa letra a desconstrução dessa cisnorma ganha força em

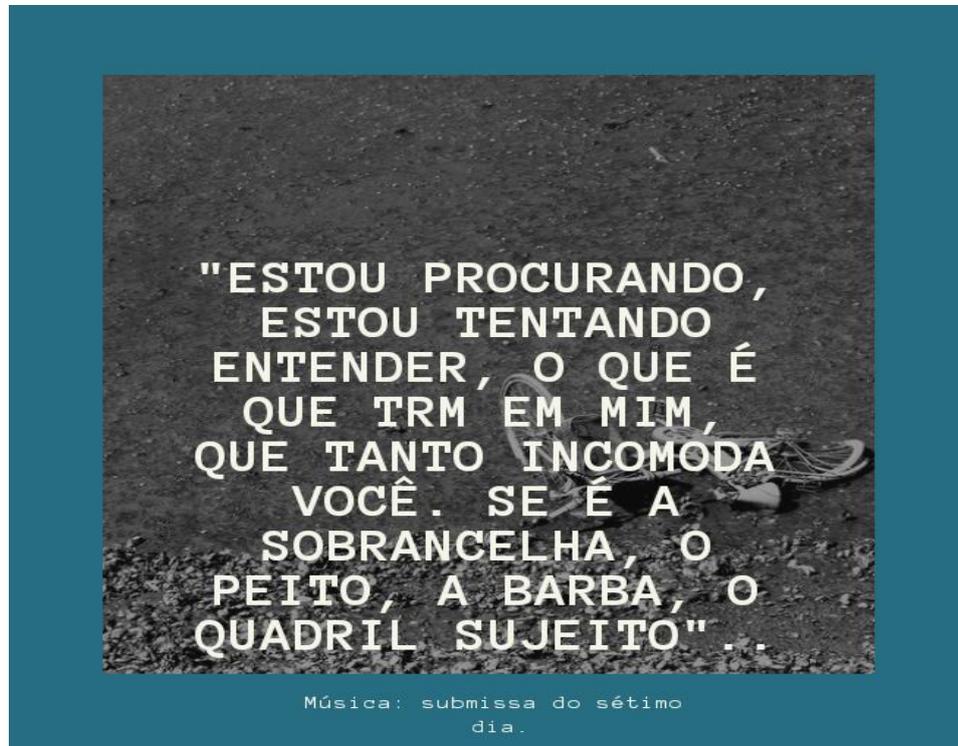
cada verso. Na frase “ não queimem as bruxas, mas que amem as bixas”. Traz a memória os corpos matáveis através da lógica de matriz cisbranca, cisheteronormativa. A cisheteronormatividade exclui os sujeitos que não pertencem a esse grupo, além disso, dissemina o ódio. Essa letra ajuda a questionar essas questões e não as naturalizar.

A situação posta é a de que qualquer processo de elaboração subjetiva das transgeneridades, qualquer busca para dar refinamento poético à vida trans, guarda consigo o desafio de memória dos corpos trans desaparecidos, assassinados e mutilados (de novo, fisicamente e simbolicamente). Em tempos de genocídio, tratar de um marcador social de desigualdade é lidar não apenas com a memória social das pessoas mortas, mas pensar em meios de enfrentamento aos mecanismos estéticos que engendram ódio e extermínio de grupos populacionais. Por fim, na acepção ser trans significa estar em cena o tempo todo, há a dimensão da leitura de gênero, ou seja, estar em cena o tempo todo também significa ser lida/o o tempo todo. A recepção, como atividade que atravessa tanto o teatro como a performance de gênero, ganha nesta formulação para as transgeneridades uma conotação hiperbólica da leitura de gênero. Ora, se tanto a cisgeneridade é passível de leitura quanto as transgeneridades, por que ser trans significa ser lida/o o tempo todo e ser cis não? (LEAL, 2018, p. 49)

É possível perceber que a cisgeneridade constitui-se de um padrão dominante que atua nos processos de formação de cisgênero, traçando definições compulsórias de ser homem e mulher no mundo. A questão dessa autodefinição reflete noções binárias de gênero não permitindo outras formas de existir a partir dessa padronização biológica.

No entanto, diante dessa questão violenta, a transgeneridade problematiza e responde de forma potencializada as violências de gênero que naturalizam a morte de pessoas trans. A luta para sobrevivência ainda é um dos desafios a serem vencidos diante das práticas alarmantes do genocídio contra essa população. A transgeneridade entende que gênero é uma construção social em processo, convocando para agregar e reinventar as formas de sexualidade por meio de práticas de resistência contra o protótipo cisgênero.

**Figura: análise 7**



Fonte: instagram: @espectadora.feminista. Ano 2020.

**@espectadora.feminista:** Nessa letra, há problematização sobre a desnaturalização do corpo, o qual precisa estar atravessado pela ruptura, pela quebra de paradigma que é imposto. Além disso, é um corpo que se posiciona contra as violências, mostrando que o incômodo, a não aceitação do outro, os julgamentos moralizantes são construções sociais. O título da música: submissa do sétimo dia é questionador. A submissão desse corpo é interrogada, subvertida, perpassada pela prática da dúvida, da rebeldia às normatizações, questionando tudo que é opressivo e autodestrutivo às vidas.

É perceptível que as pessoas trans questionam as normatizações de gênero, muitas das vezes são apontadas pela sociedade como indisciplinadas, desviantes, o problema não está nesses termos, mas sim nos atributos que referenciam essas palavras, as quais acarretam sentidos pejorativos e negativos.

As letras da Linn trazem provocações para libertação de convenções sociais e apontando para o mundo como enxergavam seus corpos e suas sexualidades, numa tentativa até então inédita de desvencilhar a binariedade e romper com estereótipos normativos em letras de funk.

Figura: análise 8



Fonte: instagram: @espectadora.feminista. Ano 2020.

**@espectadora.feminista:** Nessa letra, a visibilidade, as representatividades são possíveis, bem como o diálogo com distintas belezas, que por sua vez enaltece o poder e a força feminina. Aqui, as mulheres unem-se para brilhar, agregar, fortalecer o diálogo, apoiar umas as outras. Falar mal de mulheres é comprar briga com todas elas, pois estão juntas e misturadas. Elas sabem bem o valor de carregar feminino no corpo. Close certo é a materialização da potência de mulheres, assim como também reforça a luta pela ocupação de outros espaços.

**@espectadora.feminista:** Close errado é a propagação de preconceitos, estereótipos, bem como a negação de outras existências. Dessa forma, tem-se a necessidade de questionar a voz que silencia, a voz egoísta que aprisiona e mata os corpos.

Ao escutar essa letra, fui convidada a dançar, não resistir em ficar sentada, naquele momento tive a emoção impactada por uma letra, a qual incentivava para que tirasse o pé do chão, sacudir a poeira, mexer o quadril, tirar as coisas do meio da casa para sentir a vibração de movimento. Essa letra veio em forma de melodia a partir da convite da energia positiva,

blindada de pensamento revolucionário que não aceita mais os padrões cisnormativos, compulsórios, excludentes e violentos.

Aqui há espaço suficiente para recarregar a força, é um convite para obter conexão consigo mesma. Além disso, o foco é olhar para si e reconhecer as qualidades e as variadas formas de ser. Close certo é o caminho de desconstrução e valorização da subjetividade individual de cada pessoa.

### Músicas da cantora: karol conka

#### Figura: análise 9



Fonte: instagram: @espectadora.feminista. Ano 2020.

**@espectadora.feminista:** Nessa estrofe, sinalizo que essa mulher abandonou o lugar da submissão, da sujeição ao outro, cujas experiências violentas, as marcas da vida a encoraja para a luta. Hoje, é tempo presente, é o que importa para essa mulher, seguir a vida, lutando, questionando e vencendo os obstáculos. O que move essa mulher são os desafios e tudo que vem contra ela torna-se arma, ferramenta ou combustível valioso para o combate e luta.

**@espectadora. feminista:** Na estrofe: */Muitos falam ninguém ouve/ Olha o preço que isso trouxe/ história que nunca soube/ Sensação de frustração que não me coube*". (CONKA, 2018)

**@espectadora. feminista:** Essa letra mostra de forma realista o quanto as práticas de silenciamento estão presentes na sociedade e o quanto são agressivas. Isso é muito perigoso! Isso é nítido no tempo atual e ajuda a pensar acerca de quantas histórias de vida foram contadas através de uma égide de quem está no poder e que além de tudo exerce o poder ou turno de fala sobre o outro. Vozes são silenciadas e quando conseguem ocupar algum espaço, é comum perceber a retaliação, a deslegitimação de muitas vozes que são inferiorizadas, marginalizadas.

**@espectadora. feminista:** Prossigo dizendo que cada pessoa é única, histórias são singulares. Dessa forma, devemos sempre lutar por um mundo que tenha respeito, afeto, empatia. Um mundo que esteja sensível para escutar o que o outro tem a dizer. Silenciar vidas é a mesma coisa que matá-las, é muita crueldade. Quantas histórias foram negadas ou excluídas na sociedade? Isso acontece em vários espaços: mídia, livros, escola entre outros.

O pensamento feminista negro, ajuda a compreender o quanto a violência é interseccional:

Historicamente, a localização das mulheres negras, como grupo, em opressões interseccionais produziu pontos em comum entre elas. Ao mesmo tempo, ainda que essas experiências comuns possam predispor as mulheres negras a desenvolver uma consciência de grupo distintiva, nada garante que essa consciência se desenvolverá em todas as mulheres nem que será articulada como tal grupo. À que mudam as condições históricas, mudam os vínculos entre os tipos de experiência que as mulheres negras terão a consciência terão e a consciência de grupo que porventura resultar dessas experiências. Como os pontos de vista de grupo se situam em relações de poder injustas, as refletem e ajudam a lhes dar forma, eles não são estáticos". (COLLINS, 2019, p. 67)

A luta precisa ser constante, a voz negra na letra dessa canção denuncia os espaços de poder que são violentos contra os corpos femininos. Para além disso, as mulheres negras são atravessadas pelas relações de gênero, raça e classe e cada uma delas tem sua vivência e história, são, portanto, corpos heterogêneos. Dessa forma, as experiências são únicas, marcadas pelas questões sociais e históricas. É possível que a mesma mulher que discute questões feministas pode ser vítima e agente das violências relacionadas às vidas femininas.

Aproveito para reafirmar que existem estruturas que interligam as violências e opressões, que por sua vez atravessam os corpos e, sobretudo, são facilmente reproduzidas, por isso, ressalto que o processo de desconstrução é um caminho longo, doloroso e necessário. A conscientização crítica sobre as matrizes de opressão devem ser uma tarefa fundamental para

cada ser humano, isso pode contribuir para que essas estruturas opressivas sejam enfraquecidas a partir dos posicionamentos e discursos contra hegemônicos.

O sistema opressivo pode ser deslocado por meio processo de reflexão e luta, confrontando os espaços de poder que aprisiona e subjuga os corpos femininos, os quais sofrem com o poderio do patriarcado, este dissemina o machismo e o sexismo que afeta duplamente a vida das mulheres, interferindo em todos os setores sociais e privado. Nesse momento de escuta, foi importante para refletir sobre as questões raciais e de gênero através da ferramenta musical, a qual poderá cooperar para desmitificar ou ratificar pensamentos opressivos.

**Figura: análise 10**



Fonte: instagram: @espectadora.feminista. Ano 2020.

**@espectadora. feminista:** Essa letra contribui para pensar na identidade enquanto plural. Todos os corpos possuem suas riquezas, diferenças, muitos deles carregam as marcas das dores, preconceito, discriminação, entre outros. Essa música ajuda a pensar o quanto devemos romper com os olhares e representações estereotipadas, extremamente violentas, devemos, portanto, apoiar uns aos outros, respeitar a história de cada um, ser mais humano.

**@espectadora.feminista:** A mudança do olhar precisa estar pautada no viés da diferença, compreender a diferença dos sujeitos, perceber que não existe uma única identidade, aprender a respeitar o outro sem julgar, sem um olhar que mata e aponta todos os dias. É necessário desconstruir o pensamento patriarcalista que dita papéis e valores sociais. Que a reflexão faça parte da vida de cada sujeito, todas as ações, falas, comportamentos precisam ser problematizados para que as violências não sejam naturalizadas, já que é no social que nos constituímos como sujeito e, é nessa mesma teia social que aprendemos a ser racista, homofóbico, entre outros. Reflitamos!

Aqui nessa letra, vibrei com o gingado das batidas e mixagem de sons, harmonizados pela transmissão de frases moldadas pelas vertentes feministas. Essa música traz a ousadia em conclamar a liberdade sobre o corpo da mulher, ser livre para ser feliz do jeito que quiser ser, usar as roupas, calçados, acessórios, entre outros que lhe agrada, e sobretudo, usa veste leves, isso é uma metáfora, convidando para pensar a necessidade de carregar consigo aquilo que for satisfatório e aprazível para si.

O cuidado não deve ser só com a estética exterior, buscando apenas seu próprio estilo de vida, mas sim cuidar de si, do seu interior, dos pensamentos e padrões impostos, os quais sinalizam e transmitem violências, além disso, é preciso ter o cuidado com as relações que adoecem, isso é de fundamental relevância mediante ao contexto regado de percalços e valores fundamentados numa perspectiva hierarquizada e homogeneizadora.

**Figura: análise 11**



**@espectadora. feminista:** Nessa estrofe é evidenciado o poder da mulher, cujos argumentos estão pautados na quebra de paradigmas. Essa mulher usa a voz como sua própria ferramenta, ela cria seu próprio posicionamento, segue na empreitada de combate e protesta contra as múltiplas violências. Para além disso, essa mulher deixa explícito o quanto está disposta a lutar acerca da cisnormatização relacionada ao corpo feminino. Essa mesma mulher declara que tem o poder sobre o seu próprio corpo, e sobretudo, não aceita a condição de inferioridade.

**@espectadora. feminista:** Além disso, há manifestação do pensamento de uma mulher determinada, que tem noção do quanto é importante o seu posicionamento. A voz dessa mulher sinaliza a força e a garra ao lutar contra os mecanismos de violências e silenciamento dos corpos femininos.

Em conformidade com a autora Patrícia Rio Collins (2018, p. 53), “[...] raça, classe e gênero ainda constituem formas de opressão que se interseccionam, mas as maneiras pelas quais elas se organizam hoje para produzir injustiças sociais diferem daquelas de épocas anteriores”. Mediante a isso, as relações sociais, assim como as pessoas são complexas e contraditórias, não cabendo aqui auto definições.

As questões feministas auxiliam para práticas de reflexões necessárias, para além disso, o pensamento feminista constitui-se de perspectivas diversas e contraditórias. Não pode ser visto como um espaço fixo e conclusivo, no entanto o conhecimento produzido ajuda a questionar e romper com as barreiras que afetam negativamente a condição de ser mulher no mundo.

Essa letra bate de frente com as concepções machistas, provocando vários questionamentos e respondendo de forma irônica e afrontosa os conceitos segregadores, dando um recado direito às opressões e violências. Partindo da perspectiva que a vertente feminista visa igualdade social, política e econômica entre os sexos, essa música ecoa de forma potencializada, promovendo a prática de questionamento referente a naturalização de construções sociais cispatriciais.

Figura: análise 12



Fonte: instagram: @espectadora.feminista. Ano 2020.

**@espectadora. feminista:** O racismo velado tem suas camadas profundas na sociedade. Este é um problema histórico que está estruturado na sociedade. É comum as pessoas afirmarem que não são preconceituosas, porém suas práticas e falas sinalizam o oposto da situação. O problema maior é quando não há reflexão de tais práticas. O racismo velado é aquele que usa de subterfúgio a camuflagem, cujos posicionamentos e os dizeres estão pautados em esconder, com intuito de não confrontar ou revelar o racismo.

**@espectadora. feminista:** Percebo que é de suma importância trazer para o campo do debate a problematização do racismo, desmascará-lo deve ser o caminho e não simplesmente fingir que não existe, isso contribui para a manutenção dessa violência. Dessa forma, esconder o racismo é neutralizá-lo, é, portanto, contribuir para que este seja reproduzido sem reflexão.

A presença de saberes coletivos de mulheres negras desafia duas interpretações predominantes a respeito da consciência dos grupos oprimidos. A primeira afirma que os grupos subordinados se identificam com os poderosos e não têm interpretação independente válida de sua própria opressão. A segunda pressupõe que os oprimidos são menos humanos que aqueles que os dominam, e, portanto, menos capazes de interpretar suas próprias experiências". (COLLINS, 2018, p. 67)

Vejo que as mulheres negras passam por desafios e obstáculos parecidos, entretanto é preciso ter o cuidado de não generalizar as experiências, afirmando que são iguais, são, portanto, pessoas diferentes em suas interpretações e vivências. Desse modo, cada mulher reproduz saberes experienciais distintos por meio das suas reações particulares. É importante perceber isso, pois não existe um ponto de vista homogêneo da mulher negra.

Por isso, a ideia de uma coletividade não quer dizer que os sujeitos não são diferentes, a pauta do feminismo negro ajuda a questionar as estruturas de opressão, mas essas raízes estão enraizadas no interior das práticas sociais em vários espaços, desse modo, padrões, violências, preconceitos, posicionamentos machistas e sexistas, podem ser propagados por mulheres negras de forma consciente ou inconscientemente. Quando isso, acontece, o movimento negro é atacado de forma violenta, já que contradiz aquilo que se defende.

No entanto, cabe ressaltar que é perigoso continuar odiando as pessoas, bem como desqualificar os movimentos ativistas, isso porque é possível sofrer e praticar violência, visto que existem estruturas cispatriarcalistas, racistas, sexistas, machistas, entre outras, operando de forma ativa no processo de constituição dos sujeitos. Desse modo, não consigo visualizar vidas negras, arquetípicas ou sem serem influenciadas pelo meio que vive. Além disso, existe a heterogeneidade feminina, e isso, é importante considerar e entender!

Pessoas não podem ser um padrão a ser seguido, nem mesmo podem ser completamente desconstruídas ao ponto de não receberem as influências das opressões interseccionais, pois se fosse assim, o mundo seria melhor e mais humano. Vejo que a realidade coerente, é buscar seguir um caminho de luta ativa e perseverante contra os sistemas de opressão, que por sua vez segrega, marginaliza, exclui, inferioriza, entre outros.

Em consonância com a autora Patrícia Rio Collins (2018), é preciso perceber e estar sensível a compreender que as experiências estão interligadas pelas esferas de poder que afetam as pessoas, e além disso, tem sua composição heterogênea ou multifacetada. Dessa forma, conseguimos visualizar as táticas de opressão por meio dos discursos, instituições familiares, religiosas, na universidade, na música, entre outros.

Figura: análise 13



Fonte: instagram: @espectadora.feminista. Ano 2020.

**@espectadora. feminista:** Essa letra traz de forma crítica qualquer tipo de opressão e violência. A palavra "Kaça" é usada como metáfora para transmitir a ideia de quem está no comando, é justamente essa mulher; ela veste-se de coragem e de orgulho por ser quem é. Ela não aceita que o outro a oprima. Ela é uma mulher que se posiciona e mexe com as estruturas impostas ao universo feminino, as questões de raça. Essa mulher não aceita imitação, ela é original, ela é singular, cheia de poder, brilhando por onde passa.

**@espectadora. feminista:** A determinação dessa mulher é a chave para romper com os protocolos relacionados a feminilidade. Na seguinte estrofe: *"Eu bem que te avisei/ Criei minha própria lei/ Eu sei o que passei/ No meu reino não tem rei"*. (CONKA, 2018),

**@espectadora. feminista:** Ela está pronta para combater o racismo. Essa mulher sabe do seu poder, da sua força. Ela assume o trono, mandando no seu próprio corpo na sua própria vida. Ela segue escrevendo sua história. Ela sabe muito bem o que passou e não está disposta a reproduzir a subalternização, mas sim está pronta para guerra, porque aprendeu com as dores, com as vivências a ser forte e reconhecer que ela não tem culpa pelas violências transmitidas pela sociedade.

Ao escutar a letra “kaça”, várias imagens sobreviveram, o tom dessa letra revela a luta pela própria evolução, desprendendo das amarras violentas, com vistas a ser caçadora de si mesma, pronta para transformação em vários setores sociais. Essa letra possui um tom ácido e subversivo contra o discurso cispatriarcalista e racista. Nessa letra a busca constante de ser um “eu” que busca a libertação das esferas cisnormativas e de poder, além disso, busca a desconstrução dos estigmas e da matriz de opressão.

**Figura: análise 14**



Fonte: instagram: @espectadora.feminista. Ano 2020.

**@espectadora.feminista:** Essa música contribui para pensar em corpos diversos, distintas maneiras de ser e estar no mundo. Essa letra é uma poesia que permite pensar a força das mulheres e que elas tenham o direito de ser quem quiser ser, sem serem apontadas, julgadas ou condenadas pelo fato de decidirem sobre o seu próprio corpo. Sem culpa, sem restrição, sem imposição, sem padrão, sem normatização, que as mulheres sejam felizes e conscientes da beleza e da potência que é ser mulher no mundo. Por um mundo plural, aberto ao diálogo, ao acolhimento, ao afeto, um mundo mais humano.

O feminismo negro continua sendo importante porque as mulheres negras constituem um grupo oprimido nos Estados Unidos. Como coletividade, elas participam de uma relação dialética entre a opressão sofrida e o ativismo exercido. Relações dialéticas desse tipo significam que dos grupos são

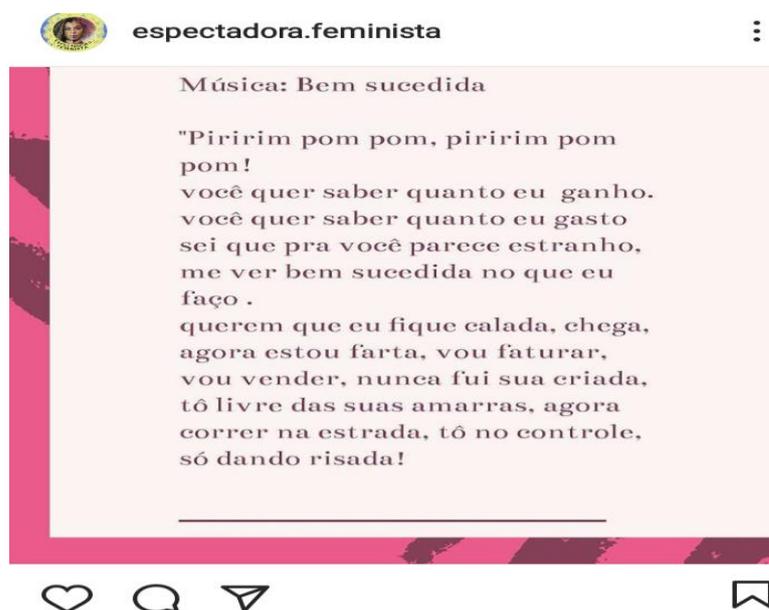
contrários e opostos. Enquanto persistir a subordinação das mulheres negras dentro da opressão interseccionais de raça, classe, gênero, sexualidade e nação, o feminismo negro como resposta ativista a essa opressão continuará sendo necessário” (COLLINS, 2018, p. 63)

O pensamento feminista negro contribui no processo de partilha de conhecimentos, bem como no fortalecimento de conexões entre as mulheres e outros sujeitos diversos. Além disso, a vertente feminista negra não deve ser vista como imutável, visto que há fatores de convergência e divergência dentro do próprio movimento. As pessoas são plurais, mas cada uma tem suas vivências e particularidades. Toda teoria é passível de mudanças e transformações, assim como as pessoas estão em processo constante.

Enquanto houverem opressões e violências interseccionais contra mulheres, será necessário falar sobre a relevância do movimento feminista negro, a fim de contribuir na luta de libertação e desconstrução dos estigmas, estereótipos, preconceito, entre outros. Portanto, é de suma importância resistir e combater à opressão em respostas às práticas violentas, como também as ideias que as justificam. Desse modo, a visão feminista negra contribui no processo de valorização dos corpos e combate da injustiça social, sustentada por meio de opressões interseccionais.

Essa letra, traz as marcas da oralidade poética dialogando com a narrativa de vida da artista e coopera para criar a possibilidade de um espaço musical subsidiado pela perspectiva da transformação, assim a obra de arte pode oferecer um conteúdo crítico que elucide e incentive a criatividade de suas/es ouvintes.

### Figura: análise 15



Fonte: instagram: @espectadora.feminista. Ano 2020.

**@espectadora. feminista:** Essa letra problematiza as desigualdades sociais, de gênero, além disso, contribui na divulgação do pensamento crítico sobre o racismo. Este é uma das raízes que propiciam diversas desigualdades. Nessa esteira de pensamento, o racismo está presente em vários espaços sociais, limitando os sujeitos e reduzindo-os a partir das práticas de opressão.

Desse modo, de acordo com Collins (2019, p.33) “ [...]opressão é um termo que descreve qualquer situação injusta em que, sistematicamente, e por um longo período, um grupo nega a outro grupo o acesso aos recursos da sociedade”. É comum em uma sociedade racista, ditar os papéis sociais de quem deve alcançar lugares altos, quem deve ocupar os espaços de destaque, assim, também, acontece com os corpos que se encontram em posição de inferioridade e subalternidade.

**@espectadora. feminista:** Essas pessoas são: cisbrancas, cisheterossexual, entre outros. Quando uma pessoa negra consegue ocupar espaços negados a ela, é rotineira as perguntas fiscalizadoras, baseadas no tom de espanto, perguntando: como foi possível conquistar aquele lugar? Mediante a essa problemática do racismo, o qual está estruturado na sociedade, essa cantora, entretanto, declara com muita força e luta que está presente em um lugar, ao qual sempre sonhou. O próprio título da música reflete o pensamento contra hegemônico, pois ela enquanto mulher negra tem rompido com essa estrutura que subjuga os corpos, inferiorizando-os.

**@espectadora. feminista:** Essa letra ajuda a pensar o quanto é necessário resistir e lutar dia após dia, contra o racismo e as distintas violências. A voz que se faz presente nessa letra, é a da negritude. Embora a dor sempre esteve presente nos corpos negros, a batalha continua, esses mesmos corpos estão em busca de revigorar suas forças e seguir assumindo sua identidade, sua cor, sua religião, escrevendo outras narrativas que enaltecem a voz da negritude.

Ao escutar essa letra consegui captar a expressão e experiência de resistência, existência e reivindicação. Percursos necessários que contribuem para rasurar estruturas opressivas e, sobretudo redesenhar e articular estratégias discursivas para minar os processos de subalternização que afetam o universo feminino, o qual é múltiplo. Nesse esteira de pensamento, a poética elucidada nessa letra revela o desmascaramento, agenciado por meio de políticas de resistência, que confronta e combate à violência contra mulheres.



Fonte: instagram: @espectadora.feminista. Ano 2020.

**@espectadora. feminista.** Essa letra traz a leveza, a poesia ao trazer para o cenário da música a questão de ser mulher. A mulher nesse espaço discursivo, é aquela que encontra a liberdade de seguir sua vida e escolher o seu caminho, além disso, está determinada a viver de acordo com o panorama ao qual ela mesma projetou. Ela cria seu próprio destino.

Finalmente, as imagens de controle surgidas na era da escravidão e ainda hoje aplicadas às mulheres negras atestam a dimensão ideológica da opressão [...]. Quando falo em ideologia, refiro-me a um corpo de ideias que reflete os interesses de um grupo de pessoas. [...] as ideologias racistas e sexistas permeiam a estrutura social a tal ponto que se tornam hegemônicas, ou seja, são vistas como naturais, normais e inevitáveis. (COLLINS, 2018, p.35)

Em consonância com essa teórica as imagens de controle das mulheres negra ainda refletem o contexto da sociedade contemporânea, negando os direitos básicos, principalmente o da educação, ao falhar com as escolas sucateadas que além disso, esquece de dialogar com as questões de gênero e raça, sendo fundamental tratar sobre essas questões. Essas mesmas imagens de controle esquivam as mulheres de conquistar cargos altos por conta da perspectiva racista e machista, proibindo-as de avançar e progredir nos espaços: universidade, mercado de trabalho, na sociedade, entre outros.

**@espectadora. feminista.** É protegida pelos orixás, ela tem sua religião, tem suas crenças. Ela segue em frente, vencendo os desafios e barreiras. Ela rompe com o estigma de

que o universo feminino foi criado para servitude, serviços domésticos, entre outros. Ela não quer nada disso, ela quer sonhar, quer alcançar seus propósitos e sonhos grandes, pois nasceu para brilhar, para crescer. Ela é potência, é força, é mulher.

Ao escutar essa letra, pude perceber um espaço discursivo, movido pela bagagem da metáfora da mulher, o seu mundo, as suas escolhas, como seus passos foram definidos pela sociedade cispatriarcalista e racista. É preciso pensar a intersecção das desigualdades na qual uma única pessoa, a depender de suas características, pode se encontrar. É preciso o surgimento de vozes subversivas, bem como é de fundamental relevância perceber o processo identitário enquanto plural, cujas categorias sociais e estruturas são mutáveis e precisam ser desestabilizadoras.

Desse modo, essa letra elucida uma personagem feminina como protagonista, a qual pode revestir-se das ferramentas pautadas na luta, independência e força, isso não é casual, é uma forma de se posicionar contra estereótipos de gênero e reconstruir a imagem da mulher negra e periférica na sociedade e no mundo do Hip hop.

**Figura: análise 17**



Fonte: instagram: @espectadora.feminista. Ano 2020.

**@espectadora.feminista.** Nessa letra, a cantora Karol Conka deixa explícito o quanto as letras de suas músicas estão perpassadas pelo atravessamento da sua trajetória de vida. As suas músicas trazem uma bagagem de experiência, a qual tem o poder de impactar outras vidas.

A presença da vivência ganha forma e cor nessa música. Essa cantora declara a importância de discutir o quanto as vidas importam, todas as vidas precisam ser respeitadas. Principalmente em um país como o Brasil em que a morte das vidas negras tem sido naturalizada, além da falta de representatividade e presença desses sujeitos em diversos setores sociais.

Mediante o genocídio da população negra não binária, frente a realidade das relações de poder que atuam contra os corpos negros, é visível perceber as estruturas e ideologias racistas as quais atravessam essas vidas, reduzindo o seu lugar no mundo, impedindo as entrada na universidade e outros espaços sociais. É comum ver o extermínio da população negra, cujas mortes nem comovem a sociedade, que muitas vezes justificam essa situação como pessoas violentas que fizeram por merecer.

Para além dessa realidade há outra problemática do encarceramento em massa de pessoas negras, por questões de sucateamento na saúde, no sistema educacional, desemprego, miséria, entre vários outros fatores de exclusão e marginalização dessas vidas. O contexto atual, é marcado pelos atravessamentos históricos e sociais, subsidiados pelas instâncias de poder circunscrito no período colonial que reflete nos dias de hoje.

O passado deixou suas marcas profundas na contemporaneidade, mesmo após o período abolicionista, a escravidão, as práticas de racismo, a falta de oportunidade, a exclusão social de pessoas negras em setores renomadas ou elitizados tem sido uma exceção. O racismo é a raiz nefasta que se apresenta de múltiplas facetas e atua de forma ideológica, desumanizante, reforçando a ambivalência de grupos privilegiados que dominam outros grupos, colocando-os em situação de subalternização.

Mediante as diversas formas racistas e discrepância de gênero, faz necessário, lutar pelas visadas invisibilidades, questionar essas realidades, pois as vidas valem sim, ainda que a luta seja árdua e sangrenta, diante de tantos casos de violência, a vida precisa ser preservada e valorizada. Sigamos nessa empreitada!

**Figura: análise 18**



Fonte: instagram: @espectadora.feminista. Ano 2020.

**@espectadora. feminista.** Essa letra revela a força que o signo "mulher" carrega em sua essência. Este signo é repleto de múltiplos significados, cuja relação de feminilidade imposta precisa ser questionada. A multiplicidade em ser mulher, nessa letra, está relacionada ao combate constante à subordinação. As mulheres podem tudo e devem conquistar novos espaços: na família, no mercado de trabalho, na sociedade, entre outros. As mulheres precisam sempre questionar qualquer tipo de prática violenta. Aqui, elas prosseguem em oposição ao sistema opressor, sendo necessário resistir sem medo.

**@espectadora. feminista:** A voz mulher presente nessa música, está pautada no posicionamento crítico contra o racismo, machismo, entre outros. Ela sabe onde quer chegar, o que precisa fazer para vencer os obstáculos da vida. Ela sabe que tudo é histórico, é cultural, e que além disso todo e qualquer tipo de prática, comportamento e discursos podem ser questionados.

## 5.2 Artefato pedagógico: possíveis recomendações metodológicas

O meu método ou metodologia do trabalho com a música foi a criação da página do instagram, assim posso recomendar no momento que eu estiver em sala de aula um trabalho dentro da minha formação, pois sou licenciado em Letras Vernáculas, aproveitarei essa minha metodologia para propagação do saber, a fim de que possa aplicar em algum momento no espaço escolar.

Dessa forma, viso propor uma proposta de estudo pautada no poder da recepção e análise de músicas de artista negra e trans, por meio de um processo dialógico de escuta, de leitura e produção em alguma plataforma digital, para que outras pessoas tenham acesso e possam colaborar com a temática de relação étnico-racial.

Entendendo a música como uma produção cultural, acessível a diversos públicos e presentes em distintos ambientes. Quero externar nessas poucas linhas a indicação de interface da música com a temática de gênero, racismo, cispatriarcado, entre outras questões a serem abordadas no viés de relação étnico-racial. Mediante a essa perspectiva, trago a sugestão da música como um artefato pedagógico, com a finalidade de que os estudantes escutem a música em casa, porém será necessário a orientação acerca dessa temática.

Nessa empreitada os docentes no processo de orientação irão colaborar antes do processo de ouvir as letras, eles farão uma contextualização desse tema e logo após seguir com a colaboração de indicação de cantoras negras e trans. Os alunos poderão escutar a música em casa, selecionar algumas letras para o processo de escuta acompanhada de uma repetição e, por conseguinte, produzir textos de reflexões para levar para sala.

Em seguida, proponho que o profissional da educação faça uma roda de leitura para compartilhar saberes, além disso, será preciso recolher os textos para realizar o processo de correção, encaminhado para que os discentes façam a reescrita. Concluído essa fase, ficará a critério da professora/o a publicação desse saber em alguma plataforma digital, algumas delas são: *facebook, instagram e whatsapp*. Dessa forma, um trabalho articulado com a tecnologia amplia e fortalece a construção do conhecimento, criando uma rede de saberes, troca de comentário, reflexões, e sobretudo, é preciso valorizar as produções que visibilizam essas mulheres, fazendo ecoar essas vozes dentro e fora dos muros da escola.

### 5.3 Protocolo radiográfico das produções

#### **Estilo musical: hip hop ou rap: Artista Karol Conka**

Música: *Tombei*- feat. Produção musical: Tropkillaz (KondZilla), ano de 2015.

Música: *KAÇA*. Composição: Karol Conka. Álbum *Ambulante*. Ano de 2018

Música: *Bate a poeira*. *Batuk Freak*- álbum . Ano de 2013. Compositores: Conká, Nave

*Você não vai*- ano de 2013. Produções: showlivre.Compositores: Conká, Nave. gravadora DeckdiscMúsica: . Foi produzido por Nave Beats. Gravação 2009- 2013

*Sandália*- Compositores: Conká, Nave, Sapiência

*Desapego*- Karol Conká. *Boss in Drama*. Ano de 2018

*Vida que vale*- Karol Conká. A no de 2019

*Vogue do gueto*- Karol Conká. *Boss in Drama*. Ano de 2018.

#### **Funk: Artista Linn da quebrada**

Música: *Oração*- *Composição*: Linn da quebrada. Participação especial voz e piano: Liniker Barros. Ano de 2019

Música: *Bixa preta*- *Composição*: Linn da quebrada. Ano de 2017

Música: *Mulher*- *Composição*: Linn da quebrada. Ano de 2016. Áudio: Dré Guinness.

Música: *A lenda*-*Composição*: Linn da quebrada. Barros. Participação: Liniker PartEstúdio YB. 2017.

Música: *Talento*- *Composição*: Linn da quebrada. Produção musical: Dia e Grou. Ano de 2016.

Música: *Tomara* -*Composição*: Linn da quebrada e Davi Sabbag. Versão remix. Produção musical:Davi Sabbag. Mixagem e Masterização: Rodrigo Coimbra. Ano de 2020

Música: *Pirigosa*- *Composição*: Linn da quebrada. Produção: BadSista. Estúdio YB Music. Ano de 2017.

Música: *Submissa do 7º dia*- *Composição*: Linn da quebrada. Produção: BadSista. Estúdio YB Music. Ano de 2017.

Música: *Close certo*-*Composição*: Linn da quebrada. *Boss In Drama* ft .Linn. Participação especial: Danna Lisboa. Ano de 2017

#### **5.4 Cancelamento e processos de ódio na recepção: da espectadora individual para a coletividade do público**

Esse subtópico não trará aprofundamentos sobre essa questão, deixo essa sugestão para que sirva de indicação para possíveis pesquisas dentro dessa área. Desse modo, trarei meu posicionamento a respeito da cultura do cancelamento, especificamente da mulher negra, que é o foco deste estudo.

Mediante ao cenário midiático, a cultura do cancelamento tem aumentado entre as relações sociais, quer seja por meio dos programas televisivos, quer pelas instâncias das redes sociais. Atualmente, está sendo comum a crescente exposição de comentários e posicionamentos através da rede de internet, que contribui para ser o veículo de propagação dos argumentos em geral. Além disso, esse meio midiático tem se tornado o tribunal cruel a partir de alguma situação que reflita o momento presente.

Ideias distintas passam a ser virtualizadas e propagadas, as pessoas sentem-se à vontade em se posicionar a partir da rede de internet, pelo fato de não estarem presencialmente frente a frente. Daí, a liberdade tornar-se um fator propulsor para o crescimento dentro do espaço virtual, em conformidade com essa argumentação, é interessante pensar que a noção de cancelamento pode estar pautada na prática de exclusão, eliminação, bem como traz os indícios que elevam a tática de deixar de seguir alguma página, ser contrário a alguma opinião e posicionamento de artistas ou de qualquer outra figura pública.

O direito à liberdade de expressão das/os usuárias/os de rede social tem sido positivo e negativo, um dos aspectos positivos diz respeito à construção de um espaço discursivo aberto à rede de compartilhamento de ideias. Entretanto, um dos pontos negativos está relacionado a extrapolação que transcende uma relação respeitosa pautada no direito de liberdade de opinião diferente. Outra questão é que no calor do momento, o ódio tem transformado o espaço de liberdade de expressão a partir de posicionamentos tóxicos, sem se preocupar em respeitar o outro.

Uma análise que faço referente a essa assertiva, é que as/os usuárias/os por estarem praticamente escondidas/os por trás dos suportes virtuais, muita das vezes, sentem-se resguardadas/os das consequências divulgadas, que podem ser de caráter discriminatório, estereotipado, misógino, racista, preconceituoso, entre outro.

Acredito que já faz um tempo, que a cultura do cancelamento tem se consolidado, que de certo modo induz as pessoas a apoiarem ou não figuras públicas, isso vai desenvolvendo-se por meio de condutas que são tidas como reprovadas pela sociedade. Especificamente, em

tempos de pandemia, em contexto de isolamento social, muitas pessoas famosas têm sofrido com as intenções e ações canceladoras.

A prática do cancelamento tem sido uma mola propulsora de intencionalidade corretiva, preenchendo os requisitos da punição, dentro da lógica de ter um alvo para o ataque. Tenho percebido que o cancelamento deixa suas raízes ostensivas se for regada de linchamentos sociais, que propagam panoramas discursos de ódios, carregados de injúrias social, racial, intolerância, entre outros. As polarizações têm ganhado o centro das discussões.

Com vistas a esse cenário de propagação de discursos de ódios presentes na prática do cancelamento, o que coopera que as pessoas se tornam júris comprometidas com seu papel de julgamento. A lógica da cultura do cancelamento tem sido subsidiada em juízos de valor de certo e errado, acarretando na exclusão, ou eliminação da pessoa, de certa forma, é uma maneira de segregação.

Nesse tipo de cultura é possível ter acesso a recepção estética do público seguidor ou que é fã, assim, é perceptível situações movidas pela insatisfação e indignação. Uma das problemáticas do cancelamento está relacionada a anulação por completo da pessoa, o que sinaliza a falta de conversa, de diálogo, ou até a ausência de compreender o outro e sua complexidade, pluralidade de ser e estar no mundo.

Este ano de 2021, a cantora Karol Conka tem passado pela experiência de ser cancelada no programa Big Brother Brasil, além disso, sua carreira tem sido afetada, por conta do cancelamento que não só esteve relacionado a sua saída nesse reality show, como também tem colaborado para anulação massificada da imagem dessa cantora e do seu trabalho. Essa artista conseguiu desapontar seus fãs por meio dos seus comportamentos contraditórios que enunciaram violências contra pessoa negra na casa, além de comportamento xenofóbico, entre outros.

Devido aos comportamentos da cantora, o cancelamento foi a porta escolhida pelas/os espectadoras/es deste programa, muitos deles eram seguidores da Karol. Desse modo, o cancelamento atua como sanção acometida pelas/os espectadoras/es que julgam a violação das normas sociais ou quando há divergência de discursos produzidos e divulgados em rede nacional com o comportamento destoante.

A entrada e saída da cantora tem ocasionado o boicote da sua carreira que não se sabe como se recuperará, pois boa parte do seu público está insatisfeito com a postura da cantora, mesmo pós Big Brother Brasil. A cultura do cancelamento desencadeia efeitos imediatos que compromete a vida em geral dos famosos.

Muitos são os impactos do cancelamento, alguns deles refletem na vida pessoal, emocional, na esfera do trabalho, contrato com patrocinadores, entre outras questões referentes ao perfil e vida financeira dos artistas. A repercussão de uma imagem negativa custa caro em diversas situações, por exemplo, pode ocorrer a partir da divulgação de algum vídeo, falas, comportamentos que causam estranhamento e geram efeito de sentido negativados, rotulados e definidos, sem abertura para reflexão sobre determinado acontecimento.

A prática do cancelamento sinaliza e ganha corpo nas proposições moralistas, tendo como sentença punir a pessoa cancelada, o que coopera para desencadear uma leitura justiceira que perde por enquadrar as pessoas em uma caixinha, ou modelo ideal, pronto e definido. Desse modo, a leitura nesse espaço é constituída de forma rasa, sem abertura para diálogo ou até mesmo ampliar o horizonte da discussão.

O cancelamento envolve, entre outras ações, o boicote a essas pessoas, incentivando o não-consumo de seus produtos e até mesmo, contribui para pressionar para que marcas e instituições vinculadas a eles rompam contratos. O cancelamento também coopera para a negação da existência de alguém, reforçando o seguimento de seguir regras e adotar posicionamentos homogêneos, pois o erro de conduta ou determinado tipo de posicionamento, que por sua vez destitui, elimina uma figura que antes era tida como o centro, que era valorizada ou venerada.

Para além dessas questões apresentadas, a vertente do cancelamento sofrido pela artista Karol conka, é portanto, fruto de um sistema racista e machista que todo dia exclui e elimina pessoas negras, barrando a entrada em diversos setores sociais. O racismo se fortalece por meio dos espaços de poder que determinam quem vive, quem alcança patamares altos, entre outros. O cancelamento de pessoas pretas é sangrento, é ostensivo e usa a mesma ferramenta, isto é “ a palavra”, “a linguagem”, divulgada em ambientes diferentes em situações de comunicação distintas para efetivar práticas de discriminação, inferiorização e exploração de pessoas negras.

## **6. CONSIDERAÇÕES INCONCLUSIVAS**

Dentro do panorama do olhar coaduno com a escritora bell hooks (2019), colaborando no pensamento de que a visão sobre o outro é sempre um ato político e ideológico. Para além disso, a vida passa a ter significados distintos por meio da forma como vemos as pessoas, e espero que os nossos olhos sejam construídos através da prática de amor, de compreensão, de

sensibilidade ao enxergar o valor que cada vida tem, reconhecer a história, a vivência singular de cada um.

Vejo que o par de olhos que carregamos pode transformar e salvar vidas, como também pode ser muito perigoso ao disseminar o ódio, a discriminação, bem como a manutenção dos dispositivos de poder hierárquico, hegemônico, que por sua vez aprisionam os corpos, conduzindo as práticas de representação, a qual deslegitima saberes e pessoas e conseqüentemente poderá acarretar na concretização do epistemicídio, isto é, a valorização de um único saber, de uma única produção em detrimento de outros, os quais são excluídos, desvalorizados, entre outros.

Quero atribuir outro significado e sentido acerca do que chamamos de amor, essa palavra tão usada e pouco praticada. Percebo que esse termo é polissêmico, é indefinido, aberto a rasura e passível de mutação de referência semântica, isto é, a evolução de significado que por sua vez, é ideológico, político, social e cultural, não se restringindo apenas ao campo linguístico definido.

Sigo nessa empreitada, trazendo uma roupagem diferente ao falar de amor, deixo expresso nas entrelinhas desse texto que minha escrita é um ato de amor a outras mulheres, a outras vidas. A linguagem do amor se faz presente no tecido dessa produção ao trazer para esse campo de estudo a luta de outras mulheres, a resistência, a problematização de práticas de representação opressoras. Percebo o amor quando outras vozes aparecem em meu texto e que continuará a ser discutido no ambiente e em distintos espaços por onde eu passar.

Ideologicamente, quero que essas vozes ecoem, se façam presentes aqui, nesse espaço discursivo, que o protagonismo das mulheres negras e trans seja uma realidade contínua e essencial. Externar aqui a minha alegria em ouvir mulheres e parabenizar essas guerreiras pelas suas existências, por iluminar outros seres humanos e nos ajudar a repensar, a problematizar, a reeducar nossos olhares.

Nessa dinâmica de diálogo, o movimento cultural Hip hop e funk, poderá contribuir para a efetivação de uma consciência crítica, como também poderá corroborar para o processo de divulgação de estereótipos, racismo, sexismo e diversos tipos de práxis violentas. Esse estudo traçou o percurso teórico e metodológico a partir das letras de funk da Linn da quebrada e Hip Hop de Karol Conka, cumprindo com o objetivo de problematizar as questões de gênero, raça e classe no universo da música.

Foi possível identificar a partir do mapeamento dessa pesquisa, que as letras analisadas colaboram para discutir a importância de narrativas cantadas e escritas por mulheres negras e

trans, bem como auxilia para pensar o protagonismo de mulheres, desconstruir os padrões cisnormativos, cispatriarcado, cisgeneridade compulsórias, cisterossexualidade, entre outros.

Portanto, foi de fundamental relevância a trajetória desse estudo, o qual tem contribuído no meu processo enquanto profissional da educação e acredito que contribuirá para pensar outras pesquisas ou até mesmo contribuir no trabalho de outras professoras/es.

Penso, posteriormente, ampliar essa temática ou repensar o que foi escrito nesse processo, tendo em vista que o campo científico é um caminho aberto a novas oportunidades, mudanças, ressignificação e desafios. Que essa pesquisa extrapole os muros da universidade e faça parte de outros espaços, a fim de contribuir em forma de diálogo para um mundo melhor e que o respeito seja o alicerce das relações sociais.

## 7. REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ANTOLOGIA. **Trans. 30 poetas trans, travestis e não-binários**. São Paulo: Invisíveis Produções, 2017.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen, 2019.
- CARVALHO, Renata. Transfácio: Bem-vindes à era do traviarcado. LEAL, Dodi; DENNY, Marcelo. **Gênero expandido: Performancesosta e contrassexualidades**. São Paulo: Annablume, 2018
- COSTA, Pêdra. Close 7 revirando arquivos das vivas arqueologias: 10 anos de celebração e empoderamento anal da Solange, tô aberta!. LEAL, Dodi; DENNY, Marcelo (org.). **Gênero expandido: Performancesosta e contrassexualidades**. São Paulo: Annablume, 2018.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- BENEVIDES, Bruna G; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021 136p. ISBN: 9786558910138
- FOUCAULT, Michel. **A Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher ?** mulheres negras e feminismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa do Tempo, 2020.

\_\_\_\_\_. **Olhares negros: raça e representação.** São Paulo: Elefante, 2019.

KUNZRU, Hari. “Você é um ciborgue” Um encontro com Donna Haraway. TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

Lugones María. **Pensamento feminista: conceito fundamentais.** Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

MOMBAÇA, Jota. **Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência.** São Paulo: Incerteza Viva, 2016.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual.** Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 edições, 2011.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?.** Belo horizonte: Letramento; Justificando, 2017.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2010.

### Artigos e tese

ALCÂNTARA, Julie Caroline de; COELHO, Rafaela de Campos; SANTOS, Vanessa Matos dos. Universidade Sagrado Coração (USC), Bauru, SP. **Música: entre a Indústria cultural e a Cultura da Mídia.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Vila velha – ES, 22 a 24/05/2014.

BALDO, Maria Isabel. **HIP HOP: CULTURA DE RESISTÊNCIA E REEXISTÊNCIA A PARTIR DO CONHECIMENTO.** Grau Zero, Revista de Crítica Cultural, v. 3, n. 2, p101, 2015

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrílica e crítica: a supremacia racial e o branco anti-racista. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales.** Caldas, v.8, n.1, p.607-630, ene/jun, 2010.

CAZÉ, Clotildes Maria de Jesus Oliveira; OLIVEIRA; Adriana da Silva. **HIP HOP: CULTURA, ARTE E MOVIMENTO NO ESPAÇO DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.** IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador, 28/30 de maio 2008

CHIARI, Breno da Silva; LOPES, Guilherme Araujo, SANTOS, Hiram Godoy, BRAZ, João Pedro Gindro. **A cultura do cancelamento, seus efeitos sociais negativos e injustiça.** Toledo. Prudente centro universitário. 2017

COSTA, Pêdra. The Kuir Sauvage. **Concinnitas.** Rio de Janeiro, v. 01, n. 28, p. 355- 59, set. 2016

CURTÚ, Anamaria Brandi. **Música, educação e indústria cultural: o loteamento do espaço sonoro no espaço escolar.** Tese (Doutorado em Educação Escolar) -Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. 2011.

FISCHER, Stela Regina. **Mulheres, performance e ativismo**: a resignificação dos discursos feministas na cena latino-americana. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) - Escola de comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje. Anpocs. p.223-244. 1984.

LANZ, Letícia. **Ser uma pessoa transgênera é ser um não-ser**. Periódicus. Salvador, v.1, n. 5, p. 205-220, mai/out. 2016.

LEAL, Dodi Tavares Borges. **Performatividade transgênera**: equações poéticas de reconhecimento recíproco na recepção teatral. Tese (doutorado em Psicologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo 2018.

\_\_\_\_\_. **Iluminação Cênica e Desobediências de Gênero**. Revista Aspás. São Paulo, v.8, n.1, p. 24-40, 2018.

LEAL, Dodi; ROSA, André. **Transgeneridades em Performance**: desobediências de gênero e anticolonialidades das artes cênicas. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**. Rio Grande do Sul, v.10, n.3, p.1-29, jul.set.,2020.

LEAL, Sérgio José Machado. **Acorda Hip-Hop**: despertando um movimento em transformação. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

LUGONES, María. **Colonialidade e gênero**. Tabula Rosa. Bogotá. Nº 9: 73-101, jul-dez,2008. \_\_\_\_\_. Rumo a um feminismo descolonial. Estudos Feministas. Florianópolis. Set-Dez.2014.

Nunes, Aline de OLIVEIRA. **Performações Cassândricas**: cultivando artista e obras por meio dos Feminismos como cuidado de si. Tese (Doutorado em Artes) - Instituto de Artes. Campinas, São Paulo, 2019

Velardi, Marília. “Questionamentos e propostas sobre corpos de emergência: reflexões sobre investigação artística radicalmente qualitativa”. *Revista Moringa*, 9, nº 1, (2018).

VIANA, Lucina Reitenbach. **O funk no Brasil**: música desintermediada na cibercultura. Sonora Unicamp. V 3, nº 5, 2010.

## Sites

ALMEIDA, Silvio; **A cultura do “cancelamento” é antipolítica por excelência**. 2019. Disponível em: <<https://portaldisparada.com.br/cultura-e-ideologia/cancelamento-antipolitica/>>. Acesso em: 20 de fev 2021.

**APOCALIPSE CUIER**. Disponível em <<https://medium.com/@arianaoalves/4-poemas-de-tatiana-nascimento-3f0c3971b432>>. Acesso em: 20 de mar de 2021

CAMARA: <https://www.camara.leg.br/evento-legislativo/53184>. Acesso em: jul. de 2021

KER, João. Levanta e Luta: **Linn da Quebrada**: a terna (des)construção de uma artista que desafia os padrões com sua música. Disponível em:<https://revista>

híbrida.com.br/home/revista/edicao-1/levanta-e-luta-linn-da-quebrada. Acesso em: 18 fev.2020.

**Libération traz perfil de Linn da Quebrada, funkeira trans brasileira.** 2019. Disponível em:<https://www.uol.com.br/universa/noticias/rfi/2019/06/24/liberation-traz-perfil-de-linn-da-quebrada-funkeira-trans-brasileira.htm>. Acesso em: 18 fev.2020.

**Linn da Quebrada:** a bixa pode fazer um pedido. Disponível em:<https://www.kickante.com.br/campanhas/linn-da-quebrada-bixa-pode-fazer-um-pedido->. Acesso em: 18 fev.2020.

RIZAN, Thiago. **Por que os gays brasileiros devem ouvir a mensagem de Mc Linn da Quebrada.** 2016. Disponível em: <[https://www.huffpostbrasil.com/thiago-rizan/por-que-os-gays-brasileiros-devem-ouvir-a-mensagem-de-mc-linn-da\\_b\\_12740966.html](https://www.huffpostbrasil.com/thiago-rizan/por-que-os-gays-brasileiros-devem-ouvir-a-mensagem-de-mc-linn-da_b_12740966.html)>. Acesso em: 18 fev. 2020.

SARMENTO, Gabriela. **Linn da Quebrada avisa:** Não dou espaço para que tenham outras leituras da minha música. 2019. Disponível em:<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/rock-in-rio/2019/noticia/2019/09/06/nao-dou-espaco-para-que-tenham-outras-leituras-da-minha-musica-diz-linn-da-quebrada.ghtml>. Acesso em: 18 fev. 2020.

SENADO: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/134077>. Acesso em: jul. de 2021

TERTO, Amauri. **Linn da Quebrada:** “uso a música como arma. Como arma voltada pra mim mesmo”. 2017. Disponível em:< [https://www.huffpostbrasil.com/2017/10/06/mc-linn-da-quebrada-uso-a-musica-como-arma-como-arma-voltada-para-mim-mesma\\_a\\_23234549](https://www.huffpostbrasil.com/2017/10/06/mc-linn-da-quebrada-uso-a-musica-como-arma-como-arma-voltada-para-mim-mesma_a_23234549)>. Acesso em: 18 de fev, 2020.

Página do Instagram: Disponível em:< <https://www.instagram.com/espectadora.feminista/>>. Acesso em: 20 de Agos de 2020.

## Músicas

DRAMA, Boss In; QUEBRADA, Linn da. **Close certo.** Rio de Janeiro: Deckdisc, 2017. <Disponível em: <http://spoti.fi/2tOQbZX>>. Acesso em: 02 de fev. 2020.

QUEBRADA, Linn da. **Pirigosa.** São Paulo: Showlivre, 2017. Disponível: <<https://open.spotify.com/search/pirigosa%20linn%20da%20quebrada>>. Acesso em: 02 de fev. 2020.

\_\_\_\_\_ **Mulher.** Composição: Linn da quebrada. Ano de 2016. Áudio: Dré Guinness. Disponível: <<https://open.spotify.com/search/mulher%20linn%20da%20quebrada>>. Acesso em: 02 de fev. 2020.

\_\_\_\_\_ **Submissa.** São Paulo: Showlivre, 2017. Disponível em:<<https://open.spotify.com/search/submissa%20do%20linn%20da%20quebrada>>. Acesso em: 02 de fev. 2020.

\_\_\_\_\_ **Oração.** Gravadora Independente, 2019. Disponível:<<https://open.spotify.com/album/1fd0nTWXIIgfhGPNhz1Q>> . Acesso em: 02 de fev. 2020.

\_\_\_\_\_ **Tomara**. São Paulo: Showlivre, 2017. Disponível em:  
<<https://open.spotify.com/search/tomara%20linn%20da%20quebrada>>. Acesso em: 02 de fev. 2020.

\_\_\_\_\_ **A lenda**. São Paulo: Showlivre, 2017. Disponível em:  
<<https://open.spotify.com/search/A%20LEND%20linn%20da%20quebrada>>. Acesso em: 02 de fev. 2020.

\_\_\_\_\_ **Bixa preta**. São Paulo: Showlivre, 2017.  
<<https://open.spotify.com/search/bixa%20preta%20linn%20da%20quebrada>>. Acesso em: 02 de fev. 2020.

\_\_\_\_\_ **Talento**. Gravadora Independente, 2016. Disponível em:  
<<https://open.spotify.com/search/talento%20%20linn%20da%20quebrada>>. Acesso em: 02 de fev. 2020.

CONKA, Karol. **Bate a poeira**. Rio de Janeiro: Deckdisc, 2013. Disponível em:  
<<https://open.spotify.com/search/bate%20a%20p>>. Acesso em: 02 de fev. 2020.

\_\_\_\_\_ **KAÇA**. São Paulo: Sony Music, 2018. Disponível :  
<<https://open.spotify.com/search/KA%C3%87A>>. Acesso em: 02 de fev. 2020.

\_\_\_\_\_ **Sandália**. Rio de Janeiro: Deckdisc, 2013. Disponível em:  
<<https://open.spotify.com/search/sandalia>>. Acesso em: 02 de fev. 2020.

\_\_\_\_\_ **Você não vai**. Rio de Janeiro: Deckdisc, 2013. Disponível em:  
<<https://open.spotify.com/search/voce%20n%C3%A3o%20vai%20car>>. Acesso em: 02 de fev. 2020.

\_\_\_\_\_ **É o poder**. São Paulo: Sony Music, 2015. Disponível em:  
<<https://open.spotify.com/search/%C3%A9%20o%20poder>>. Acesso em: 02 de fev. 2020.

\_\_\_\_\_ **Tombei**. Milk Music, 2019. Disponível em:  
<<https://open.spotify.com/search/TOMBEI>>. Acesso em: 02 de fev. 2020.

\_\_\_\_\_ **Desapego**. 2018. Disponível em: <<https://open.spotify.com/search/DESAPEG>>. Acesso em: 02 de fev. 2020.

\_\_\_\_\_ **Vogue do gueto**. 2018. Disponível em:  
<<https://open.spotify.com/search/vogue%20do%20gueto>>. Acesso em: 02 de fev. 2020.

\_\_\_\_\_ **Vida que Vale**. 2018. Disponível em:  
<<https://open.spotify.com/search/VIDA%20QUE%20VALE>>. Acesso em: 02 de fev. 2020.